

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

MARCO AURÉLIO DINAMARCO

EM BUSCA DOS ELOS ROMPIDOS:
Um estudo sobre a importância do vínculo afetivo nas relações
familiares

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

MARCO AURÉLIO DINAMARCO

EM BUSCA DOS ELOS ROMPIDOS:
Um estudo sobre a importância do vínculo afetivo nas relações
familiares

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Serviço
Social sob a orientação da Professora
Doutora Maria Lúcia Rodrigues.

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

MARCO AURÉLIO DINAMARCO

EM BUSCA DOS ELOS ROMPIDOS:
Um estudo sobre a importância do vínculo afetivo nas relações
familiares

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

Banca Examinadora

SÃO PAULO
2009

DEDICATÓRIA

À Maria José, minha amada mãe, pelo amor, afeto e orações;

À Talita Lara, minha noiva, amiga e futura esposa, que me afeta com o seu afeto todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

Aos meus amigos, com os quais partilho este afeto constantemente.

À professora e orientadora Maria Lúcia Rodrigues, pela acolhida, afeto, paciência e sabedoria compartilhada.

Às professoras Maria Lúcia Martinelli e Denise Guelfi, que acreditaram e estimularam minha entrada na academia.

À AJAS, às famílias e adolescentes, protagonistas desta pesquisa.

Ao programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, pela atenção, ensinamentos e vivências durante o mestrado.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudo que permitiu a realização deste trabalho.

Enquanto eu respirar
Vou me lembrar de vocês.
Só enquanto eu respirar.
O Teatro Mágico

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo analisar a importância dos programas de socialização no resgate e fortalecimento dos *vínculos afetivos* do adolescente no âmbito familiar e social através da prática do assistente social. O estudo foi realizado na Associação Joseense de Ação Social localizada no município de São José dos Campos – São Paulo, tendo como ponto de partida a realidade de vida dos adolescentes que frequentam a organização. A AJAS desenvolve um projeto de socialização quando são favorecidos a acolhida, o desenvolvimento social do jovem e sua interação com a família. Nessa dinâmica, observou-se que, além de analisar a estrutura e as intervenções externas que abalam essas famílias, era preciso lançar um olhar específico para os conflitos internos que circundam suas relações familiares. Buscando compreender melhor essa realidade, realizamos um estudo qualitativo através da Técnica do Grupo Focal com aqueles que vivenciam essa realidade – jovens e seus familiares –, para compreender como se desenvolvem as relações familiares e seus campos de fragilidades. Entre outros aspectos foi possível constatar que mesmo morando sob o mesmo teto, essas famílias não conseguem manter uma convivência familiar estável entre seus membros e que a falta de diálogo, respeito e afeto, foram considerados os maiores causadores dos conflitos internos que enfraqueciam a unidade familiar. Outro ponto a ser ressaltado é que mesmo em meio a tantas interferências instaladas no seio da família, certamente há iniciativas de resistência, desejos de reconstituição ou de manutenção dos vínculos e envolvimento afetivos, mas eles precisam ser estimulados e fortalecidos, potencializando-os para o enfrentamento e superação de suas vulnerabilidades.

Palavras chaves: Vínculo, Afeto, Vínculos Afetivos, Adolescente, Família.

ABSTRACT

This Master's degree research paper aims to analyse the importance of the social programs in the recovery and strength of adolescent's emotional links in his / her family and social scopes through the practice of the social worker. This study was carried out at the São José dos Campos's Social Work Association (AJAS), in the State of São Paulo, having as starting point the real life of the adolescents who frequent this organization. AJAS organization develops a social project which enables the welcome of youngsters, their social development and family interaction. Through this dynamics, it was noticed that besides analyzing the external structure and interventions that disturb these families, it was also necessary to take a specific look at their internal conflicts. Trying to have a better understanding of this reality, we have conducted a qualitative study using the Focus Group Technique on those youngsters and families who really experiment it to understand how their relationships and fragilities are developed. Among other aspects, it was possible to detect that the lack of dialogue, respect and affection has been considered the greatest cause of the internal conflicts which weaken the family unity. Another important issue is that even with the presence of lots of other interferences, there certainly are those who have initiatives of resistance and wishes of recovery or maintenance of the emotional links, but they still need to be stimulated and encouraged to become more powerful so that they can face and overcome their vulnerabilities.

Key words: Link, Affection, Emotional Links, Adolescent, Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – O Vínculo Afetivo.....	13
1.1 – Aproximação ao objeto de estudo.....	13
1.2 – O afeto que afeta o feto.....	17
1.3 – O eu que precisa do nós.....	20
1.4 – A base segura.....	22
1.5 – O rompimento dos vínculos afetivos.....	24
CAPÍTULO II – Desvendando a AJAS.....	28
2.1 – O vínculo com o Terceiro Setor.....	28
2.2 – AJAS: A história.....	32
2.3 – O projeto social da AJAS.....	37
2.4 – Perfil estrutural da AJAS.....	41
2.5 – Perfil do público atendido.....	43
CAPÍTULO III – Procedimentos Metodológicos.....	45
3.1 – Composição do grupo focal.....	45
3.2 – Organização e desenvolvimento do grupo focal.....	51
3.3 – Análise dos dados.....	52
CAPÍTULO IV – A Prática Profissional do Assistente Social na AJAS...	54
4.1 – A família e seus arranjos.....	54
4.2 – Paternidade e maternidade (des) conhecida.....	61
4.3 – Os elos que vinculam.....	66
4.4 – Suporte social: Resgatando os vínculos afetivos.....	71
4.5 – A sociabilidade que fortalece os vínculos.....	77
4.6 – Afeto: Plataforma de lançamento.....	86
4.7 – Sonhos de um futuro assustador.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
BIBLIOGRAFIA.....	102
ANEXOS.....	109

INTRODUÇÃO

Atualmente, muito se tem discutido sobre a sobrevivência da família em meio às mudanças estruturais e conjunturais no contexto societário ao qual está sujeita.

O empobrecimento social descomedido, gerado por um modelo econômico capitalista excludente, concentrador de rendas, ampliado pela falta de políticas públicas, faz com que comportamentos adversos se instalem no seio familiar afetando diretamente sua tarefa primordial de cuidado e proteção de seus membros e um de seus maiores valores, o afeto. (Mioto, 1997)

Segundo alguns estudiosos, essa é a principal força que explica a importância da família na história humana. É o que faz com que ela seja o único grupo que promove, sem separação, a sobrevivência biológica e humana, isto é, a sobrevivência na concepção espinosana de movimento, ao mesmo tempo de conservação e expansão. Não cinde razão, emoção e ação, nem eficácia instrumental estética. Ao contrário, sua eficiência depende da sensibilidade e da qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos entre os indivíduos do grupo no decorrer da sua história. (Sawaia, 2005)

O objeto apreciado nesta pesquisa é o vínculo afetivo entre o adolescente, a família e a instituição, como mediador de intervenção protetiva, educativa, de autonomia e independência, quando buscamos analisar como ele tem se constituído na vida das famílias inseridas na AJAS.

Entendida como “um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos” (Mioto, 1997), foi observado que essas famílias encontram dificuldades em desempenhar a tarefa delicada e complexa que lhe foi confiada: de ser o principal agente de socialização da sociedade. (Lasch, 1991)

Sendo uma instituição social historicamente condicionada e dialeticamente articulada com a estrutura social na qual está inserida, essas famílias sofrem perdas em seu potencial protetivo, necessitando elas próprias de proteção social diante das privações, vulnerabilidades e violações que abalam o núcleo familiar.

Sem dúvida, as famílias brasileiras, especialmente as de camadas populares, estão sendo severamente pressionadas pela política econômica do governo. Ao invés de tal política assegurar condições mínimas de sustentação das famílias (renda, emprego, segurança, serviços públicos de qualidade, etc.),

ela vem desencadeando situações que são fontes geradoras de estresse familiar (migrações, desemprego, ausência de serviços públicos). (Mioto, 1997)

Residindo na periferia da zona sul do município de São José dos Campos, essas famílias têm o endereço como uma fonte geradora de preconceitos na sociedade. Suas casas são inacabadas, sem conforto e dividida com outros membros da família devido à composição familiar numerosa e a falta de condições financeiras de possuírem seu próprio espaço, o que compromete a privacidade uns dos outros.

As escolas dos filhos mais parecem prisões do que Centros Educacionais, onde as aulas são interrompidas constantemente devido a atos de vandalismo e os poucos lugares de lazer são dominados pelas gangues locais.

Como estabelecer vínculos se as crianças são matriculadas aos quatro meses em creches, aos seis anos em escola integral e aos quatorze anos, obrigados a trabalhar para ajudar a família, sem garantia de ganho fixo ou de qualquer benefício previdenciário?

Quando os pais estão empregados, geralmente, sofrem com a carga horária extensa, com uma atividade penosa e um rendimento com o qual não conseguem suprir as necessidades básicas de uma família numerosa, comprometendo a convivência familiar. Quando não estão empregados e vivem dos chamados “bicos”, as crises e os conflitos internos são ainda maiores e se

generalizam atingindo todos os membros da família e, o momento que seria para a intimidade e o afeto se transforma em autoritarismo, agressão e isolamento.

Neste contexto, os filhos crescem e se desenvolvem sem um acompanhamento acolhedor e íntimo por parte dos pais, fundamentais nesta fase da vida. Sem um vínculo forte estabelecido, as dificuldades em expressar afeto se tornam evidentes na convivência familiar no decorrer dos anos.

À medida com que essas famílias não encontram soluções adequadas para os desafios que enfrentam em seu cotidiano, apresentam inúmeros problemas internos e externos e recorrem à ajuda institucional, pois não dispõem de ferramentas para lidar com suas dificuldades.

Como falar de vínculos afetivos diante da opressão que consome suas vidas diariamente?

Como criar vínculos se a maioria desses sujeitos já nasce sem a presença dos pais ou os perdem ainda nos primeiros anos de vida?

Como cobrar afeto dos pais se os mesmos não o receberam e agora se entregam ao trabalho penoso para sustentar a família?

Como estabelecer vínculos se lhes falta privacidade, a escola reprime, as ruas viciam, a sociedade oprime pregando o individualismo, o materialismo, a competitividade excludente, o medo e o ceticismo?

São essas inquietações que direcionam nossos estudos nesta dissertação: buscamos compreender os motivos que estão levando as famílias a perder a sensibilidade na convivência familiar, suas questões internas e suas implicações para a sociedade, as questões externas e suas consequências para a família e como a Associação Joseense de Ação Social – AJAS, através de seu programa de socialização, que tem como objetivo, o resgate e o fortalecimento dos vínculos afetivos do adolescente no âmbito familiar e social, se propõe a enfrentar esses desafios, relacionando-os diretamente à intervenção profissional.

Para isso, o conteúdo desta dissertação foi organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, *O Vínculo Afetivo*, buscamos uma aproximação ao objeto de estudo quando analisamos os conceitos que deram luz à realidade pesquisada e para isso as contribuições de Pichon-Rivière, John Bowlby e Boris Cyrulnik foram de extrema importância para fundamentar nossas reflexões.

O segundo capítulo desta dissertação, *Desvendando a AJAS*, apresenta a Organização Não Governamental – ONG e seus marcos legais: trata de suas primeiras iniciativas através da escolinha de futebol, do projeto sociocultural, até os dias atuais com a criação do Centro de Convivência, até o momento em que a AJAS passa a atuar com a família de modo mais integral.

No terceiro capítulo, *Procedimentos Metodológicos*, apresentamos uma pesquisa, especialmente realizada através da técnica do Grupo Focal para obtermos dados empíricos que dessem embasamento para o objeto analisado. Foram organizados dois grupos de adolescentes e um grupo de mães que muito contribuíram para os resultados obtidos.

No quarto capítulo, *A Prática Profissional do Assistente Social na AJAS*, são analisados os principais dados obtidos através do Grupo Focal, separados por temáticas que emergiram nos relatos dos sujeitos, fazendo uma relação dos dados com a teoria pesquisada e com as ações do profissional do Serviço Social.

Para finalizar, ressaltamos as principais contribuições que a pesquisa revelou, os desafios, as possibilidades e as conquistas que o modelo de intervenção adotado pela AJAS tem proporcionado a esses sujeitos através do Serviço Social.

Nada reforça mais a necessidade de família
do que a falta de família.

O desejo de vínculos
do que o rompimento de vínculos.

O anseio por afetos
do que a ausência de afetos.

John Bowlby

CAPÍTULO 1 – O VÍNCULO AFETIVO

1.1 – Aproximação ao objeto de estudo

Até meados da década de 50, predominava um ponto de vista explicitamente formulado sobre a natureza e origem dos vínculos afetivos que sustentava que estes só aconteciam devido a certos impulsos, como a necessidade de alimentação na infância e de sexo na vida adulta.

Neste período, era largamente aceita a idéia de que a criança desenvolve um forte laço com sua mãe pelo fato de que esta a alimenta. Se isto fosse comprovado, a criança com um ano de idade se apegaria a qualquer pessoa que lhe oferecesse o alimento.

No contexto cultural da época, o crescimento das crianças era pensado com a ajuda de metáforas vegetais: se uma criança cresce e ganha peso é porque a semente é boa, o que justificava as decisões educacionais dos adultos. As boas sementes, na verdade, não têm necessidades de famílias e de sociedades para se desenvolver. O bom ar do campo e uma boa alimentação seriam suficientes. Quanto às sementes ruins, é preciso arrancá-las para que a sociedade volte a ser vitoriosa.

Na mesma época, o psicólogo John Bowlby, um dos principais teóricos especializado no desenvolvimento humano, levantou a mais forte das paixões ao propor que o paradigma da relação entre mãe e filho era definido em todos os seres vivos, humanos e animais, pelo conceito do afeto.

Assim, Bowlby lançava um novo olhar sobre a afetividade retratando-a como uma força biológica, uma comunicação material, um liame sensorial que une os seres vivos e estrutura entre eles um verdadeiro órgão de coexistência, que evolui conforme as condições maturais de cada pessoa e as formas de expressões diferenciadas que configuram como um conjunto de significados que o indivíduo adquire nas relações com o meio, com a cultura, ao longo da vida. (Bowlby, 1989)

Esse conjunto de significados representa para cada pessoa as diferentes situações e experiências vivenciadas em determinado momento e ambiente social, o que conclui que a afetividade não permanece imutável ao longo da trajetória da pessoa.

Para o autor, essa junção entre vínculo e afetividade é definida como qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerado mais apto, mais sábio para lidar com o mundo, que fornece um comportamento de segurança forte e de grande extensão, que encoraja a pessoa a valorizar e continuar a relação.

Essa vinculação é o resultado do comportamento social de cada indivíduo, diferindo-se dos demais indivíduos com os quais esteja se relacionando, o que implica uma aptidão para reconhecer indivíduos.

Bowlby ressalta que, o que se sabe acerca da ontogenia dos vínculos afetivos, sugere que estes se desenvolvem porque a criatura nasce com uma forte inclinação para se aproximar de certas classes de estímulos, notadamente os que lhe são familiares, e para evitar outras classes de estímulos, os estranhos. Quanto à função, a observação de animais em seu habitat natural sugere nitidamente que a função biológica de quase toda, senão de toda a vinculação entre indivíduos da mesma espécie, é a proteção contra predadores, uma função tão importante quanto à nutrição ou a reprodução para a sobrevivência de uma população, mas que, geralmente, tem sido menosprezada por investigadores confinados entre quatro paredes de um laboratório e preocupados apenas com o homem que vive em sociedades economicamente desenvolvidas.

Essa teoria considera a propensão para estabelecer vínculos afetivos íntimos com indivíduos especiais como um componente básico da natureza humana, já presente no neonato em forma germinal e que continua na vida adulta e na velhice.

Durante a primeira infância, os vínculos são estabelecidos com os pais, que são procurados para proteção, conforto e suporte. Durante a adolescência e a vida adulta esses vínculos persistem, sendo, no entanto, complementados por novos vínculos.

Embora alimento e sexo tenham, às vezes, papéis importantes nas relações de afeto, essa vinculação existe por si só e tem função primordial de sobrevivência e proteção. Inicialmente, o único meio de comunicação entre a criança e sua mãe é através da expressão emocional e do comportamento que a acompanha.

Contudo, mesmo suplementada pela fala, a comunicação mediada pela emoção persiste como um traço principal das relações pelo resto da vida.

Esta é uma das principais razões que evidenciam que o padrão de relações familiares que uma pessoa experimenta durante a infância se reveste de uma importância tão decisiva para o desenvolvimento de sua personalidade.

A capacidade de estabelecer vínculos afetivos com outros indivíduos, às vezes, no papel do sujeito que busca ser cuidado, é considerado como traço principal do efetivo funcionamento da personalidade e saúde mental.

O funcionamento da personalidade saudável em toda e qualquer idade reflete, em primeiro lugar, a capacidade do indivíduo para reconhecer figuras adequadas que estão dispostas e aptas a proporcionar-lhe uma base segura, e, em segundo lugar, a sua capacidade para colaborar com essas figuras em relações mutuamente significativas.

Buscar cuidados é característica do indivíduo mais fraco e menos experiente em relação a outro considerado mais forte e/ou mais sábio. Uma

criança, adolescente ou uma pessoa mais velha no papel de quem busca cuidados, mantém em relação ao protetor, um grau de proximidade ou de rápido acesso de acordo com as circunstâncias nas quais estiver inserida.

A Teoria do Vínculo desenvolvida pelo médico Pichon-Rivière, mestre da psiquiatria psicanalítica argentina, considerou o indivíduo como um resultante dinâmico-mecanicista não da ação dos instintos e objetos¹ interiorizados, mas sim, do interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos e externos em uma predominante relação de interação dialética, o qual se expressa através de certas condutas.

Aproximando seus estudos da psiquiatria social, Pichon analisa o indivíduo como um ser isolado, mas incluído dentro de um grupo, basicamente o familiar. Ao mesmo tempo, investiga a inclusão e significação que este grupo tem dentro da sociedade na qual está inserido. Da mesma forma, considera que somente através de uma tríplice investigação (psicossocial, sociodinâmica e institucional) é possível obter uma análise completa do grupo. Isso possibilita observar as tensões do indivíduo com os vários membros do grupo, analisar o grupo como uma totalidade em si e avaliar as funções do intragrupo. (Pichon, 2007)

¹ Tudo aquilo que um sujeito ou pessoa pode ter conhecimento, sobre o que pode tomar qualquer atitude ou a que pode responder; qualquer coisa, fase, aspecto ou parcela componente do meio em seu mais amplo sentido; uma unidade da situação que tem significado relativamente constante para uma pessoa. Finalidade, objetivo, propósito.

Na investigação psicossocial, analisa-se a parte do sujeito que se expressa para fora, que se dirige aos diferentes membros que o rodeiam, enquanto que o estudo sociodinâmico analisa as diversas tensões existentes entre todos os membros que configuram a estrutura do grupo familiar dentro do qual o sujeito está incluído.

A análise institucional consiste na investigação dos grandes grupos: sua estrutura, origem, composição, história, economia, política, ideologia, etc. O estudo da sociologia pode dividir-se em macrosociologia, que estuda os grupos mais restritos ou pequenos, inclusive os grupos familiares.

Pichon considera esses grupos como:

Um conjunto restrito de pessoas, que, ligadas por constantes de tempo e espaço e articulados por sua mútua representação interna, propõe-se, em forma explícita ou implícita, à uma tarefa que constitui sua finalidade. (Pichon, 1983:177)

É no grupo que o indivíduo é visto como um resultante dinâmico no interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos e externos, e sua interação dialética através de uma estrutura dinâmica, particular a cada caso e a cada momento, Pichon denomina vínculo, ou seja, uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto, e sua inter-relação com processos de comunicação

e aprendizagem, propondo o estudo da relação sujeito e objeto como uma espiral dialética, quando, tanto o sujeito como o objeto se realimentam.

O vínculo se expressa em dois campos psicológicos: interno e externo. É o interno que condiciona muito dos aspectos externos e visíveis da conduta do sujeito. O processo de aprendizagem da realidade externa é determinado pelos aspectos ou características obtidas da aprendizagem prévia da realidade interna, a qual se dá entre o sujeito e seus objetos internos.

O vínculo não se dá necessariamente de forma individual (duas pessoas), ele pode se dar de forma grupal, chegando a se estender a uma nação, o qual pode ser influenciado pelas mesmas características, as quais influenciam um vínculo estabelecido com duas pessoas (vínculo individual).

1.2 – O afeto que afeta o feto

Entre os autores pesquisados, o etólogo, neuropsiquiatra e psicanalista Boris Cyrulnik, é quem retrata com maior ênfase e propriedade a formação dos vínculos afetivos entre os seres humanos.

Para o autor:

O feto não constitui a pré-história, mas o primeiro capítulo da história de um ser e do estabelecimento misterioso do seu narcisismo primário. (Cyrułnik, 2004:30)

Em suas pesquisas na área da psicologia infantil, o autor concluiu que o processo de formação dos afetos começa nas pessoas ainda na gestação, se desenvolvem na primeira infância e depois com a expressão das emoções no decorrer dos anos.

Hoje, a ecografia permite afirmar que vida intra-uterina constitui o primeiro capítulo de nossa biografia.

“Nesse momento é formado o vínculo entre mãe e feto, denominado vínculo intra-uterino.” (Pichon, 2007:36)

O desenvolvimento intra-uterino dos canais de comunicação sensoriais está bem estabelecido. O tato constitui o canal primordial já na sétima semana. O paladar e o olfato, desde a décima primeira semana, funcionam como um único sentido quando o bebê engole o líquido amniótico perfumado por aquilo que a mãe come ou respira. As cavidades nasais e bucais do pequeno ficam cheias do líquido que ele vai provar, com o qual vai se familiarizar, e que só se modelará, só tomará forma específica, depois de seu nascimento.

Na décima quinta semana, seu repertório comportamental já é bastante diversificado: sobressaltos, movimentos do tronco, soluços, movimentos do diafragma, deslocamento de um braço, de uma perna, cabeça para frente, para trás, para o lado, mastigação, sucção, deglutição, bocejo e esticamento; isto, sem contar os movimentos complexos de rotação, rastejamento e natação. Essa ginástica intra-uterina já está submetida ao duplo condicionamento do cérebro da criança e do psiquismo da mãe, que o emprega com suas emoções.

“Muito antes de nascer a criança já não está dentro de sua mãe, está com ela.”

(Cyrulnik, 2004:32)

Na vigésima quarta semana, o som provoca uma vibração no corpo da mãe e vem acariciar a cabeça do bebê que se manifesta esperneando, usando a linguagem das mãos, afastando-as ou apertando-as, como pequenos cantores, ao passo que uma minoria quase não altera os batimentos cardíacos e permanece de braços e pernas cruzados.

A partir da vigésima sétima semana, o ruído muda de modalidade, não é mais uma invasão sonora que provoca uma resposta motora, como o sobressalto; é doravante o objeto de uma percepção ativa que o mantém a distância, o estrutura e lhe dá forma.

Quando a mãe cantarola, as frequências altas de sua vocalização são filtradas por sua própria substância; apenas as frequências baixas passam e vêm vibrar junto ao corpo da criança como uma carícia na parte mais sensível do mesmo: a boca. Os sons agudos, para passar, teriam que ser tão intensos que fariam o pequeno sobressaltar-se.

Toda a pele do feto fica em estreito contato com o líquido amniótico: a menor variação de movimento, de postura ou de crispção materna atinge o dorso do pequeno. Quando ela anda, quando se estica, quando se aborrece, o bebê recebe verdadeiras mensagens com as quais se sincroniza, mudando de posição.

Por volta do nono mês, o feto toma a iniciativa de seus comportamentos. Age menos em respostas à sua mãe e já manifesta um começo de autonomia. Ainda espremido na cavidade materna, inicia-se a separação.

Dá-se então, o aparecimento da vida psíquica. O mundo se polariza em um universo de sensações familiares, no qual o bebê bate palmas e muda suavemente de postura quando sua mãe fala; e um universo de sensações estranhas, quando ele se sobressalta, seu coração acelera, ele se retorce ou se enrijece quando a mãe grita e sofre, ou quando o ambiente transmite sensações estressantes que contraem o útero e muda o biótopo fetal. A angústia e a segurança são, assim, os primeiros afetos que estruturam a ecologia uterina.

Se a mãe e o feto não se apartassem sensorialmente antes do nascimento, o mundo da criança permaneceria não-significante, pois toda informação, tornando-se monótona, perderia seu poder estimulante, como o sopro da placenta, ao qual a criança não reage. E, sobretudo, se o tempo não se constituísse em objeto sensorial, seria impossível a utilização da memória e de suas experiências.

Este ritmo dessincronizado provoca um efeito estimulante que poderia estar na origem da vida psíquica. Sem esse desemparelhamento dos ritmos, o universo afundaria na repetição, os estímulos se sucederiam em um eterno presente sem se articularem com estímulos passados e sem antecipação. Mesmo que as capacidades cerebrais do feto estivessem instaladas, nada poderia se lhe integrar. Os estímulos sensoriais permaneceriam amodais, confusos, pastosos. Nenhuma substância tomaria forma.

O primeiro mundo mental do feto seria, pois, um mundo de representações organizadas em torno do afeto, prazer e desprazer. No útero, o bebê já organiza o mundo que percebe, isto é, os afetos maternos transmitidos pelos canais sensoriais que são percebidos e interpretados por ele.

O que compõe essa sensorialidade é, sem dúvida, a ecologia física, mas em especial a afetividade da mãe, sua maneira de reagir emocionalmente em função de sua história, de seu próprio desenvolvimento. A mãe cria assim, uma

ecologia afetiva muito diferente conforme se apresente hiperativa ou mórbida, estressada ou tranqüila. Assim, conclui-se que, seu meio conjugal e familiar e a sociedade em que vive, vão conjugar com sua própria história e com a organização de seu inconsciente e na interpretação daquilo que percebe.

A história da mãe, suas relações atuais ou passadas, participam da constituição dos traços de temperamento da criança que está por nascer ou que acabou de nascer.

Antes do primeiro olhar, do primeiro sopro, o recém-nascido humano é apanhado por um mundo em que a sensorialidade já está internalizada. É nesse mundo que ele terá que se desenvolver. (Cyrulnik, 2004:35)

O feto já não é mais um recipiente passivo. É um pequeno ator que procurará em seu meio os tutores que lhe convém, ligando dois fenômenos diferentes da natureza: a biologia e a história.

1.3 – O eu que precisa do nós

O eu só poderá existir no interior de um nós ao qual pertence.

Ao nascer, a criança se orienta prioritariamente para o outro, inicialmente para os adultos próximos, que lhe garantem a sobrevivência propiciando sua alimentação, higiene, descanso e etc. O bebê nasce e cresce em íntimo contato com o outro, o que lhe possibilita o acesso ao mundo. Ele expressa seu estado de bem ou mal estar por suas vocalizações, gestos e posturas que são percebidas, interpretadas e respondidas pelo outro, conforme sua vivência na cultura à qual pertence. A criança já nasce dentro desta cultura.

Sua constituição enquanto ser social e enquanto indivíduo, ao ser nomeado, inclui imediata e intrinsecamente uma família, toda a rede de parentesco ao qual estará vinculado.
(Vicente,2005:48)

As estratégias de socialização diferenciam-se muito cedo. Um traço do temperamento impregnado no bebê antes e depois do seu nascimento deve encontrar uma base de segurança parental. É com base nesse encontro que se edifica o primeiro andar ao estilo relacional.

A base inicial geralmente repousa em um triângulo. O recém nascido ainda não sabe quem ele é ou quem ele não é, pois nesta etapa de seu desenvolvimento um bebê é o que ele percebe. Ora, em seu primeiro mundo ele percebe um gigante sensorial, uma base de segurança que chamamos de mãe,

em torno da qual gravita uma outra base menos prenante que chamamos de pai. É nesse triângulo que todo recém nascido recebe as primeiras marcas do meio e descobre quem ele é através dos primeiros atos que ele efetua nesse meio. É nesse triângulo que se estabelecerá uma forte relação afetiva.

Os atores do triângulo interpretam roteiros sempre diferentes, que compõem meios bem desenhados, impregnam-se na memória da criança e constituem o embasamento sobre o qual o temperamento da criança constrói o andar seguinte.

Nessas interações, em que ela é significada e interpretada como menino ou menina, como chorão ou tranqüilo, como inteligente ou não, se constroem suas características. As pessoas com quem construíram vínculos afetivos são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica.

Ao pertencer a estes grupos, também já se estabelece quem são os outros e o universo de escolhas às quais estará sujeito de acordo com a cultura em que está inserido.

Desse momento em diante, essa família passa a ser sua base segura onde os vínculos se formarão e esse sentimento de proximidade afetiva se estruturará e criará raízes.

1.4 – A base segura

Há inúmeras constatações obtidas em estudos cuidadosos com adolescentes, jovens, adultos e crianças na fase escolar, que as emocionalmente mais estáveis e que aproveitam melhor as oportunidades, são aquelas cujos pais encorajaram a autonomia de seus filhos e estão disponíveis e prontos a responder quando requisitados. (Bowlby, 2006)

Essas pessoas desenvolvem melhor suas potencialidades quando estão seguras de que, na retaguarda, exista uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades. A pessoa em quem se confia, também definida como uma figura de ligação (Bowlby, 1969) pode ser considerada aquela que fornece uma base segura a partir da qual poderá atuar.

É unânime entre os autores pesquisados, que é na família que os indivíduos buscam essa segurança e formam sua personalidade seja qual for sua idade.

Essas personalidades bem adaptadas aumentam a possibilidade de apresentarem um bom equilíbrio entre iniciativa e autoconfiança, e a capacidade para buscar ajuda e fazer uso da ajuda quando a ocasião requer.

Embora neste ponto as provas sejam menos substanciais, a própria família foi, e ainda é, parte de uma rede social estável, em que a criança é acolhida e pode misturar-se com adultos e companheiros de sua idade; muitos dos quais lhes são familiares desde os seus primeiros anos de vida.

Cada estudo oferece o mesmo quadro: uma base familiar estável, a partir da qual, primeiro a criança, depois o adolescente e, finalmente, o jovem adulto se afasta em uma série de saídas cada vez mais longas. Ainda que a autonomia seja evidentemente encorajada em tais famílias, ela não é forçada e os laços não são quebrados. (Bowlby, 2006)

Para o autor, não há nenhum outro tipo de relacionamento no qual um ser humano se coloque de maneira tão irrestrita e contínua a disposição do outro como na família.

É na família que são estabelecidos os vínculos afetivos como um componente básico da natureza humana já presente no neonato, e que continua na vida adulta.

Para Pichon (1983), a família é vista como uma estrutura social básica, que se configura pelo interjogo de papéis diferenciados. O autor insiste na impossibilidade de se imaginar qualquer forma de organização social carente de estrutura familiar. Esta constitui a unidade indispensável de toda organização social através da história do homem.

A família adquire esta significação multidimensional para a humanidade porque, mediante seu funcionamento, fornece o marco adequado para a definição e conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papéis distintos, porém, mutuamente vinculados, que constituem os papéis básicos em todas as culturas.

A família só pode funcionar mediante as diferenças individuais que existem entre os seus membros, conforme os papéis que lhe são atribuídos. Se essas diferenças são negadas ou desatendidas, ainda que isso ocorra por parte de um só membro da família, modifica-se a configuração essencial que condiciona a vida normal, criando um estado de conflitos constantes.

Quando esses conflitos se agravam, a família deixa de ser a base segura, e com o aumento de suas vulnerabilidades, passa a desenvolver formas complexas de relações entre seus membros para sobreviverem.

1.5 – O rompimento dos vínculos afetivos

Vivemos em uma época como nenhuma outra em que a mais naturalizada de todas as esferas sociais, a família, além de sofrer enormes abalos internos, tem sido alvo de marcantes interferências externas. (Sarti,2005)

Recebendo o impacto das transformações advindas do contexto socioeconômico em que se insere, a família é motivo de constantes alterações que incidem sobre a qualidade da apreensão, da função e do desempenho de papéis intra e extra núcleo familiar.

A baixa qualificação da mão de obra, o aviltamento do trabalho, o desemprego, o analfabetismo, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a falta de afeto, cria no cotidiano dessas famílias, uma situação opressiva de penúria e precarização da capacidade de manter atendidos e protegidos os adultos e sua prole. (Yazbek, 2003)

Nas sociedades modernas, a pobreza não é somente o estado de uma pessoa que carece de bens materiais; ela corresponde a um status social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente a identidade de todos os que vivem essa experiência e pode ser analisada segundo o modelo weberiano de estratificação social, ou seja, observando-se três dimensões: a classe, o status e o poder. (Paugam, 2003)

Essas famílias não estão apenas privadas de recursos econômicos, exercem também pouca influência sobre o poder político e sua respeitabilidade corresponde, em geral, à sua posição social inferior.

Essa situação inviabiliza a família como unidade de reprodução da vida econômica e psicossocial, ou seja, compromete o espaço constitutivo dos vínculos familiares internos e externos. O tempo à convivência familiar torna-se escasso e esse processo favorece, frequentemente, o enfraquecimento da coesão familiar.

Yazbek considera que a pobreza brasileira é constituída de um conjunto heterogêneo, cuja unidade buscamos encontrar na renda limitada, na exclusão e na subalternidade e explica:

Do ponto de vista da renda, o que se evidencia é que para a grande maioria dos trabalhadores, com registro em carteira ou não, com contrato ou por conta própria, predominam os baixos rendimentos e a conseqüente privação daí advinda. Do ponto de vista da exclusão e subalternidade, a experiência da pobreza constrói referências e define “um lugar no mundo”, onde a ausência de poder de mando e decisão, a privação de bens materiais e do próprio conhecimento dos processos sociais que explicam essa condição ocorrem simultaneamente a práticas de resistência e luta. (2001:63)

Observa-se que essa pobreza vai além dos indicadores relacionados a renda e ao usufruto de bens, serviços e da riqueza socialmente produzida. É definida como um “fenômeno multidimensional, categoria política que implica carecimentos no plano espiritual, no campo dos direitos, das possibilidades e esperança.” (Martins, 1991)

Os riscos e vulnerabilidades aos quais estão expostas essas famílias, não decorrem de responsabilidade individual, mas de um conjunto de desigualdades estruturais, socioeconômicas e políticas e da ausência de proteções sociais.

No entanto, para além das condições socioeconômicas. As vulnerabilidades devem ser entendidas como um somatório de situações de precariedade entre as quais se incluem a composição demográfica da família, os agravos à saúde, a gravidez precoce a exposição à morte violenta e as próprias condições cotidianas de vida. (CEM, 2004:12)

Nessa perspectiva:

“Aquele que não tem poder de consumo é descriminado, excluído, apartado e, por decorrência, vulnerável.” (Sposati, 2001:43)

As condições para enfrentamento de riscos são diferenciadas entre os cidadãos, conforme suas condições de vida e, embora riscos e contingências sociais possam afetar a todos, alguns se encontram mais vulneráveis ao risco do que outros.

A desproteção diante da existência de vulnerabilidades e riscos pode ocasionar agravos, ou seja, ofensas e danos ao indivíduo, à família e a grupos sociais e, conseqüentemente, à cidadania, afrontando o acesso aos direitos sociais e para a própria dignidade humana, trazendo conseqüências diretas para as condições e circunstâncias de vida dos indivíduos e de seus grupos familiares, rompendo laços de sociabilidade e comprometendo sua capacidade de assegurar, por si mesmo, sua independência social.

Nessas circunstâncias, a figura real do pai se distancia da figura paterna idealizada, destituído que ele está de seu tradicional papel de provedor e protetor porque o faz dependente de condições externas cujas determinações escapam a seu controle. As mães, mesmo quando atuam como provedoras, têm dificuldade em garantir solitariamente a unidade e a proteção familiar o que, conseqüentemente, gera graves conflitos relacionais.

Residindo na periferia, essas famílias têm o endereço como uma fonte geradora de preconceitos na sociedade. Suas casas geralmente são inacabadas e em muitos casos o terreno é dividido entre os familiares.

Os poucos lugares de lazer são dominados por gangues locais. As escolas mais parecem prisões do que centros educacionais onde as aulas são constantemente interrompidas devido a atos de vandalismo.

Os filhos perdem a confiança e a esperança não apenas em seus pais, como também na própria sociedade que os desqualifica. Sem a preparação necessária para o desempenho de um papel profissional especializado, vemos cada vez mais difícil a conquista de emprego e renda, e ampliada a exploração de sua mão de obra.

Esse quadro se agrava ainda mais com o crescimento da população juvenil, concentração populacional, difícil acesso à educação, à cultura e ao lazer, ao sistema de saúde, baixos valores de rendimento familiar, evasão escolar, etc. A vulnerabilidade própria da idade, somada a esses fatores, expõe esses sujeitos a situações adversas, como ao uso, o abuso e o tráfico de drogas, a gravidez precoce e indesejada, as transgressões, as infrações e os crimes dos quais são vítimas e/ou autores, a morte precoce, entre outros.

CAPÍTULO 2 – DESVENDANDO A AJAS

2.1 – O vínculo com o Terceiro Setor

O Terceiro Setor é um dos segmentos que mais cresce no país e passou a se evidenciar a partir da década de 80, após vinte anos de ditadura militar e início do processo de redemocratização do Brasil.

Assim, desde 1992, por ocasião da Conferência Rio 92², as Organizações Não Governamentais – ONGs, passaram a ocupar o centro dos principais meios de comunicação no Brasil. Temas como “desenvolvimento sustentável”, “biodiversidade”, “ecologia”, entre outros, começaram a polarizar as atenções, todos de alguma forma relacionados a movimentos pela preservação do meio ambiente, a defesa de direitos e a preocupação em organizar a participação social em torno da temática do desenvolvimento e da preservação da vida.

Definir o Terceiro Setor é um desafio já enfrentado com dificuldade por diversos estudiosos. Contribui para esta dificuldade a multidimensionalidade do campo, a dificuldade de adotar conceitos desenvolvidos em países com realidades históricas, jurídicas e institucionais distintas e, também, a dificuldade de obtenção de informação e dados empíricos sobre este setor.

² A Conferência Rio 92 foi realizada entre 3 e 14 de junho daquele ano, no Rio de Janeiro, onde reuniu legisladores, diplomatas, cientistas, a mídia, e representantes de organizações não-governamentais (ONGs) de 179 países, num esforço maciço para reconciliar as interações entre o desenvolvimento humano e o meio ambiente.

As organizações que compõem o Terceiro Setor podem ser delimitadas e classificadas segundo diversas abordagens, cada qual com vantagens e limitações:

- definições legais: caracterizam as entidades conforme o status que a legislação em vigor em cada país lhes confere;
- definições econômico-financeiras: privilegiam os meios de subsistência das entidades: suas fontes de recursos;
- definições funcionais: classificam as organizações de acordo com os propósitos de existência ou funções exercidas pelas entidades.

Nesta linha, Rubens César Fernandes (1994) define o terceiro setor como “a combinação resultante de agentes privados orientando sua ação para atingir fins públicos, um conjunto de organizações e iniciativas que visam à produção de bens e serviços públicos, entendidos como não geradores de lucro que respondem a necessidades coletivas”.

As organizações que formam o Terceiro Setor brasileiro estão divididas em linhas que refletem suas origens em grupos sociais diversos que espelham este abismo social encontrado na sociedade bem como a diversidade de interesses existentes.

A seguir apresentam-se as cinco principais forças que desenham o Terceiro Setor no Brasil:

1. O setor formado por instituições religiosas e entidades ligadas à igreja;
2. As Organizações Não Governamentais e novos movimentos sociais;
3. Os empreendimentos sem fins lucrativos no setor de serviço;
4. O setor paraestatal e nascidos sob tutela do Estado;
5. O setor das fundações e iniciativas empresariais.

Observa-se que, a regulamentação da Assistência Social no Brasil (LOAS), realizada em 1993, apresentou novos modelos e conceitos de assistência social e trouxe às discussões o “direito à cidadania” com objetivo de garantir o atendimento aos cidadãos vulnerabilizados pela pobreza e pela exclusão social.

A partir dessa nova visão, a população tem se mobilizado em campanhas como a erradicação da fome e da miséria, contra a corrupção ou pela redução da violência urbana, liderada por organizações não governamentais.

Neste sentido, aumentou significativamente o número de iniciativas de caráter privado que promovem ações e prestam serviços, até recentemente, de atribuição exclusiva do Estado. Inúmeros exemplos de realizações de caráter social protagonizados por agentes privados – indivíduos abnegados, estudantes idealistas, empresários prósperos e visionários, ou empresas socialmente responsáveis – têm sido amplamente divulgados, debatidos e premiados por

todo o país como exemplos para a transformação social e modernização. Responsabilidade Social e Cidadania, são as palavras de ordem atualmente.

Com isso, retoma espaço, no uso decorrente, uma expressão clássica: sociedade civil, e surgem termos novos, como “terceiro setor”, referindo-se, geralmente, às organizações sem fins lucrativos que canalizam demandas e realizam ações em favor de causas de interesse social. A preservação ambiental, a defesa de direitos humanos, a proteção de minorias, a prestação de serviços de assistência social são algumas das missões para as quais estas organizações da sociedade civil se mobilizam, assumindo ações que por vezes se assemelham, mas normalmente diferem das formas tradicionais de organização participativa, como a dos partidos políticos, dos sindicatos e das entidades de classes.

Observam-se fenômenos semelhantes em diversos cantos do mundo, como consequência de processos globais, como a consolidação do modelo de democracia liberal, a crise do welfare state e a opção contemporânea por um modelo de Estado menor, descentralizado, atuando em “parceria” com a sociedade civil, instituída mediante a lei nº 9.790, de 23 de março de 1999.

Neste quadro, desempenha uma importante função o sistema de cooperação internacional, cujo papel é relevante na definição e implementação das políticas públicas nos países em desenvolvimento, inclusive o Brasil. Esta

vem adquirindo uma nova conformação na ampliação do interesse de entidades internacionais para atuar diretamente com a sociedade civil organizada na execução de ações de caráter social em nível local e comunitário. Hoje, a presença de organizações da sociedade civil é considerada condição essencial em projetos financiados por agências multilaterais de desenvolvimento.

Outro fator importante no fortalecimento do Terceiro Setor é o envolvimento das empresas. Associar a empresa à imagem de “boa cidadã” torna-se, crescentemente, um diferencial competitivo em várias áreas, como mostra a extensa cobertura que o tema vem recebendo. Como política de recursos humanos, promove a imagem da empresa como “um bom lugar para se trabalhar”, ampliando a capacidade de atração e retenção de profissionais qualificados, cada vez mais sensíveis à motivações não-econômicas. Como política de mercado, fortalece a imagem institucional da empresa e, embora não contribua, necessariamente, para a venda de unidades adicionais de determinado produto, reduz riscos e barreiras ou eleva a predisposição de consumidores a relacionarem-se com a empresa.

No Brasil, foi pioneira a introdução da temática da cidadania empresarial na Câmara Americana de Comércio em São Paulo, que discute o tema em seus comitês desde meados dos anos 80. Em seu seio, formou-se a mais importante iniciativa empresarial em torno do tema, que viria a se formalizar como o Grupo

de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE). Como afirma o seu nome, o GIFE congrega cerca de cinquenta empresas, fundações empresariais e institutos ligados à empresas, voltadas para o apoio de iniciativas sociais, disponibilizando recursos privados para fins públicos.

Particularmente na área social, o terceiro setor é conclamado a tornar-se um colaborador privilegiado do Estado na execução de programas públicos. A parceria Estado - Terceiro Setor é justificada tanto por critérios técnicos e de gestão como uma alternativa à morosidade e ineficiência da burocracia do Estado, quanto, por argumentos que identificam nesta relação, um caminho de fortalecimento da democracia, através da ampliação das instâncias de participação do cidadão na esfera pública e no controle social do Estado.

Em recente pesquisa, o IBGE utilizou como base o Cadastro Central de Empresas – CEMPRE do IBGE, onde foram identificadas e quantificadas 33 076 entidades relacionadas ao grupo Assistência Social, das quais 16 089 se declararam como prestadoras de serviços de assistência social e abrangidas pela política pública sob responsabilidade do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social).

Segundo o IBGE, as entidades de assistência social privadas no Brasil, estão mais presentes onde há mais riqueza, ou seja 51,8% concentra-se na

Região Sudeste (29,6% somente no estado de São Paulo) e 22,6% na Região Sul.

Ainda que pequeno, comparado ao setor americano, onde estima-se mais de dois milhões de entidades, o setor das organizações sem fins lucrativos no Brasil é responsável pelo emprego de aproximadamente 1,5 milhão de pessoas, um número três vezes superior ao dos funcionários públicos federais.

Esses dados não incorporam uma cifra, talvez comparável, de trabalho realizado de forma voluntária, não remunerada.

Segundo números divulgados pela rede GIFE, o setor representa hoje, cerca de 5% do PIB nacional.

Pode-se afirmar que o Brasil conta com um dos maiores terceiros setores do mundo em termos absolutos e uma posição de liderança entre os países em desenvolvimento quanto à sua participação no nível de emprego.

Neste contexto, o Estado, através dos governos Federal, Estadual e, crescentemente, no âmbito Municipal, tem conclamado a sociedade civil a “participar” do espaço público através de diversas ações do poder público, como a formação de conselhos e instâncias decisórias de políticas, a revisão ou instituição de leis que visam estimular a atuação de entidades sem fins lucrativos, a participação em organizações associativas, a promoção do voluntariado e através de programas de reforma do Estado.

2.2 – AJAS: A história

Reconstruir o histórico da AJAS foi um desafio, pois não existiam registros quanto a sua criação.

Segundo relato de dois de seus idealizadores, a primeira iniciativa aconteceu em um gabinete político, quando dois amigos de infância, evangélicos por convicção e um deles, recentemente eleito vereador na cidade, compartilharam o sonho de fazer um trabalho voltado à criança e ao adolescente carentes.

Cientes de que só a fé e o poder político não seriam suficientes para colocar em prática o sonho, foram à procura de amigos e empresários bem intencionados para propor uma parceria que viabilizasse o projeto.

Poucos meses depois, com o apoio de um empresário bem sucedido no ramo esportivo, estava organizada a escolinha de futebol “O seu futuro vai ser 10”, localizada no bairro Campo dos Alemães, periferia da região sul de São José dos Campos.

Inaugurada em março de 1999, a escolinha tinha em sua estrutura dois campos de futebol e um vestiário cedidos pela prefeitura e o empresário investia em dois profissionais da área de educação física e no material esportivo necessário para o desenvolvimento da atividade.

Em pouco tempo, a escolinha de futebol ganhou visibilidade e as conseqüências da vulnerabilidade e dos riscos sociais, crônicos na região, foram afetando o trabalho.

Muitas crianças e adolescentes apresentavam problemas de saúde durante os treinos pela falta de alimentação adequada; outras se ausentavam devido às atividades de reforço escolar, a falta de material esportivo próprio, e, principalmente, pela falta de apoio e motivação por parte dos pais e responsáveis.

Outro agravante era o constante assédio dos traficantes da região que permaneciam nas proximidades do campo para, após os treinos, aliciar os adolescentes para o tráfico.

Sem uma estrutura específica para lidar com essas situações e com os poucos resultados alcançados em pouco mais de três anos, os idealizadores da escolinha resolveram ampliar as atividades, entendendo que, naquele momento, apenas o futebol não seria suficiente para suprir as necessidades daquelas crianças e adolescentes.

Favorecido pelo potencial financeiro empresarial, pelas influências políticas e pela necessidade do município, no ano de 2003, a escolinha se transformou na Associação Joseense de Ação Social – AJAS, uma Organização Não Governamental – ONG, sem fins lucrativos qualificada para atuar na área

da assistência social, ofertando serviços assistenciais de interesse público, conforme rege a Constituição Federal de 1988 em seu Título III – Da Ordem Social.

Esse novo formato, permitiu a AJAS estabelecer uma parceria junto à Secretaria do Desenvolvimento Social do município, quando passou a ser financiada através de um convênio para atuar com adolescentes de baixa renda prestando serviços de proteção básica de assistência social.

Seguindo as orientações e diretrizes da NOB/SUAS – 2005, o conceito expresso na LOAS (1993 – Art. 23) e os objetivos estabelecidos pela PNAS (2004), a AJAS passou a atuar junto a rede de Proteção Social Básica em regime aberto e se tornou a primeira instituição privada do município a ofertar serviços socioassistenciais³ com foco no adolescente, conforme exigência do termo de parceria firmado junto à Secretaria.

A parceria possibilitou a locação de uma sede, a contratação de uma equipe técnica e a elaboração de um projeto específico que contemplasse as necessidades do município.

Preocupados em não repetir os erros cometidos anteriormente, a direção da AJAS optou por instalar sua sede em outra região, desvinculando-se da escolinha, para assim, iniciar o projeto.

³ Meio de acesso à seguranças sociais que produz aquisições pessoais e sociais aos usuários e opera integralmente às funções de proteção social, defesa de direitos e vigilância socioassistencial, pelo desenvolvimento de atividades continuadas prestadas por um conjunto de provisões, recursos e atenções profissionalizadas, numa unidade física, com localização, abrangência territorial e público definido.

Em pouco menos de um ano, com a falta de planejamento e o pouco conhecimento da realidade na qual estavam inseridos, os problemas começaram a aparecer.

A região escolhida para ser a nova sede da ONG, apesar de ser considerada periferia, era favorecida por empresas de grande porte como Petrobrás e General Motors, que empregavam centenas de pessoas daquela região, o que possibilitava à família alguns confortos como convênio médico, alimentação adequada e acesso a bens de consumo e lazer, principalmente aos adolescentes.

Além disso, o bairro possuía uma infra-estrutura privilegiada com amplas áreas de lazer, espaços culturais e acesso a serviços públicos de qualidade.

Crítérios como amizade, o envolvimento político e o vínculo religioso foram os requisitos principais para a formação da equipe técnica, o que favoreceu a contratação de profissionais sem a qualificação específica para atuar com adolescentes.

Preocupados em concorrer com os espaços culturais da região, centraram o trabalho em atividades socioculturais, ofertando aulas de dança de rua, teatro e capoeira com o objetivo de sensibilizar o adolescente e assim oferecer o acompanhamento necessário.

Apesar da ONG estar instalada na avenida principal do bairro e próxima à escolas, as condições inadequadas das instalações não possibilitavam o desenvolvimento das atividades com qualidade e não houve adesão dos adolescentes.

Com poucos resultados alcançados, os gestores da Secretaria solicitaram providências urgentes da direção da ONG, sob o risco de cancelamento do convênio.

Foi neste contexto que fomos convidados a atuar na AJAS.

Após termos adquirido experiência profissional trabalhando com idosos, no plantão social e com famílias pelo Programa de Renda Mínima do município, aceitamos o desafio de coordenar a ONG.

Cientes de que um novo trabalho de estruturação teria que ser feito, tivemos o apoio da direção da AJAS e da Secretaria para desenvolvermos ações que viessem reverter o quadro atual.

A primeira providência foi conscientizar os idealizadores da ONG a eleger uma nova diretoria, sem o vínculo político, contratar profissionais qualificados para atuar com adolescentes e transferir a ONG para a região sul conforme a orientação da Secretaria.

Para a elaboração de um novo projeto foi necessário fazer uma pesquisa sobre a região e, assim, colher dados que subsidiassem nossas ações.

Com aproximadamente 56,716 km², a região sul tem uma população estimada de 200 (duzentos) mil habitantes, sendo 90 (noventa) mil somente na periferia, dos quais 25% pertencentes às classes D e E, segundo dados do IBGE referentes ao ano de 2005.

Considerada a região com a maior concentração de vulnerabilidade e riscos sociais do município de São José dos Campos, constatou-se que, em média, 05 (cinco) pessoas dividem o mesmo domicílio e que mais de 40 (quarenta) mil pessoas estão na faixa etária de 0 a 24 anos, ou seja, quase 50% desta população se encontra fora do mercado de trabalho.

Para amenizar essas vulnerabilidades, várias ONG(s) e organizações públicas prestavam serviços à comunidade de forma independente, mas nenhuma delas tinha no adolescente seu foco principal.

Visitamos escolas, postos de saúde, eventos e festas da comunidade. Conhecemos creches e os trabalhos sociais realizados nas instituições e consultamos profissionais da área, além das próprias crianças e adolescentes através do trabalho da escolinha de futebol.

As escolas queixavam-se da rebeldia dos alunos e da ausência dos pais nas reuniões. As unidades de saúde, do descuido dos pais com a saúde das crianças e adolescentes, bem como com a questão da higiene e do número

excessivo de adolescentes grávidas. Já as creches, da falta de vagas e da participação da comunidade nas atividades propostas.

As instituições sociais locais, sem recursos e espaço físico adequado, só conseguiam trabalhar questões emergenciais através do plantão social e os órgãos públicos privilegiavam o trabalho social com famílias do Programa de Renda Mínima e grupos de convivência com idosos.

Com poucas ofertas de lazer e possibilidades de desenvolvimento e capacitação educacional, os pais sonhavam em colocar seus filhos na unidade da Fundação Hélio Augusto de Souza – FUNDHAS, conhecida nacionalmente por seu trabalho educacional com crianças e adolescentes, porém, esperavam anos por uma vaga.

Diante dessas constatações, observou-se que, mais do que atividades esportivas e culturais, esses sujeitos necessitavam de apoio social, estímulos positivos e motivação para enfrentar e superar as vulnerabilidades a que estavam submetidos.

2.3 – O projeto social da AJAS

Transferida para a região sul, a nova sede da ONG foi instalada próxima à escolinha e se transformou em um grande Centro de Convivência, oferecendo

atividades nas áreas da saúde, esporte, lazer e cultura, orientação, capacitação e formação para o trabalho, além do apoio social e psicológico.

Com a missão de “Promover a integração social da criança e do adolescente, construindo e ampliando suas perspectivas de vida, visando seu pleno desenvolvimento no exercício da cidadania”, o projeto “O seu futuro vai ser 10” foi ampliado e, através de parcerias com as Secretarias de Esporte, Lazer e Cultura, da Saúde, da Educação, do Desenvolvimento Social, academias de música e dança e empresas privadas, passou a atender centenas de crianças e adolescentes.

Com uma proposta metodológica ancorada nos Quatro Pilares da Educação da Unesco⁴ (Saber Ser, Saber Fazer, Saber Conhecer e Saber Viver Junto), a AJAS se propôs a investir no trabalho social como meio de educar, formar e possibilitar aos sujeitos o bem estar social tão almejado, focando não apenas o indivíduo e suas vulnerabilidades, mas buscando ressaltar seus pontos fortes e os potencializando, desenvolvendo sua autonomia e fortalecendo seus vínculos relacionais, capazes de assegurar sua inclusão social e melhora na sua qualidade de vida.

Essa metodologia possibilitou visibilidade, credibilidade e resultados expressivos para a ONG, e novos recursos públicos foram obtidos com o município, o Governo do Estado de São Paulo e com o Governo Federal através

⁴ Organização das Nações Unidas para o desenvolvimento da Educação, Ciência e Cultura.

de convênios renovados anualmente, mediante apresentação de projetos, além dos recursos privados obtidos com eventos, parcerias e projetos específicos.

Desta forma, o novo projeto “O seu futuro vai ser 10” foi dividido em três programas e dois serviços de intervenção interligados. São eles:

- CULTURA AJAS – Programa considerado a “porta de entrada” na instituição; oferecendo atividades de esporte, cultura e lazer.

- AJA’SUORTE – Serviço de atendimento e acompanhamento social, psicossocial, reuniões sócio-educacionais e grupos específicos.

- BABY AJAS – Serviço de atendimento e acompanhamento social e psicossocial para adolescentes gestantes e nutrízes.

- BÊ-À-BÁ AJAS – Programa pedagógico para auxiliar crianças e adolescentes em questões do âmbito escolar.

- PROPULSOR AJAS – Programa que tem como objetivo estimular o crescimento profissional através de orientações e cursos profissionalizantes.

Uma nova equipe foi formada composta por um assistente social, uma psicóloga, uma estagiária de serviço social, dois educadores sociais, uma recepcionista, um instrutor de futebol e uma auxiliar de serviços gerais, todos com afinidade e experiência de atuação no trabalho junto à família.

Através de convênios e parcerias, prestavam serviços à instituição dez instrutores na área cultural, um dentista e duas pedagogas. Somava-se à

equipe, voluntários na área de psicologia, advocacia, médicos, dentistas e monitores de atividades infantis.

Os critérios para inserção ao projeto contemplavam famílias moradoras da região sul com renda percapta inferior a meio salário mínimo, com filhos adolescentes devidamente matriculados nas escolas da rede pública, priorizando adolescentes já incluídos na escolinha de futebol e encaminhamentos da rede pública e privada da assistência social.

No momento da inscrição, pais e responsáveis pelos adolescentes se comprometiam com as atividades e com o seu bem estar, além de serem estimulados a acompanhá-los na questão escolar participando de reuniões e encaminhando as informações aos técnicos da instituição.

Sensibilizados pelas atividades do CULTURA AJAS, crianças e adolescentes, entre 06 e 17 anos, ingressavam na instituição e optavam pelo futebol, dança de rua, hip hop, história em quadrinhos, violão, teclado, canto coral, ballet, sapateado, teatro, expressão corporal e artes infantis.

Com o envolvimento nessas atividades, foram elaborados eventos temáticos como o AJAS FASHION TEEN (desfile outono/inverno), AJAS FASHION KIDS (desfile primavera), o ARRAIÁ da AJAS, BALADA AJAS (festa dos aniversariantes do trimestre), UM SONHO DE NATAL (festa de Natal), DEIXA EU SER CRIANÇA (festa da criança), e o ACAMPAMENTO DOS

SONHOS, favorecendo e fortalecendo a convivência familiar e os vínculos relacionais.

As atividades eram sempre no período contrário à escola e não poderiam ocupar mais de três dias da semana, pois eram orientados a auxiliar os pais em casa com os afazeres domésticos e as tarefas escolares.

Observadas diariamente pela equipe técnica, as demandas sociais foram surgindo e eram encaminhadas para o AJA'SUORTE, quando o serviço social orientava e acompanhava os casos crônicos possibilitando uma aproximação maior da realidade desses sujeitos e uma intervenção mais eficaz diante das demandas apresentadas.

Através desse acompanhamento, os adolescentes que atendiam aos critérios estabelecidos pelo Programa Ação Jovem do Governo Federal, eram incluídos e passavam a receber recursos financeiros para o auxílio nos estudos e em casa.

Grupos terapêuticos foram formados para o atendimento psicossocial que envolvia crianças, adolescentes e seus responsáveis, conforme problema apresentado.

As reuniões sócio-educacionais se transformaram em atividades como o PAPOKBÇA, quando se discutia assuntos na área de sexualidade, drogadição, relacionamentos familiares, namoro, escola, direitos e deveres, entre outros, de

forma descontraída e atraente, envolvendo música, dança, filmes, dinâmicas, convidados especiais e lanches, em sintonia com o que estava sendo divulgado na mídia e discutido na sociedade.

As mães, se encontravam semanalmente na ONG para um café da tarde, quando também eram discutidos assuntos de seu interesse no mesmo formato do evento dos adolescentes, denominado Espaço Mulher.

As adolescentes grávidas encaminhadas pelas escolas, unidades de saúde, instituições ou usuárias da própria AJAS, recebiam acompanhamento no BABY AJAS, curso específico para gestantes com duração de quatro meses. Neste curso, as adolescentes grávidas participavam de palestras com médicos e enfermeiras voltadas à mãe e ao bebê, recebiam cuidados especiais através do acompanhamento psicossocial e social e recursos voltados ao bem estar da mãe como Vale Transporte, Cesta Básica para a família, Kit Nutricional específico para a mamãe, consultas médicas com clínico e pediatra, com prioridade de atendimento em UBS(s) e ultra-sonografia em clínica particular conveniada com a ONG.

O curso contemplava atividades artesanais como empapelamento, ponto cruz, pintura, bijuteria, fuxico, confecção de ovos de páscoa, trufas, panetones e um curso de culinária voltado à alimentação do bebê no seu primeiro ano de vida.

Ao final do curso essas adolescentes eram presenteadas com um passeio ao shopping e cinema, e um chá de bebê especial quando recebiam um KIT MAMÃE/BEBÊ com 25 itens.

Para o BÊ-À-BÁ, eram encaminhadas crianças com idade entre 06 e 08 anos que estavam iniciando na escola ou apresentavam dificuldades no aprendizado e acompanhava também adolescentes com dificuldades em matérias específicas e/ou mal comportamento, conforme relatórios escolares.

Para o PROPULSOR, eram encaminhados adolescentes com idade acima de 16 anos, no qual eram oferecidos cursos de informática (básico e avançado) e de idioma (inglês).

Os adolescentes que se destacavam nesses cursos eram convidados e motivados a participar do COP - Curso de Orientação Profissional, que oferecia palestras com empresários, profissionais liberais, dinâmicas, confecção de currículos, inscrições nos postos de trabalho e estágio, entrevistas simuladas, visita a empresas, desenvolvimento de trabalho em equipe e ao final, eram incluídos em um banco de dados específico para futuros encaminhamentos ao mercado de trabalho.

O programa também proporcionava atividades para pais e responsáveis que participavam de palestras motivacionais, cursos de informática, panificação, confecção de currículo, culinária e inscrições nos órgãos de trabalho.

Com essa nova proposta, a ONG passou a atender diretamente 130 adolescentes através do convênio municipal e outros 150 adolescentes e 120 crianças através de recursos próprios.

Em pouco tempo, o trabalho se tornou referência na cidade e a AJAS passou a atender mais de 12 bairros da região sul, oferecendo mais de 30 atividades diferenciadas às famílias, possibilitando e favorecendo de forma integrada o desenvolvimento e a convivência familiar para mais de 400 pessoas.

2.4 – Perfil estrutural da AJAS

A AJAS possui uma sede própria com 680 m² de área construída. O espaço contempla:

- um espaço amplo na entrada com jardim, bancos de praça e estacionamento para 12 bicicletas;
- uma recepção com espaço para 12 pessoas sentadas com área para atividades infantis, TV, revistas e jornais;
- duas salas para atendimento social e psicológico, sendo uma para a família e outra individual;
- um auditório com capacidade para 200 pessoas;
- um refeitório com capacidade para 20 pessoas;

- uma cozinha para alimentação dos funcionários; preparação de lanches e cursos de culinária;

- quatro banheiros com capacidade para 14 pessoas;
- uma sala de Ballet e Sapateado;
- um almoxarifado;
- uma sala de odontologia com lavabo;
- uma brinquedoteca e sala de pedagogia com quatro computadores;
- uma sala de música (coral, violão e teclado);
- uma sala da equipe técnica com dois computadores e impressoras;
- uma sala de informática com 20 computadores, impressora e datashow;
- uma sala multiuso para reuniões, curso de desenho, biblioteca, cinema e curso de idiomas;
- uma sala da coordenação e diretoria.

O espaço físico permite que dez atividades aconteçam simultaneamente, envolvendo 150 pessoas por período (manhã e tarde) sem que uma interfira na outra.

Além disso, a AJAS administra dois campos de futebol localizados a 300 metros da sede com salas para o treinador, reuniões e vestiários cedidos pela prefeitura.

Para a realização das ações, a AJAS conta com um número mínimo de profissionais contratados em tempo integral, porém, as parcerias, os prestadores de serviços e colaboradores e voluntários somam 30 profissionais.

- Contrato por tempo integral: 01 gestor social, 01 coordenador social, 01 assistente social, 01 psicóloga, 02 educadoras, 01 pedagoga, 01 instrutor / treinador de futebol, 01 auxiliar administrativo e 01 auxiliar de serviços gerais.

- Parcerias com outras empresas: 04 instrutores de dança (balllet, dança de rua, hip hop, sapateado), 01 professora de informática e 01 professora de inglês.

- Parceria com a prefeitura: 02 recepcionistas e 01 auxiliar de cozinha.

- Prestadores de serviços: 01 nutricionista, 02 instrutores de música, 01 instrutor de teatro, 01 instrutor de canto coral e 01 instrutor de desenho.

- Colaboradores e Voluntários: 01 pedagoga, 01 dentista, 01 advogado, 01 contador, 02 cabeleireiros, 01 clínico geral, 01 obstetra e 01 gastroenterologista.

2.5 – Perfil do público atendido

Entre as 120 crianças que atendemos:

- 100% estudam na rede pública;
- 100% freqüentam atividades culturais na AJAS;
- 20% freqüentam atividades pedagógicas;
- 20% fazem acompanhamento social e psicossocial.

Entre os 280 adolescentes que atendemos:

- 02% estudam em escolas particulares através de bolsas de estudo;
- 98% estudam em escolas da rede pública;
- 60% passam três dias da semana em atividades (12 horas semanais);
- 30% em idade entre 12 e 15 anos;
- 60% em idade entre 16 e 17 anos;
- 10% em idade entre 18 e 24 anos;
- 60% são do sexo feminino;
- 60% fazem parte do Projeto Propulsor(Curso de Orientação Profissional,

Informática básica e avançada e Inglês);

- 20% freqüentam somente atividades culturais e esportivas;
- 20% freqüentam atividades culturais, esportivas e profissionalizantes;
- 20% são acompanhados efetivamente pelo Serviço Social;

- 10% são acompanhados efetivamente pela psicóloga;
- 10% estão incluídos no programa Ação Jovem do Governo Federal;
- 10% são selecionados anualmente para o Curso de Orientação Profissional (COP);
- 60% freqüentam a mais de dois anos e meio as atividades da AJAS.

Entre as 80 famílias que atendemos:

- 17% participam de atividades semanais;
- 92% participam de reuniões gerais;
- 65% participam dos eventos internos;
- 25% são acompanhadas efetivamente pelo Serviço Social;
- 55% procuram esporadicamente por atendimento do Serviço Social;
- 20% não procuram o Serviço Social;
- 25% são atendidos e incluídos em programas sociais do município;
- 30% estão sem emprego;
- 3% moram em favelas;
- 35% moram em casas alugadas;
- 35% são chefiadas pela mãe.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 – Composição do grupo focal

Um dos grandes desafios desta pesquisa foi encontrar embasamento teórico ao objeto de estudo, visto que, encontramos poucos autores que abordaram o tema em seus estudos.

Com pouca ênfase na bibliografia específica do Serviço Social, foi preciso trilhar alguns caminhos para buscarmos uma teoria que colaborasse para esclarecer melhor nosso objeto de investigação. Esta fase exploratória despertou-nos a necessidade de ampliarmos nossos conhecimentos e possibilitou um diálogo reflexivo entre a teoria e o objeto estudado. (Minayo, 2003)

Contribuições na área da Filosofia, Pedagogia, Biologia e Sociologia, nos ajudaram a levantar as questões, o problema, as perguntas e hipóteses com maior propriedade.

Entretanto, foi a psicologia que possibilitou uma aproximação maior ao tema e a definição clara dos pressupostos teóricos, das categorias e conceitos a serem utilizados, determinando a base de sustentação da pesquisa.

Para viabilizar o estudo, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, partindo do reconhecimento da subjetividade como fundante do sentido, como constitutiva do social e inerente à objetividade, premissas fundamentais para se realizar um trabalho que efetivamente parta da centralidade do sujeito, do reconhecimento da riqueza de sua experiência, conhecendo o modo de vida das pessoas, suas experiências sociais e os significados que atribuem às mesmas. Em outras palavras, é conhecer o processo de fazer-se sujeito das pessoas com quem vamos realizar ou estamos realizando a pesquisa. (Martinelli, 2005)

Com a intenção de falar através de nossa experiência, ou seja, realizar a pesquisa através da prática, com vistas a uma intervenção mais qualificada, optamos pela técnica do Grupo Focal, que tem como base a narrativa dos sujeitos que vivenciam o tema a ser discutido, organizando neste diálogo os fundamentos teóricos já elaborados. (Gatti, 2005)

Definida como “uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico” (Neto, 2002), o grupo focal permite captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações que fazem emergir uma multiplicidade de pontos de vista

e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, em outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar. (Gatti, 2005)

Com o objetivo principal da pesquisa de compreender a importância dos programas de socialização no fortalecimento dos vínculos afetivos do adolescente no âmbito familiar e social, para a composição do grupo focal era fundamental que “esses sujeitos estivessem intimamente vinculados entre si e com o tema, para assim, conhecermos a experiência do grupo e os significados que atribuem a tal experiência”. (Martinelli, 2005)

Com base nestes pressupostos, foram estabelecidos alguns requisitos para a seleção dos mesmos:

1. Adolescentes com mais de dois anos em atividade na AJAS

É unânime entre os autores pesquisados que o fator tempo é fundamental para a formação de vínculos entre as pessoas e esse requisito passou a ser a base de nossa pesquisa.

Apresentando uma estatística em que 60% dos adolescentes estão há mais de dois anos em atividades na instituição, não foi difícil fazer uma primeira amostragem do grupo.

2. Adolescentes entre 14 e 18 anos

Como o foco da pesquisa é o adolescente, limitar a idade dos 14 aos 18 anos proporcionou uma escolha mais específica do público alvo. Adolescentes com menos de 14 anos, além de terem pouco tempo de convivência na instituição não apresentam maturidade suficiente para contribuírem com a pesquisa, devido à complexidade do tema.

3. Ambos os sexos

Pouco mais de 55% dos adolescentes na AJAS são do sexo feminino. Além da representação em maior número, mostram maior proximidade e envolvimento institucional, fato que nos levou a fazer um trabalho especial de conscientização junto aos meninos sobre a importância da pesquisa, sob o risco das meninas dominarem o grupo.

4. Diversidade quanto às atividades desenvolvidas

Esse requisito se tornou relevante para a pesquisa, uma vez que a instituição apresenta uma dezena de atividades diferenciadas que determinam o perfil desse adolescente, fator importante para a diversidade de experiências a serem captadas.

5. Interesse e disponibilidade para participar do grupo

A importância de ressaltarmos esse requisito foi mostrar a não obrigatoriedade quanto à participação dos adolescentes no grupo. Em todos os momentos em que a pesquisa foi divulgada, foi esclarecido que seria uma opção

do adolescente em participar, principalmente respeitando sua disponibilidade, pois, o grupo seria realizado aos sábados.

Para compor o grupo de mães fizemos o convite a todas as mães com filhos adolescentes na AJAS e, em especial, às mães com frequência nas reuniões sócio-educacionais (Espaço Mulher).

Definidos os pré-requisitos para a seleção dos participantes do grupo focal, a pesquisa foi divulgada, bem como sua importância e aguardamos a resposta do público alvo quanto a proposta de participação.

Utilizando a estratégia de realizar um café da manhã especial em um sábado para um “bate-papo” ou “um açaí” à tarde, possibilitamos aos adolescentes e às mães interessadas, escolher o melhor horário e “cardápio”, propondo que fizessem as inscrições no decorrer da semana que antecedia o evento.

Nesse período, vinte e cinco adolescentes fizeram suas inscrições. Destes, dezesseis foram selecionados de acordo com o perfil pré-estabelecido. Em seguida, dez mães se prontificaram a participar, das quais sete tinham filhos inscritos no grupo focal dos adolescentes.

Definidos os participantes, separamos os adolescentes em dois grupos compostos por oito integrantes cada e um grupo único para as mães.

A opção por trabalharmos com mais de um grupo vem ao encontro do que Gatti afirma:

O emprego de mais de um grupo permite ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser intervenientes e relevantes para o tema. (2005:22)

Sendo assim, os grupos ficaram caracterizados da seguinte forma:

Grupo 1 – Café da manhã – Sábado de manhã – 11/10/2008

Nome	Sexo	Idade	Atividades desenvolvidas	Na AJAS desde	Série escolar
João	M	15	Dança de rua; Informática; Violão	2005	1º ano do Ensino Médio
José	M	17	História em quadrinhos; Futebol; Informática; Inglês; Propulsor	2005	2º ano do Ensino Médio
Pedro	M	16	Hip Hop; Dança de rua;	2005	1º ano do Ensino

			Informática e Propulsor		Médio
Ana	F	15	Hip Hop; Dança de rua; Informática e Propulsor	2005	1º ano do Ensino Médio
Simone	F	15	Canto Coral; Dança de rua; Teatro	2006	8º ano do Ensino Fundamental
Maria	F	16	Hip Hop; Dança de rua; Informática; Propulsor; Grupo terapêutico.	2005	2º ano do Ensino Médio
Tatiana	F	16	Dança de rua; Informática; Propulsor; Grupo terapêutico; Inglês.	2005	2º ano do Ensino Médio
Alcides	F	15	Dança de rua; Informática	2006	2º ano do Ensino Médio

Grupo 2 – Açaí – Sábado à tarde – 18/10/2008

Nome	Sexo	Idade	Atividades desenvolvidas	Na AJAS desde	Série escolar
Alice	F	17	Canto Coral; Informática; Propulsor; Grupo Terapêutico	2005	2º ano do Ensino

					Médio
Joana	F	16	Dança de Rua; Informática; Teclado; Propulsor	2005	2º ano do Ensino Médio
Paula	F	17	Dança de Rua; Informática; Propulsor; Grupo Terapêutico	2005	3º ano do Ensino Médio
Lúcia	F	15	Violão; Teatro; Informática; Grupo Terapêutico	2006	1º ano do Ensino Médio
Júlia	F	15	Informática ; Teatro	2005	1º ano do Ensino Médio
Sueli	F	17	Teatro; Informática; Propulsor; Inglês.	2005	2º ano do Ensino Médio
Juliana	F	16	Teclado; Informática; Teatro	2005	1º ano do Ensino Médio
Wilson	M	16	Dança de rua; Informática;	2005	1º ano do

			Futebol		Ensino Médio
--	--	--	---------	--	-----------------

Os adolescentes selecionados para o grupo focal apresentam uma faixa etária de dezesseis anos em média. Com relação ao sexo, houve interesse maior por parte das meninas, com apenas 25% de participação masculina.

Grande parte dos adolescentes (65%), freqüenta a AJAS desde os doze ou treze anos e estão há três anos participando das atividades oferecidas. Em média, permanecem na instituição, 8h/semanais na realização de duas ou três dessas atividades.

Com relação aos estudos, somente uma adolescente está cursando o 8º ano do ensino fundamental. Dos que cursam o ensino médio, uma adolescente está no 3º ano e os demais se dividem entre o 1º e 2º ano.

A análise dos dados revelou as seguintes características com relação à composição familiar: 40% moram com pais e irmãos, 30% moram somente com a mãe e 20% moram com a mãe e o padrasto. Apenas uma adolescente mora com os avós, devido a separação dos pais e falecimento da mãe e uma optou por morar com o pai após a separação dos mesmos. Desses adolescentes, 40% têm irmãos que também freqüentam atividades na AJAS.

Observando a questão social, podemos constatar que 60% dos adolescentes demandam acompanhamento do serviço social mensalmente com questões específicas nas áreas familiar, financeira, escolar, intra e interpessoal.

No grupo de mães, a idade média é de quarenta anos. Entre elas, 70% completou até o 4º ano do ensino fundamental, 30% cursou o ensino médio e 50% participa efetivamente de atividades semanais na instituição. Possuem, em média, dois filhos na AJAS, e, 70% são casadas e 30% separadas.

Das dez mães inscritas, 40% demanda acompanhamento do serviço social mensalmente, principalmente na questão familiar e financeira.

3.2 – Organização e desenvolvimento do grupo focal

Com uma proposta de pesquisa reconhecida como relevante para o trabalho social desenvolvido pela AJAS, não houve problemas em solicitar o apoio dos profissionais envolvidos com as atividades para auxiliarem no grupo focal.

Além do olhar específico de cada profissional, todos exerceram uma função operacional no desenvolvimento do grupo focal: mediador – assistente social/pesquisador; observadora – psicóloga; relatora/digitadora – pedagoga; operador de áudio/vídeo – educador social.

Estabelecida a equipe e as funções de cada um no grupo focal, nossa atenção esteve centrada no roteiro de debate, pois este seria fundamental para nortear as discussões com o grupo.

Selecionamos as questões-chave, definimos os temas a serem aprofundados nos preocupando em abranger todas as faces e desdobramentos que se pretendiam investigar. (Neto, 2002)

As condições físicas para o trabalho dos grupos foram boas, pois, o realizamos em uma sala ampla, silenciosa, com cadeiras e sofás confortáveis posicionados de forma retangular. O equipamento de gravação sonora permaneceu em uma mesa ao centro para captar todas as vozes e a câmera de vídeo foi colocada por trás do mediador.

Após o momento informal e descontraído do lanche, foi feita uma pequena introdução, quando apresentamos a equipe e as funções de cada integrante. Também esclarecemos os objetivos do estudo e do grupo focal, consultamos os participantes sobre as gravações e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo), e conversamos sobre a importância de cada um no debate e os benefícios que os resultados trariam para o trabalho da AJAS.

Com uma breve apresentação de todos, iniciamos os debates abordando as questões do roteiro, permitindo que o grupo expusesse suas opiniões.

3.3 – Análise dos dados

A participação da equipe técnica na organização das atividades, na elaboração do roteiro de debate, no desenvolvimento do grupo e na transcrição e análise dos dados obtidos, foi um fator fundamental que possibilitou os resultados significativos obtidos nesta pesquisa. Colaboraram também o local preparado para as sessões, a curiosidade e disposição dos participantes, a acolhida e o lanche escolhido para fazer parte da atividade.

Outro fator a ser ressaltado e pertinente aos objetivos da pesquisa foi a interação existente entre os adolescentes e destes com a equipe de apoio, o que oportunizou um ambiente descontraído, favorecendo a dinâmica da pesquisa.

Foram poucas as intervenções do mediador que, na maioria das vezes, foram feitas com a intenção de retomar o assunto, visto que, por vezes, os participantes se estendiam em seus relatos, afastando-se do tema principal.

Mesmo programando as atividades para acontecerem em um prazo de duas horas, os três grupos ultrapassaram essa previsão estendendo-se por mais de três horas, com um intervalo de aproximadamente dez minutos.

Apesar de termos feito dois grupos de adolescentes em dias diferentes, não houve alteração na dinâmica, tão pouco nos resultados obtidos.

Dos dezesseis inscritos para as atividades, um em cada grupo se ausentou, o que deixou um dos grupos composto exclusivamente por meninas.

Observamos que a ausência de um homem no grupo trouxe mais liberdade às meninas, “porque os homens têm mais tendência a falar com mais frequência e com mais autoridade quando há mulheres no grupo – ‘efeito galo’.” (Gatti, 2005)

Assim, este grupo se aprofundou mais em algumas questões, expressando maior emoção e sensibilidade em seus relatos.

O momento mais comovente no desenvolvimento dos grupos foi quando a discussão contemplava as questões familiares, pois os participantes faziam sinceros desabafos. Algumas vezes, foi necessário parar para conter a emoção e depois concluir o relato.

Conhecendo a experiência do grupo pesquisado e os significados que atribuem à mesma (Martinelli, 2005), estabelecemos algumas temáticas para uma análise aprofundada do material obtido através do grupo focal.

Esclarecemos que, nos relatos apresentados, os nomes dos participantes desta pesquisa foram alterados, garantindo o direito ao sigilo, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CAPÍTULO 4 – A PRÁTICA PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL NA AJAS

4.1 – A Família e seus arranjos

Nas últimas décadas, dados os avanços e as mudanças no entendimento do que vem a significar família e seu papel diante dos indivíduos e da sociedade, as discussões sobre a constituição e existência de múltiplos arranjos familiares tem se ampliado, assim como o entendimento das modificações dos papéis sociais e sexuais no contexto familiar, o que sugere sair do paradigma histórico do entendimento de família como locus natural e espaço de reprodução garantida através única e exclusivamente do casamento.

As lutas e conquistas dos movimentos sociais, principalmente na década de 80, contribuíram para o avanço e significado desse conceito.

A própria legislação, que historicamente (re) produziu a defesa intransigente do modelo de família nuclear e patriarcal legítima, sofreu profundas transformações, principalmente a partir da Constituição de 1988, ampliando por exemplo o “(...) conceito de família reconhecendo a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar (...) e suprimindo a expressão ‘constituída pelo

casamento” (Genofre, 2000), o que significou, segundo este autor, um marco na evolução do conceito de família.

Entendida como o grande agente de socialização humana por vários estudiosos, em seus distintos campos de produção teórica, analisar a família em sua multidimensionalidade, através do entendimento dos sujeitos pesquisados, nos leva a novas concepções que vão além dos modelos idealizados e já naturalizados.

“Mora eu, meu irmão e meu padrasto, tem também os meus cachorros. Da parte do meu pai eu tenho mais quatro irmãos, mas não vejo eles como irmãos, é como se fosse primos.” (Sueli)

“Eu moro com minha mãe, meu padrasto e meus irmãos. Seis irmão. Só que moram quatro comigo, porque dois não moram. Um tá preso e o outro tá casado e minha mãe tá esperando um filho...” (Simone)

“Eu moro com minha mãe, meus dois irmãos e os dois filhos do ex-marido da minha mãe.” (Alice)

Para estes adolescentes, a família e a casa estão intimamente ligados, os familiares são aqueles que estão perto, que cuidam, com quem convivem e partilham do mesmo espaço físico em que moram e a casa “é o lugar de onde se vem, para onde se vai, para onde se chega, de onde se sai.” (Michael Serres)

“Moro com a minha mãe, minha tia e meu avô, no mesmo terreno, só que eu e minha mãe numa casa que cortou no meio, metade é da minha tia e o meu avô num sobrado em cima. E eu tenho um meio irmão por parte de pai.” (Pedro)

“(...) quando eu vim pra São José eu tô morando com ela, mas a minha vó morreu. Agora quem cuida.... mas quando minha vó era viva já era minha família que cuidava da casa mesmo. E agora que minha vó morreu, ficou eu, meu pai, minha mãe e minha tia.” (José)

Nos novos arranjos familiares, fatores como o afeto e a sobrevivência reforçam suas características e fortalece a convivência familiar, o que permite analisá-la como um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar,

durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos e que tem como tarefa primordial o cuidado seus membros. (Mioto, 1997)

Adotar uma definição como esta significa abandonar o pressuposto dos modelos familiares, os discursos do dever ser e tomá-la e pensá-la como um lugar privilegiado de preservação da vida. Afinal, é dentro dela que se explicita o cuidado de uma geração com outra geração, especialmente com os da nova geração. Ainda é no contexto das relações familiares, cujo motor é o afeto, que a criança aprende a reconhecer-se como única (identidade) e como parte de um grupo (sentido de pertencer, sentido de nós). Estes são os integrantes fundamentais no processo de humanização e indispensáveis à inserção de cada indivíduo no mundo social mais amplo. (Mioto, 1989)

A dinâmica relacional dessas famílias nasce a partir de suas histórias e das negociações cotidianas que ocorrem internamente entre seus membros e externamente com o meio social no qual estão inseridos.

Pode-se observar que, entre as famílias acompanhadas pela AJAS, há o predomínio de famílias nucleares (pai, mãe, filhos), mas as famílias recompostas aparecem de forma expressiva nesse contexto, consequência do aumento das separações e dos divórcios nos últimos anos.

Esses dados, somados ao número reduzido de filhos, a concentração da vida produtiva das mulheres nas idades mais jovens, o aumento da concepção em idade precoce, o aumento da co-habitação e da união consensual, o aumento significativo das famílias monoparentais com predominância das mulheres como chefe da casa, população predominantemente mais velha e o aumento das pessoas que vivem só, são características que estão provocando mudanças relevantes em todos os segmentos da população e trazendo profundas implicações não somente na configuração, mas também, na convivência familiar.

“Minha mãe quando tá com dificuldade em casa, às vezes, ela, meu vô e minha tia se dão bem, aí quando tem dificuldade, minha tia não ajuda em casa, aí fica um xingando o outro.” (Pedro)

“Meu pai é autônomo, trabalha com uniforme e ele mesmo sustenta a casa, ele costura, tem uma confecção lá em casa e a minha mãe é pensionista e trabalha na feira, dia de domingo. Meu pai também monta a barraca lá vendendo uniforme de escola... sai pra fora também. Minha mãe tem

a barraca dela... é um do lado do outro, mas ela tem a dela e ele tem a dele. Fica eu e meu irmão ajudando ele e minha irmã mais velha fica com a minha mãe.” (Tatiana)

O atendimento à urgência torna-se o apelo principal; a família passa a não ter tempo para conviver e a única saída é criar estratégias para sobreviver.

“A gente vive apertado. Meu pai no meio da semana, daí ele trabalha de segunda a sexta no serviço dele e depois do serviço dele ele vai direto pro Buffet e só chega no domingo à noite, sem dormir, sem nada. Ele quer terminar a casa que só tem laje e quando chove pinga na luz, sabe? Ele vê aquilo e dá angústia nele.” (Maria)

“O pai dela tá trabalhando dia e noite, noite e dia pra dar pra ela o que ela quer... ela pede pra cortar os gastos com ela e o pai fala que não vai cortar aí ela tá sofrendo com isso. Mas é bobeira dela... não tá faltando nada pra ela. Sacrifício tem que fazer mesmo, ela é nossa filha, a gente

tem que lutar por ela... Cada dia que passa ela sofre mais.”

(Márcia - mãe da Maria)

A autoridade do pai fica abalada quando este não encontra trabalho e/ou não cumpre com suas funções paternas. A estrutura familiar enfraquece e a família fica sem referência.

“Ele não pede as coisas, ele tem vergonha, o pai dele desempregado, eu não tenho como trabalhar... tenho que levar meus filhos na escola e assim sabe... eu falo pra ele ser mais do que eu e o pai dele... principalmente mais que o pai...” (Nair)

“É meio idiota falar isso, mas pra mim eu não tenho mais pai. Durante 16 anos ele não se preocupou comigo, agora fica falando pra mim, pra eu ficar com ele.” (Pedro)

Quando a mãe assume a responsabilidade de ser a principal provedora do lar, ou precisa trabalhar para reforçar o orçamento doméstico, o cuidado materno fica comprometido.

“A minha mãe voltou a trabalhar por causa da separação. Ficou muito difícil no começo. Todo mundo ficou com depressão em casa, e eu só comia, engordei bastante depois, sabe, a minha mãe gritava muito, acho que o stress dela... ela batia muito nos meus irmãos por causa disso. A situação financeira ficou bem difícil porque ele não levava ajuda pros dois né...” (Alice)

“E eu tenho que ser pai e mãe dos meus filhos... eu tenho três filhos... a Luana e o Luan que têm sete anos estavam fazendo atividades, hoje eles não vão devido ao trabalho e eu não posso tá trazendo e não tenho parentes... é só eu e meus três filhos... não tem quem fica trazendo eles no horário que eu tô trabalhando...” (Lia – mãe da Alice)

“Minha mãe trabalha na feira domingo também... a minha mãe vende umas coisas na feira, mais não é sempre que ela consegue.” (Simone)

Com tantas adversidades, as famílias encontram dificuldades em cumprir com sua tarefa primordial de cuidar e proteger seus membros, o que desencadeia situações que são fontes geradoras de estresse familiar. (Miotto, 1997)

“Em casa minha mãe conversa comigo pra me xingar e eu converso mais com meu padrasto, ele me dá mais atenção, porque quando ele sai de manhã é um saco, porque ele só chega às 4 horas da tarde. Eu fico contando as horas pra ver ele chegar pra eu poder ficar perto dele, porque minha mãe não briga comigo quando eu tô perto dele, ela me trata com carinho...acho que é isso.” (Júlia)

“(...) outra coisa, eu namorei um ano e meu namorado era muito possessivo sabe, aí nós terminamos faz um mês, teve o meu aniversário, deu uma briga tão chata sabe, aí aconteceu essa história da televisão da menina (Eloá) que foi seqüestrada pelo namorado sabe, aí minha mãe fica falando: - Olha a televisão, vê se presta atenção... Aí em

vez dela me dar força, fica jogando na minha cara sabe...
(emoção).” (Paula) - (grifo nosso)

“Teve uns rolo lá, depois minha vó faleceu... aí ninguém da minha família se importou... aí, no velório lá... a família do meu pai foi lá e todo mundo em vez de falar: - Pô, faleceu, né? Ficou todo mundo cascando o bico lá... falta de respeito! Aí passou um tempo, a prima do meu pai faleceu, passou um tempinho, ele foi pra casa e minha mãe se deu bem com ele lá. Ele quase dormiu em casa, ele tava mal pra caramba, a gente ficou lá com ele... Aí passou um tempinho de novo... ele vai, arma o maior joguinho, pára de pagar a pensão de novo... aí minha mãe percebeu que tava um joguinho, ficou nervosa e tudo lá... agora ela não fala mais com ele.” (Pedro)

Esse processo, frequentemente, favorece o enfraquecimento da coesão familiar que fica ainda mais vulnerável aos fatores externos.

“Lá é muito estranho a escola. Tem muitas pessoas que não são do bem e tentam te influenciar pra fazer coisa errada...” (Ana)

“Agora meu irmão tá saindo da cadeia, vai ser mais uma boca né? Até meu irmão arrumar um serviço, mas é mais uma boca...” (Simone)

“Pô meu, eu preciso de dinheiro, não de roupa! Eu quero ajudar lá em casa. Lá em casa tem dificuldade, eu não quero dinheiro pra mim, eu quero ajudar em casa.” (Pedro)

São os adolescentes que mais sofrem com essas instabilidades. Deixam de ver a família como base segura e espaço privilegiado de cuidado e proteção, e passam a vê-la como o lugar das repressões, das proibições, das limitações e os vínculos se rompem. Partem em busca de novos referenciais, e, neste momento, se não encontrarem o apoio necessário, esse pode ser um caminho sem volta para esta geração e com isso, toda a sociedade perde.

4.2 – Paternidade e maternidade (des) conhecida

Muitos adolescentes de hoje não sabem quem é seu pai. Conhecem a biografia do “Ronaldinho Gaúcho”, da “Beyoncé” e de Daniel Radcliffe (Harry Potter), mas não sabem a história do pai. Até mesmo o rosto é impessoal.

“Meu pai mesmo ele largou minha mãe quando ela tava grávida de mim de 7 meses. Eu não conheci meu pai.”

(Alice)

“Eu não conheço o meu pai. Eu não sei nada dele.”

(Simone)

Os adolescentes descrevem a história da mãe, ainda que sem profundidade, mas quando lhes é perguntado sobre o pai, consultam a mãe com um sorriso interrogativo, pois nem mesmo uma foto (quando existe) foi lhes permitido ver.

Quando o pai é conhecido, mas não se faz presente devido aos laços conjugais rompidos, a falta de afeto, de responsabilidade e de interesse, traz sofrimento para os filhos que questionam sua ausência.

“Quando eu ia na casa do meu pai ele falava: - Ah! Que saudade, vem pra cá? Ah, ele tá com saudade de mim? Liga pra mim! Vai na minha casa! Mais não... Então pra mim agora, eu não tenho mais pai!” (Pedro)

“Meu pai... em julho foi meu aniversário, tá certo que ele não conversa comigo, mas ele não ligou nem nada, eu passo na frente dele é como se eu não significasse nada sabe, é desse jeito.” (Júlia)

A figura do pai é associada à perda, raiva e vergonha, tanto por sua incapacidade de cumprir o seu papel, como por sua irresponsabilidade como provedor.

“Toda semana ele fala: - Vem pra cá, eu vou te dar isso... Ele quer fazer um jogo pra eu morar com ele... e eu sei que tudo isso é pra ele não pagar a pensão.” (Pedro)

“(...) eu fui conversar com ele na casa dele sobre pensão e ela (companheira) começou a gritar comigo e eu fiquei

falando: - Calma, eu vim só conversar, nem sei que. E ela começou a gritar. Aí eu peguei e fui embora, daí depois de uma semana eu fui conversar com meu pai, ele se afastou, não queria falar comigo, procurei ele, mas ele me trata frio.”

(Júlia) - (grifo nosso)

O pai sem afeto e que ignora sua paternidade constitui uma nova família, o mesmo ocorre com a mãe. Para o filho, resta o sentimento de abandono e a dúvida sobre quem irá prover suas necessidades materiais e afetivas, pois, nem um, nem outro, quer assumir essa responsabilidade.

Ao analisar a influência do capitalismo na relação afetiva entre homem e mulher, Cyrulnik ressalta:

Hoje, o poder separador do dinheiro permite ao homem manter distância afetiva... contanto que pague. A tecnologia de ponta se coloca a favor das mulheres para assumir esse tipo de... vínculo.

(2004:99)

Quando não existe ou não é boa, a relação do adolescente com o pai ou padrasto, o jovem se submete inteiramente ao poder afetivo da mãe.

“(...) já a relação com a minha mãe é legal, em vez dela brigar ela conversa assim, ela senta, fala, não é assim... é maravilhosa, adoro a minha mãe (emoção).” (Joana) - (grifo nosso)

“A minha relação com a minha mãe é incrível. Posso contar tudo pra ela, não preciso esconder as coisas que eu faço, não briga comigo, às vezes! Tudo que eu preciso eu falo pra ela, eu pergunto pra ela. Eu posso contar com ela no futuro.” (Pedro)

Mas, os relatos também revelam as mães que eles não escolheram, mães sem afeto, que magoam, maltratam e deixam marcas irredutíveis nos filhos.

“(...) eu não tenho orgulho da minha mãe. Pra mim ela é minha mãe porque deu a luz pra mim e eu não tenho culpa...” (Júlia)

“(...) a minha mãe quando ela fica nervosa ela fala muita coisa que não deve e essas coisas muitas vezes me magoam e muitas coisas que ela falou de pequena e eu lembro até hoje.” (Paula)

“Minha mãe gosta de mim, mais ela não demonstra. Ela não chega e fala, ela só fala o que eu faço de errado e acho que da parte da minha mãe...” (Ana)

Contudo, podemos identificar, famílias que cumpriram sem rupturas os ciclos de desenvolvimento da vida familiar permitindo aos pais estabelecerem vínculos mais fortes com os filhos.

“Ah! Minha família é... não sei como explicar... Moro com meu pai, minha mãe e meus dois irmãos e a casa é nossa. É uma relação bem família assim... eu me dou bem com meus irmãos.” (João)

“Em casa mora eu, meu pai, minha irmã e minha mãe. Em falar de condições financeiras sabe, dá pra levar a vida.

Meu pai trabalha muito, ele não pára, agora ele operou, ele pára mais tempo em casa, agora tá mais legal, e a gente fica o dia inteiro rindo.” (Paula)

Ainda assim, é evidente que, mesmo quando as condições sociais e econômicas são favoráveis, esses relacionamentos mutuamente satisfatórios não ocorrem em todas as famílias.

Nos casos de separação, na maioria das vezes, os filhos ficam sob a responsabilidade da mãe. Quando esta assume uma nova relação conjugal, aparece um novo personagem na família, o chamado padrasto, que para alguns filhos se transforma no “pai real”. (Cyrulnik, 2004)

Esse novo pai conquista o seu lugar na família, estabelece relações protetivas, provedoras e duradouras, fundamentais para a formação dos vínculos.

“Eu conheço o meu pai e vejo ele toda semana, mas eu prefiro o meu padrasto do que o meu pai. Estou com ele há treze anos e chamo ele de pai.” (Sueli)

“Gosto mais do meu padrasto do que do meu pai.” (Júlia)

“Eu me dou mais com meu padrasto mesmo, que eu brigo quase todo dia, mas tá bom. Ele e minha mãe estão juntos desde quando eu era pequenininha.” (Juliana)

Entretanto, essa nova união pode trazer implicações negativas nas relações e esse padrasto pode se tornar um “pesadelo” para o adolescente.

“Meu padrasto eu tenho problema com ele, qualquer coisa a gente discute. Faz dez anos que ele mora com a gente. A gente sempre briga todo dia, porque ele é muito ignorante, não deixa eu falar, não deixa eu comentar, que eu tô errada, tudo eu tô errada... mas é assim. Convivo com isso diariamente... (emoção).” (Joana) - (grifo nosso)

“Eu não se dou com meu padrasto. Com ele, ele é apenas o marido da minha mãe, pra mim, ele não é nada.”
(Simone)

“(...) porque eu vi ele traindo a minha mãe, eu e a minha mãe vimos, a gente foi atrás dele e pegou ele com a amante dele. Aí quando a gente pegou ele (traindo) pela primeira vez no começo do ano, ela (amante) até me agrediu sabe, aí minha mãe chegou a ir na delegacia e não conseguimos fazer um B.O. pois fomos, dois dias seguidos, aí eu machuquei a barriga, machuquei o pé...foi um barracão mesmo. Eu só tô sentindo por causa dos meus irmãos sabe, porque eles sofrem bastante com isso...”

(Alice) - (grifo nosso)

Esses “pesadelos” podem ser maiores quando, além do fato de não ter conhecido o pai biológico, a “peça de reposição” da mãe não corresponde as expectativas. (Cyrulnik, 2004)

4.3 – Os elos que vinculam

Quando a AJAS se instalou no bairro do Jardim Imperial, zona sul do município de São José dos Campos, próxima a escolinha de futebol,

aproximadamente 50 famílias aguardavam ansiosamente por sua inauguração, anunciada com muita expectativa pelos treinadores de futebol.

“Meus filhos começaram a namorar o prédio quando começou a arrumar. Ficava vigiando o prédio, o Chico (treinador de futebol) falou que ia abrir aí a gente ficou esperando a inauguração.” (Laura) - (grifo nosso)

A nova sede, localizada na avenida principal, fazia divisa com os bairros mais perigosos da região conforme relato da população: Campo dos Alemães, D. Pedro I e II, Jardim Colonial e Conjunto Emha.

Devido à condição precária em que se encontrava o prédio, foram necessários três meses de reforma para adequá-lo às necessidades propostas no projeto arquitetônico.

O frágil convívio social e as poucas opções de acesso aos serviços de educação, lazer, cultura e capacitação, mobilizam essas famílias a estarem atentas a qualquer “movimento” que possa apoiá-los em suas dificuldades.

“Eu conheci a AJAS tava em construção ainda.” (Tatiana)

“A Paula viu a construção, aí depois de tudo pronto ela foi lá em casa e me convidou pra vir com ela.” (Maria)

Com poucas condições de desempenhar suas tarefas de arcar com as exigências de desenvolvimento de seus membros, as dificuldades enfrentadas no âmbito familiar tendem a se avolumar, ficando cada vez mais difícil para essas famílias encontrar solução para seus problemas.

Quando procuram pela AJAS, muito mais do que uma vaga para o filho, os relatos expressam a necessidade de auxílio na educação e com os conflitos relacionais constantes na fase da adolescência.

“Ela descobriu através da Paula. Ela começou a desabafar umas coisas com a Paula e ela falou: - Ah, então vamos na AJAS... e trouxe ela (risos).” (Márcia – mãe da Maria) - (grifo nosso)

“Porque a Alice tava assim... a gente tava se enfrentando e... conversando com a Maria, ela falou que passava no psicólogo e aí conversou com a Elaine (psicóloga), aí eu

marquei, aí a Alice também quis né... aí ela veio e se apaixonou e ficou.” (Lia - mãe da Alice) - (grifo nosso)

“A escola queria que procurasse alguma coisa pra ocupar o tempo dele, porque eles falavam que ele era muito hiperativo e ele já passava na psicóloga pela prefeitura, aí o amigo do meu marido falou do Chico (treinador de futebol) aí ele começou.” (Nair)

Essa necessidade é observada também no relato dos adolescentes que, em um primeiro momento, vêem a instituição como lugar de “fuga” para os conflitos relacionais, lugar para ocupar-se e livrar-se do estigma de ociosos. A procura pode ser espontânea, sugestão ou imposição dos pais ou acompanhando um amigo.

“Então né... eu entrei aqui porque eu tinha muito problema com meu pai em casa, hoje ainda tenho. Dá raiva só de falar disso (emoção).” (Joana) - (grifo nosso)

“Na época eu tava dando muito trabalho em casa, aí minha mãe achou bom.” (Tatiana)

“(...) aí eu tava passando por problemas em casa e a Joyce falou que tinha uma Elaine (psicóloga) aqui que resolvia os problemas, aí eu vim.” (Alice) - (grifo nosso)

Entre ser criança e adolescente e então tornar-se adulto, há crises e conflitos, há confrontos com o mundo ao redor, com as regras sociais e as figuras de autoridade que, muitas vezes, podem sinalizar atitudes saudáveis de quem busca se diferenciar para crescer.

A sociedade, a família e os adultos contribuem com este crescimento quando evitam atitudes de caráter hostil e preconceituoso às manifestações da adolescência, pois estas podem se tornar, em tese, expoentes de transformações nas realidades interna e externa aos adolescentes. (Ataíde, 2008:55)

Conceituar o adolescente que chega não é tarefa fácil, isto devido à multiplicidade de compreensões sobre a definição desta fase tão importante para o desenvolvimento do ser humano: a adolescência.

Apesar de ser um conceito construído socialmente, que não pode ser definido segundo critérios exclusivamente biológicos, psicológicos, jurídicos ou sociológicos, a juventude apresenta características que variam em cada conjunto histórico.

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS), define os adolescentes como aqueles cuja idade é entre 10 e 19 anos e, jovens entre 15 e 24 anos. No entanto, as determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, enunciam que adolescente é a pessoa entre 12 e 18 anos de idade e, no Parágrafo Único do Artigo 2º, referenda: “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este estatuto às pessoas entre 19 e 21 anos de idade”.

Para melhor aproximação da realidade com a qual a AJAS atua, consideramos nesta pesquisa, adolescentes aqueles com a faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, compreendidos em um período e processo psicossociológico de transição entre a infância e a fase adulta e que depende das circunstâncias sociais e históricas para a sua formação. (Ataíde, 2008)

É um período em que o adolescente é convidado a participar ativamente da construção de um projeto especial: o seu projeto de vida.

Assim, a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o mundo.

Com o objetivo de suprir essas necessidades e favorecer essa relação com o mundo, estratégias foram desenvolvidas para alcançar esses adolescentes.

Avaliados como instrumentos importantes no processo educativo, a arte, a dança, o teatro, o esporte, o lazer, a cultura e a música, foram as atividades utilizadas para sensibilizá-los.

“Falaram que aqui ia ser uma fundação tipo a Fundhas e como eu sou louca pra ela aprender mais coisas né... e eu sei que tem educadores, essas coisas, né... aí eu consegui.” (Cecília – mãe da Juliana)

“Foi através do esporte também né...” (Laura)

“Comecei fazendo violão, fui pro teatro, depois fui pra dança e fiz atendimento com a Elaine (psicóloga) que era vontade da minha mãe.” (Lúcia) - (grifo nosso)

“Descobri a AJAS porque passei em frente e tinha um “baner” das aulas que iria ter aí me interessei pelas aulas

de dança, aí entrei, me informei como era as vagas, essas coisas assim, aí eu me interessei e chamei um monte de amigos.” (Paula)

Utilizadas na AJAS como ações complementares, essas atividades foram integradas em uma visão de totalidade por contribuírem para o desenvolvimento, exercendo uma função sócio-educacional, quando são trabalhados os sentimentos, as emoções, os valores, o prazer, a frustração, o desenvolvimento psicológico, social, ético, os elementos culturais, sócio-políticos, a concepção de saúde, de qualidade de vida e bem estar. (Herkenhoff, 2004)

Quando a inscrição é concluída e algumas orientações estabelecidas, chega o momento do adolescente participar da atividade escolhida.

“No começo foi difícil. Cheguei na aula de Hip Hop, ficava no meu canto, no primeiro dia, assim, fiquei só olhando todo mundo, aí o professor: - Não, vamos fazer aula! – Não, tô só olhando. Pra ver se eu gostava de fazer aula. Aí na terceira ou na quarta aula que teve lá, que me obrigaram a fazer, pegou e puxou e pôs eu no meio da

dança. Aí depois disso, eu comecei a fazer a coreografia lá.” (Pedro)

“No começo foi um pouco estranho quando eu entrei... tem que seguir regras, essas coisas...” (Ana)

Para facilitar essa relação, os profissionais precisam estar abertos e dispostos a se envolverem nas atividades, favorecendo a aproximação do adolescente. Apesar de serem respeitadas as especificidades de cada área profissional, todos se envolvem constantemente com outras funções, dedicando tempo na recepção, acolhendo os alunos nas atividades e no lanche e principalmente se revezando durante as atividades culturais, avaliado como o melhor momento para estreitar os vínculos com os adolescentes.

4.4 – Suporte social: Resgatando os vínculos afetivos

A relação da família com o Serviço Social é estabelecida no momento da inscrição do adolescente na AJAS, quando é solicitada a presença de um responsável, maior de idade, que more na mesma residência ou que seja um parente direto desse adolescente.

A presença da família na inscrição é fundamental para o início dessa relação. A entrevista, feita pelo assistente social, envolve questões familiares, sociais, educacionais, da área da saúde e, principalmente, os motivos pelos quais estão ali.

Esses questionamentos são importantes para que possa ser construído um perfil da família e do adolescente em especial, e assim direcionar as intervenções. Outro fator importante é observar de quem foi a iniciativa em procurar a instituição, pois se não há o consentimento do adolescente, sua inscrição não é efetivada.

Quando há consentimento, a instituição se compromete com as atividades e o acompanhamento do desenvolvimento do adolescente. Aos pais, é solicitado acompanhar o desempenho do filho na escola, prover cuidados básicos necessários e o comparecimento na instituição sempre que houver necessidade.

Assim, as ações do serviço social e da psicologia se concentram basicamente nas tensões internas do grupo familiar.

“O meu problema com a minha mãe tipo... melhora quando o assistente social conversa comigo, porque ela nunca vem.” (Júlia)

“Eu tive uma briga feia com meu pai e assim, tipo que eu tava precisando da minha mãe de volta pra casa. (...) aí eu vim procurar a psicóloga e o assistente social pra conversar e minha mãe também.” (Tatiana)

“(...) porque a gente vai falar com a mãe, com o pai e já começa a gritaria e aqui não, o assistente social conversa, dá conselhos, assim...” (Juliana)

Faz-se necessário analisar quais os motivos e em que momento ocorreu a ruptura do equilíbrio do grupo.

Com “pais ausentes”, as mães encontram dificuldades em lidar com a educação dos filhos e recorrem ao serviço social em busca de orientações que venham lhes trazer alento.

“A minha filha namorava e o menino era um amor sabe... família. Namorou dois anos, aí começou a entrar no mundo das drogas... aí foi difícil né... pra mim sozinha... conversar com ela né... era eu falar e ela querer ficar com ele... Aí eu

vim aqui conversei com o assistente social pra conversar com ela. Foi muito difícil pra nós duas... ele ficava ameaçando ela... a gente tentou ajudar ele, mas ele não deu bola, não aceitou ajuda né... até hoje , graças a Deus ela tá livre!” (Telma – mãe da Sueli)

“Eu não tava sabendo lidar com meus filhos. Eu tenho cinco filhos e o meu mais velho faz futebol e tem 15 anos, então, tive passando algumas fases com ele e eu conversei com o assistente social e a conversa foi excelente (...)”
(Nair)

Apesar das vulnerabilidades que circundam essas famílias, a procura revela algo de foro mais íntimo e que não estava previsto no plano de ação institucional.

“(...) quando eu venho pra cá, o assistente social me dá atenção sabe, não que eu quero toda atenção sabe, quando eu tô falando assim, escuta eu pelo menos né? Eu sei que não é tão importante, mas me escuta.” (Júlia)

“Uma vez o assistente social fez um trabalho (dinâmica) e eu chorei muito e contei muita coisa e minha mãe não achou bom... mas aí eu falei que foi bom o que ele fez porque eu falei tudo o que aconteceu comigo e eu não tinha nem percebido que tinha passado tudo aquilo... mas é bom chorar pra desabafar um pouco... você fica prendendo aquela raiva e aí... quando você ouve a história da pessoa, sabe... você vê que a história dela é quase parecida com a nossa e tem coisa em comum.” (Juliana) - (grifo nosso)

O ambiente acolhedor, de respeito e confiabilidade por parte dos técnicos, faz com que a procura pelos atendimentos se intensifiquem. Os resultados obtidos nessas ações, não são frutos de uma atividade específica, mas sim da relação construída diariamente junto aos sujeitos.

“No começo eu não queria passar no psicólogo porque eu achava que psicólogo era coisa de louco, mas minha mãe queria colocar eu, mais depois eu fui gostando e a psicóloga me explicou que o atendimento psicológico

estuda o comportamento, o sentimento e o pensamento e trabalha com isso. Hoje eu indicaria, se todo mundo pudesse fazer seria a melhor coisa.” (Tatiana)

“Por eu ser filha única eu sou muito difícil, eu sou muito estressada. Aí a psicóloga, um dia, foi na aula de dança e conversou com a gente, explicou o seu trabalho e disse que estava a disposição”. Aí eu pensei e fui marcar. Minha mãe achou bom. Eu falei pra ela ver se não tinha vaga pra ela (risos). Minha mãe veio algumas vezes também.”
(Maria) - (grifo nosso)

“Ah! Quando a minha madrinha foi pro Japão e eu gostava muito dela e eu fiquei muito mal. Então eu vim falar com a psicóloga e fiquei horas chorando no colo e ela me explicando, daí minha mãe queria que eu fizesse psicóloga, mas eu achava que era coisa de louco, eu vim uma vez e nunca mais. Mas é que eu tinha medo de contar e ela contar pra minha mãe e ela brigar comigo.” (Ana)

Os grupos específicos e os acompanhamentos social e psicológico tornaram-se momentos para reflexão, desabafo, troca de experiências e busca de soluções para problemas comuns. Despertaram sentimentos, possibilitando o auto-conhecimento, o conhecer e aceitar o outro, perdoar e ser perdoado.

“Uma das ajudas muito importantes pra minha filha é a Elaine (psicóloga) que vem acompanhando ela já há algum tempo e tem... ela não grita assim: - Socorro mãe! Ela grita: - Socorro Elaine (psicóloga)! E ela comenta muito que conversa com o Assistente Social, assim quando ela tem uma oportunidade... aliás, pra resumir, aqui na AJAS sabem muito mais da minha filha do que eu... (risos)” (Lia – mãe da Alice) - (grifo nosso)

“Eu tinha sentimentos pela minha mãe, só que eu guardava pra mim, eu chorava e não fazia nada, mas a Elaine (psicóloga) conversando comigo assim, deu pra me ajudar a falar pra ela. A gente tinha um bom relacionamento e eu pude dizer coisas pra minha mãe que... a tempos assim eu

queria falar... Mas naquele momento que ela tava doente eu pude falar tudo assim, sabe..." (Lúcia) - (grifo nosso)

"Eles (pai e mãe) vieram na AJAS mais uma vez e entraram num acordo da minha mãe ficar lá em casa no meio da semana. Ela vai na terça e fica em casa sempre por perto me ajudando. Aí minha mãe veio aqui conversou com o assistente social e tudo... e resolveram." (Tatiana) - (grifo nosso)

Os adolescentes começam a rever suas atitudes e mudar seus comportamentos. Tais mudanças são possíveis devido à crença no potencial desses sujeitos, a uma proposta pedagógica que não dissocia o agir do pensar possibilitando a construção de novos valores e, aos objetivos que se direcionam para a conquista da autonomia dos mesmos e de suas famílias.

"Depois que o assistente social conversou com ele mudou muita coisa. Até o carinho que eu falei que ele não tava tendo comigo, agora ele tá, entendeu? Oficializou o namoro dele porque o assistente social falou que era importante,

ele chamou eu e a mãe e o pai dela e oficializou. Já o espaço (Espaço Mulher – reunião sócio-educacional) pra mim tá sendo essencial sabe. Tá me ensinando muito. Eu não tinha paciência, eu só gritava, só berrava, eu criticava, então eu tô sabendo como lidar com ele.” (Nair) - (grifo nosso)

“Eu melhorei, não foi 100%, mas eu melhorei um pouco, antes eu era muito estressada sabe e xingava todo mundo. Eu acho que me ajudou bastante.” (Maria)

“Então eu conversei com o assistente social, e ele me disse que ia sentar nós três (padrasto, mãe e filha) pra resolver esse problema, mas como eu não gosto do meu padrasto eu não tô querendo, mas o assistente social disse pra eu pensar e daí depois falar com ele.” (Simone) - (grifo nosso)

“Acho que depois que eu entrei na AJAS o diálogo na minha família mudou bastante, porque eu acho que a AJAS interfere bastante na família.” (Alice)

Para estender as intervenções à família, foi necessário abertura para a escuta com a finalidade de localizar os pontos vulneráveis intra e extra núcleo familiar para assim, direcionar as intervenções. Isto supõe conhecer os riscos e as possibilidades de enfrentá-los.

“Mas assim, não tem sido só pra ela... tem sido pra mim... o que eu não tenho conseguido suprir na parte... até no carinho mesmo é... todos nós temos as nossas dificuldades né?” (Lia – mãe da Alice)

“Ele (assistente social) cuida dos adolescentes, mas na verdade, quando as mães precisam de ajuda ele cuida mais das mães né... Num certo momento, ele dá um puxão de orelha que serve pra gente também, vê que a gente também tá errada.” (Cecília – mãe da Juliana) - (grifo nosso)

“(...) Outro dia a AJAS (reunião sócio-educacional) chamou a atenção nossa que matou: - Como vocês cobram dos

seus filhos se vocês são mais sem educação do que eles?

(risos) Aí eu virei pro Mário (marido): - Viu? Você levou junto comigo, porque você também é sem educação.

(risos) Agora nós se corrige: - Viu né, olha a sem educação, hein!” (Laura) - (grifo nosso)

Essas famílias vivem em constante conflito interno, cuja resolução vai depender da disponibilidade de seus componentes para aceitar um processo de mudança. Tal como o adolescente, a família pode aprender novas maneiras de viver, abandonando comportamentos negativos e assumindo comportamentos positivos em relação ao adolescente.

Este processo de mudança na família e na sua relação com o adolescente exige uma atenção especial.

4.5 – A sociabilidade que fortalece os vínculos

Na medida em que os vínculos vão sendo tratados e restaurados, observa-se um aumento de estima na vida desses sujeitos. O comportamento muda, diminuem suas defesas e restrições demonstrando maior disponibilidade para o novo.

“Quando eu cheguei aqui eu me senti meio... eu sentia mal, porque eu entrei aqui de um jeito diferente e eu não conhecia muito as pessoas e aos poucos eu fui conhecendo, eu conhecia o professor que me ajudava e eu comecei a conversar com o pessoal da história em quadrinhos.” (José)

“Agora eu não tô mais tímido, eu conheço todo mundo, tenho amizade com todo mundo já.” (Pedro)

Gradativamente, os jovens vão se aproximando das pessoas com as quais se identificam para formar suas turmas e através delas se reconhecem como indivíduos. O vínculo com o outro é seu objetivo principal, seu alimento sócio-afetivo.

“(...) por causa da AJAS, assim eu tenho uma amiga, uma irmã, foi por causa da AJAS.” (Lúcia)

“Eu não conseguia sentar aqui sabe. Eu não conseguia dar muito espaço não sabe. Eu não gostava de falar nada e não se dava com ninguém também... Foi aonde eu comecei a freqüentar o grupo do espaço (Espaço Mulher – reunião sócio-educacional) e onde eu comecei a aprender, a me conhecer também, sabe, mas nossa... O meu problema era chorar, chorar e ficar trancada... hoje eu já consigo chegar aqui na porta rindo, conversar com todo mundo.” (Laura) - (grifo nosso)

“(...) quando eu entrei aqui, eu só ficava grudada com a minha mãe, cabeça baixa, eu só conhecia a Júlia, depois de um tempo, o pessoal foi fazendo parte, foi juntando... agora eu virei uma matraca sabe...” (Juliana)

O “estar junto” se torna mais importante que o desempenho de qualquer tarefa, opção que requer envolvimento afetivo com os pares. Por meio do compartilhamento de incertezas, dúvidas e medos, vão conseguindo experimentar novos desafios.

“(...) foi no acampamento quando o cara lá falou que era pra dar um abraço forte na pessoa que você mais gostava (comoveu-se) e daí eu peguei e dei um abraço na Sueli... Eu achei que foi um abraço verdadeiro sabe... É isso que eu senti... (emoção).” (Júlia) - (grifo nosso)

“Pra mim foi o acampamento de 2007, aquilo lá pra mim foi um “corta tudo” sabe.. pára com briga, pára com tudo sabe, nunca tinha saído, minha mãe não queria deixar, aí ela conversou aí eu fui, mas aquilo juntou tudo e vamo sabe, aqui é um só, sabe, não é? Foi muito bom.” (Alice)

A convivência grupal é importante para fortalecer e influenciar comportamentos e atitudes mais coletivas, funcionando como um ponto em uma rede composta por outros grupos, pessoas ou instituições, cada qual com uma função específica na vida da pessoa.

“Eu não tinha muita amizade, agora eu converso com todo mundo, entendeu? Eu sou meio cara de pau e acho que a AJAS ajudou bastante. (risos) Na escola eu já converso

com todo mundo, entendeu? Antes eu olhava praquela menina e falava: Ela é nojenta, e nem conversava com a menina, entendeu? Daí depois eu fui conversando, aí na minha sala tinha muitas meninas e meninos que eu falava mal e eu não sabia que eles eram legais assim e hoje eles são os meus melhores amigos da sala.” (Júlia) - (grifo nosso)

“(...) eu tava na fila do café da manhã e eu tava na fila e o assistente social veio e me deu um abraço e um beijo na testa e tipo... ele nunca tinha feito isso. Eu via o assistente social como “O poderoso”, que não fazia nada, tipo abraçava, não beijava, e tipo, foi muito legal! Daí eu comecei a ver quem realmente era o assistente social.” (Ana) - (grifo nosso)

“Às vezes eu tô saindo da linha, aí minha mãe conversa, aí eu penso em vocês, porque eu sei que se um dia eu vacilar, vocês vai ficar triste, porque vocês convive comigo e então vocês sabe como.” (Paula)

A família percebe que a instituição está favorecendo o desenvolvimento e maturação dos filhos, e, aos poucos, vão adquirindo um sentimento de familiaridade no curso das interações cotidianas.

“Bom, pra começar minha família inteira é da AJAS né... meus irmãos, minhas primas, meus tios, nossa... todos!”
(Juliana)

“Meus pais e meus irmãos também freqüentam a AJAS, quando tem eventos meu pai ajuda e meus irmãos fazem atividade aqui, um faz futebol e desenho e a outra faz sapateado.” (João)

“Minha mãe se pudesse vir todo dia ela vinha ‘encher o saco’ do assistente social. Ela adora a AJAS. Ela faz o projeto mulher (reunião sócio-educacional) toda sexta-feira.” (Ana) - (grifo nosso)

“Minha mãe e meu padrasto vêm na AJAS. Minha mãe faz o grupo de mulheres (reunião sócio-educacional) e meu padrasto vem reclamar de mim e da minha mãe.” (Simone)

O fato da maioria dos adolescentes não ter dormido fora de casa sem a presença dos pais, demonstra o cuidado que têm com seus filhos. Observamos que, mesmo diante de tantos conflitos, esse sempre foi um cuidado preservado.

“Eu nunca tinha saído assim pra dormir fora, nada, nossa! Foi demais! Meu pai não queria deixar, mas aí minha mãe veio aqui, conversou, ficou sabendo de tudo, aí ela deixou.” (Tatiana)

“Eu falei pra minha mãe que queria ir no acampamento, aí ela conversou com a Telma, mãe da Sueli, o que que tinha nesse tal de acampamento, porque ela desconfiava, porque ela nunca deixou eu ir pra nenhum lugar, mas aí a Telma falou , ela entregou os documentos e eu fui, mas nunca tinha saído assim.” (Júlia)

“Quando eu falo a palavra AJAS e tudo que envolve aqui dentro, minha mãe não tem nenhuma preocupação e foi a minha primeira vez que eu dormi fora (acampamento) porque era com a AJAS.” (Paula) - (grifo nosso)

Todo individuo carece de aceitação e é através da vida em grupo que ele irá externar e suprir esta necessidade. Para Pichon (1983), os vínculos estabelecidos tornam-se intencionais, definidos por afinidades e interesses comuns. É assim que a atividade grupal deve ter espaço na pauta dos conhecimentos daqueles profissionais que se dispõem a trabalhar com adolescentes e familiares.

“Quando eu venho na AJAS, eles ficam mais sossegados. Meu pai e minha mãe eles gostam daqui, porque eles sabem que se eu sou bem tratada, eu falo pra eles o que eu fiz, como foi, sabe?” (Maria)

“Eu nunca cheguei a perguntar pra minha filha... ela falar: - Mãe eu não vou pra AJAS. Não, ela fala: - Mãe eu tô indo!

Então ela ama aqui... ela tá aqui desde o começo...” (Telma – mãe da Sueli)

“Ela é toda feliz de vir pra cá, nem preciso falar do horário, ela já vem por conta própria.” (Cecília – mãe da Juliana)

A instituição se transforma em um “porto seguro”, o “lugar onde se quer estar”, consequência dos vínculos estabelecidos entre os pares.

“A gente se sente mais querida, mais... sabe... acompanhada (...).” (Juliana)

“Eu gosto, faz parte de mim, assim... quando tá de férias sente a maior falta. Às vezes quando você vem pra cá dá preguiça sabe... mas quando tá aqui você não quer ir embora.” (Sueli)

“Depois que entra, aquilo passa a fazer parte de você, preciso da AJAS, se fica assim... um dia sem o seu curso e

você pensa: - Nossa! No outro dia cê vem, você sente saudades, dá saudades... é isso...” (Júlia)

A confiança na equipe é resultado do compromisso que cada membro tem com o trabalho, no acolhimento e atendimento às famílias e refletem efetivamente na vida desses sujeitos.

“E tem uma pessoa sabe que eu admiro muito o trabalho dela (psicóloga) e queria ser igual, sabe, assim... fazer a mesma coisa.” (Alice) - (grifo nosso)

“Minha filha quer ser assistente social, espelhada no assistente social da AJAS ou médica, que é pediatria, ela adora criança e dançar né... jazz.” (Telma – mãe da Sueli)

“Os funcionários da AJAS ajudam a gente a evoluir mais e crescer, como se fosse uma família mesmo.” (João)

Os vínculos se fortalecem significativamente e esse sentimento de pertença faz com que as pessoas busquem um maior envolvimento com a instituição.

“A minha filha chegou um dia lá em casa e falou: - Pai, preciso conversar uma coisa com você. Tem copo lá onde você trabalha? Traz umas duas “fitas” de copos pra eu levar pra AJAS porque lá tá faltando. É porque lá não tem copo e eu já falei pro assistente social. É todo dia pai! Aí o pai falou: - Filha, você não pode fazer isso! E ela: - Posso sim! Eu quero ajudar né pai, eu tô lá todo dia.” (Márcia – mãe da Maria)

“Tem outra vez que eu vim na AJAS, o assistente social tinha conseguido aqueles quadrinhos (decoreção), porque a AJAS não tinha essas coisas antigamente, era praticamente vazia, aí com o tempo eu vejo o assistente social, tipo quando ele consegue alguma coisa pra AJAS, ele fala pra gente com aquela alegria e eu fico feliz por

isso, porque eu vejo o crescimento e o assistente social alegre... é né?!” (Paula) - (grifo nosso)

Esse sentimento de pertencimento permite conhecer melhor os desejos, as necessidades e os sonhos desses adolescentes, oportunizando momentos que serão lembrados para sempre.

“Foram duas coisas, o acampamento né que... eu não vou falar porque eu vou acabar chorando também, foi tipo, eu conheci uma outra família lá... e os eventos que tem quando a gente tem que se apresentar, sabe, porque é a única vez que eu vejo a minha família tão reunida pra me ver sabe... (emoção) vem minha vó, que eu não vejo há muito tempo, minha mãe, meus irmãos... me vê no palco...”
(Juliana) - (grifo nosso)

“Ainda não teve um momento que eu posso dizer que vai ficar, mas... ah... eu saí com a AJAS num lugar que foi legal... assim... foi num lugar (shopping e cinema) que eu nunca tinha conhecido e eu conheci e nesse dia eu fiquei

tão boba... Sério! Esse dia vai ficar marcado, eu fui junto com as meninas grávidas (Baby AJAS - Grupo de Gestantes).” (Simone) - (grifo nosso)

“Foi o Fest Dança, porque eu nunca tinha apresentado pra um público grande, eu fiquei nervoso, foi uma coisa diferente.” (João)

“Foi quando eu vesti aquela bela fantasia (Super Man) no acampamento e todo mundo começou a tirar foto de mim.” (José) - (grifo nosso)

O Centro de Convivência se torna referência, pois além de oferecer as atividades que tanto gostam, proporciona o apoio e o cuidado que, muitas vezes, não encontram em outras instituições e nem mesmo na família.

“Lá na AJAS, ele (assistente social) conhece como a gente é mãe, ele conhece um de cada um de nós, ele sabe problemas nosso e aqui na escola a professora nem liga, nem sabe.” (Laura) - (grifo nosso)

“Bom, tipo assim, antes de entrar na AJAS, eu conhecia outras instituições sabe, como a casa de cultura, mas a AJAS é totalmente diferente das outras coisas que eu participo, porque como elas falaram, a AJAS aqui é como uma família mesmo. Todo mundo dá atenção, quando tá com problemas em casa vocês tá de braços abertos pra atender a gente.” (Paula)

“A AJAS é legal, tipo assim... é uma ponte... amigos, família... quando você precisa de ajuda...” (Joana)

“(...) de pai, porque eu acho assim, se um dia eu fizer alguma coisa errada vai ter gente que vai olhar por mim e se eu fizer certo vai ter gente que vai me apoiar... de pai...”
(Alice)

O padrão de sociabilidade adotado pela AJAS, que privilegia a intimidade, a privacidade e a convivência com aqueles mais próximos é um aspecto importante para a sobrevivência dessas famílias.

A instituição torna-se uma extensão da família, constituída nas relações entre pessoas, sendo fundamental a natureza desses vínculos no processo de estruturação, fortalecimento e desenvolvimento desses sujeitos.

4.6 – Afeto: Plataforma de lançamento

Quando o ambiente possibilita oportunidades para interagir, escutar, aprender, envolver-se com projetos e crescer, as pessoas passam a vivenciar experiências novas através das atividades, no trabalho sócio-educacional e na convivência e interação com o “outro”.

“(...) a Elaine (psicóloga) também me ajudou, ela me ajudou a ter bastante visão das coisas assim sabe, tinha vez que eu achava que era incapaz sabe, de conseguir certas coisas, hoje eu penso totalmente diferente.” (Paula) -
(grifo nosso)

“Minha mãe vivia na escola, porque eu vivia brigando na escola e quando eu entrei na AJAS eu vi uma coisa que se

eu quisesse continuar aqui dentro eu tinha que melhorar.

Eu sentia isso.” (Ana)

“Na escola eu tudo achava que não conseguia e não conseguia mesmo, aí chegou aqui e diziam não, não é assim! Vai que você consegue, sabe, motivação, me ajudou bastante.” (Alice)

Essas experiências despertam a necessidade de se mobilizarem para alcançar seus objetivos e de entender as normas de socialização como benefício e não como imposição.

“Lembro que quando o assistente social me chamou pra conversar e disse que eu já estava com uma idade que eu tinha que me preocupar com um trabalho e me sugeriu entrar no projeto da Elaine (Propulsor) que ajudaria quanto a orientação de trabalho e curso. Como eu estava com os dias cheios, o assistente social me deu direito de escolher dizendo que eu teria que optar entre a dança de rua ou o

projeto. Daí eu decidi fazer o projeto.” (Maria) - (grifo nosso)

“Aqui tem as regras e então tem que seguir as regras e eu gosto muito da AJAS, eu sempre gostei muito.” (Ana)

Com estímulo e apoio, esses adolescentes iniciam uma verdadeira revolução em suas vidas. Observa-se que na medida com que há mudanças internas, estas se refletem no meio, e ao modificar o meio, o sujeito modifica-se a si mesmo, configurando-se numa espiral permanente. (Pichon, 1983)

“Depois que ele entrou aqui sabe, porque o Chico cobra muito dos meninos sabe, então ele mesmo lava o uniforme preocupado se não tiver pro próximo jogo e vai que alguém vai lá (empresário) e ele tá com a roupa suja e ele escolhe alguém. Porque sempre tem alguém que aparece pra ver e levar eles (contratar).” (Laura) - (grifo nosso)

“Outro dia a minha filha Joyce falou: - Ô pai (ela só fala pai, sabe), eu fui privilegiada sabe. Porque o assistente social

falou que ia deixar pra mim escolher, daí eu escolhi a computação. Depois que eu fiz a escolha, o assistente social falou que eu tava de parabéns. Aí ela falou toda cheia né...” (Márcia – mãe da Maria)

Através deste crescimento e amadurecimento ampliam sua visão de mundo e começam a construir seus próprios valores, os quais determinarão sua identidade.

“(...) eu vi que aqui se alguém quiser ser alguém melhor, tem que fazer algo mais do que aquilo. Ficar só no desenho... aquilo era um passatempo pra mim... eu precisava evoluir mais... daí eu fiz a informática e o inglês... eu tô fazendo o inglês e o Propulsor também porque eu acho que vai ajudar muito no meu futuro.” (José)

“(...) porque eu quero crescer, eu quero evoluir, e se eu ficasse na dança de rua eu acho que era mais um passatempo. Aí a psicóloga também falou comigo.” (Maria)

“Vou ser igual a minha mãe no sentido de dar o melhor sabe. Deixar de dar pra mim, mas dar pra ele. Não seria pessimista como ela é, isso eu não levaria pra mim.” (Alice)

A construção de seus projetos de vida dependerá desses fatores e de pessoas que estejam ao seu redor que os ajudem a construir formas adequadas de superação das incertezas e dos conflitos advindos das novas experiências relacionais, corporais e sociais que enfrentarão na passagem para a vida adulta.

4.7 – Sonhos de um futuro assustador

Muitas vezes os adolescentes são julgados como “alienados”, que só pensam nos próprios interesses e que não têm planos para o amanhã. Quando lhes é permitido falar sobre o que pensam da vida, do futuro, de seus sonhos, quando alguém se propõe a ouvi-los, eles surpreendem.

“O futuro é muito assustador. A gente não sabe o que vai fazer, não sabe se o que você quer é a coisa certa e vai dar certo.” (Ana)

“O mundo tá bem diferente do que a minha mãe antigamente falava... hoje meninas de 15 anos já são mães né? Isso também, a violência aumenta cada dia mais... às vezes eu fico... nossa senhora... acho que vai mudar, mas acho que não muda mais não, acho que só vai piorar.”
(Paula)

“Eu acho que a cada dia que passa tá piorando... tipo, cada dia que passa é um caso novo na TV... Você não vê, tipo assim, uma matéria falando: Um cara ajuda uma instituição de uns velhinhos... Você vê o cara que matou, não sei o quê, mata pai, sabe, é um absurdo... se continuar desse jeito nunca a gente vai viver contente, a gente vai ter mais nada, a gente... Eu acho que... esse negócio de aquecimento global também... acho que ninguém dá muita importância, mas ninguém sabe o que tá acontecendo de verdade. Ninguém se preocupa... tipo assim, tem gente que fala: - Ah, o mundo vai acabar... Falam isso desde quando eu era pequena... mas ele pode acabar... e do jeito que tá indo...” (Júlia)

“Eu acho que a tendência é piorar, antes falava que ia acabar a água em 2050, depois 2025, daqui a pouco é pro ano que vem não tem mais nada... as pessoas não tão nem aí com o que tá acontecendo...” (Alice)

Preocupam-se em “querer ser alguém na vida” e entendem a necessidade do amadurecimento.

“Falta muito pra eu ser alguém ainda, eu sou muito boba ainda, eu tento falar sério, mas daqui a pouco eu já vou dando risada, eu não consigo ficar séria... E é isso, eu quero amadurecer. Tem que acreditar! Eu sei que eu posso! Tem que ter vontade!” (Júlia)

“Agora... eu não posso falar que eu sou alguém na vida agora, eu não tenho nada ainda... Quando eu crescer e amadurecer, aí eu vou ser alguém. Pra crescer tem que ser muito bom, excelente profissional, então esses três assim...” (Pedro)

Não conseguir definir o que é sonho não importa. Importante é acreditar nele.

“Sonho é você acreditar no que você sente, pra mim é isso.” (Paula)

“Acho que é você querer alguma coisa e acreditar que vai adquirir né...” (Alice)

“Olha eu posso falar outra palavra? Pra mim sonho eu gosto de chamar de objetivo.” (José)

Mesmo com as preocupações com o futuro e com todas as circunstâncias que cercam esses sujeitos, sonhar ainda é possível. Os maiores sonhos se relacionam à faculdade e a casa para as meninas, e ao futebol para os meninos.

“Então, eu tenho um sonho em fazer faculdade sabe... Ter minha casa também sabe... ter uma vida estável como todo mundo.” (Paula)

“Quero fazer faculdade de secretariado, porque eu já sou secretária sabe, e tenho vontade de fazer pedagogia também... terminando o curso eu quero fazer Ciências da Computação, porque essa é muito cara e eu não vou ter dinheiro pra pagar. Terminou a faculdade, tenho vontade de ter uma casa, vou comprar uma moto.” (Joana)

“Muita gente vai achar que é idiotice, mas desde criança eu sonho em ser jogador profissional de futsal. Esse é meu objetivo, é o que eu mais quero na vida. Eu treino, eu sou federado e no ano que vem, se Deus quiser, eu vou pro sub 20 e se eu chegar no sub 20, as chances aumentam mais.” (José)

“O sonho do meu filho é ser jogador de futebol. Futebol é tudo! O Chico (treinador) vê que ele dá a vida por um jogo. É tanto que eu gostaria que ele conseguisse o sonho dele. Ele vê aqueles jogadores que começaram da favela sabe.”
(Nair) - (grifo nosso)

Além desses, outro sonho que estimula esses adolescentes é alcançar a independência.

“Eu quero ter um lugar meu pra eu poder fazer o que eu quero.” (João)

“Quero arrumar a minha casa pra minha mãe morar quando eu sair fora... tipo eu deixar tudo arrumadinho pra ela ficar lá.” (Ana)

“Eu tenho um sonho de sair de casa né... eu tenho que ter tipo assim... uma condição financeira pra eu me virar sozinha e eu sei que no meu tempo não é fácil (...).” (Júlia)

“Ela quer ter a vida dela, é o que ela comenta.” (Carmem)

Os sonhos que envolvem a família refletem a carência, as mágoas e o orgulho construídos na convivência familiar.

“(...) é ver um dia, não vai ser tão fácil, eu vê a minha família, por parte de mãe, parte de pai, toda junta, nem que seja só no Natal, só no Ano Novo, só pra uma foto. Ter minha casa grande, de preferência com empregada, porque eu não vou querer limpar. Cuidar da minha mãe que eu já preciso e o meu carro com meu irmão junto.”
(Juliana)

“Eu tenho um sonho de... ah... tipo eu gosto muito da minha mãe, mas eu queria esquecer ela sabe? Mas eu não consigo (...) eu queria assim, tirar ela da minha mente sabe... ela não perturbar mais o meu pensamento, assim... Eu tenho um sonho assim de parar de ligar pro meu pai entendeu?” (Júlia)

“O futuro... uma coisa eu sei, eu não quero ter medo, eu quero arriscar mesmo (...) eu quero uma família estruturada, uma boa família. Uma família onde não haja problema... Ah! Não sei explicar... sei que depende da gente.” (Tatiana)

“(...) e sonho é uma família boa... assim ... Se eu tiver uma família como a minha já tá de bom tamanho, porque eu vou na casa das minhas as e eu olho assim: - Puts, o que é isso?” (Maria)

“Sonho em ser mãe. Nossa, já tenho até o nome do meu filho. Sabe... vontade de.. não sei porquê fiquei com vontade de chorar...” (Alice)

Alguns sonhos podem parecer impossíveis para quem ouve (até para eles mesmos), mas para quem acredita, é o combustível que alimenta a vida.

“Meu sonho, parece brincadeira sabe... querer ir pra passarela, nossa, eu me sinto tão importante quando eu tô em cima de uma palco. (risos) Meu sonho é viver num mundo artístico, música, passarela, teatro... só que pra tudo tem um pequeno defeito: Passarela, eu sou baixa demais; Música, minha voz é grossa demais; teatro, eu

tenho síndrome do pânico... (risos).” (Juliana) - (grifo nosso)

“Agora, um sonho um pouquinho mais bobo é que eu canto, eu morro de vontade de montar banda e é isso. Eu tenho definido, eu risco, eu escrevo, entendeu? Tá no papel, eu planejo demais, é isso que eu penso. Outra coisa, eu morro de vontade de montar um tipo esse (AJAS) pra todo mundo (risos).” (Joana) - (grifo nosso)

Para esses adolescentes “os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor da sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformam os inseguros em seres humanos de raro valor. Os sonhos fazem os tímidos terem golpes de ousadia e os derrotados serem construtores de oportunidades.” (Cury, 2007:11)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Você não é uma entidade isolada,
mas uma parte única e insubstituível do
cosmo.*

*Não se esqueça disso.
Você é uma peça essencial do quebra-
cabeça da humanidade.*

Epicteto, A arte de viver

Quando nos propusemos a analisar o vínculo afetivo entre o adolescente, a família e a instituição, compreendido como mediador de intervenção protetiva, educativa, de autonomia e independência, sabíamos dos desafios que enfrentaríamos junto às famílias, na academia e em nossa vida pessoal.

Ao assumir coordenar a AJAS no ano de 2004, tínhamos muitos sonhos e um propósito: desenvolver um projeto que fosse efetivo para a comunidade, que pudesse provocar mudanças concretas na vida das pessoas e que elevasse o padrão de vida das famílias e dos jovens com quem trabalhamos. Cinco anos após iniciarmos nossa atividade profissional nesta organização, pudemos observar através da pesquisa, nos relatos dos sujeitos, os primeiros sinais de possíveis mudanças nas vidas dos jovens e de suas famílias. Percebemos

também que, quando a organização se dispõe a ações de proteção social e educacional como meta prioritária, dificilmente deixa de ter correspondência Social e comunitária. Parece-nos que a AJAS vem atingindo seus objetivos, servindo à comunidade, trazendo certos benefícios para a vida das pessoas a ela vinculadas. Primeiro os adolescentes, depois as crianças e em seguida os adultos, cada qual ocupando seu espaço, demonstrando suas necessidades e expectativas, completando-se no todo.

Mas, sensibilizá-los não foi uma tarefa fácil. Contribuíram para enfrentar este desafio o espaço físico adaptado para o desenvolvimento do projeto, o ambiente acolhedor e propício, o tipo de atividade, o diálogo, o respeito por parte dos funcionários e uma metodologia interdisciplinar em que se procurava articular as diversas dimensões dos sujeitos: física, espiritual, social e familiar, possibilitando o conhecimento das demandas apresentadas em sua amplitude e complexidade, relacionando-as umas com as outras, configurando a especificidade de cada situação. (Morim, 1991)

Esse tipo de intervenção requer profissionais qualificados e éticos, que dominem as bases teórico-metodológicas que instrumentalizem a apreensão da realidade do adolescente e de sua família, expressa nas mais variadas formas. Requer também conhecimento das políticas públicas e sociais existentes bem como as dificuldades entre direitos conquistados e a realidade do atendimento

oferecido. Trata-se de um projeto social que estimula o desenvolvimento de ações através do exercício da acolhida, do saber ouvir, da reflexão partilhada, da troca, da co-responsabilidade. Apoiar e elevar.

Um projeto cuja base relacional configura-se como eixo de referência, favorecendo o desvelamento dos valores e das dissonâncias impressas na dimensão relacional entre jovens e adultos: a autoridade e o autoritarismo; a liberdade e a bagunça; a autonomia e o individualismo.

Requer, portanto, um profissional que proporciona o questionar, o divergir, o estar à vontade para debater, assegurando-se da importância do aprender a pesar as diferentes alternativas e do poder de escolha entre uma coisa e outra. Formas que levem às escolhas livres, mas com responsabilidade. Liberdade e responsabilidade que devem crescer juntas, num mesmo eixo, na busca da construção da cidadania. (Losacco, 2005)

A pesquisa aponta resultados expressivos. O comportamento dos sujeitos começa a mudar a partir de sua própria iniciativa, de forma natural na vivência e na interação com o outro, sem que haja imposições.

Os relatos demonstram melhora na auto-estima, na formação de vínculos de confiança, na construção do sentimento de pertencimento, na formação de novos valores e crenças, no desenvolvimento do protagonismo juvenil e na identificação com o outro e com o meio. Essas melhoras se refletem na relação

e no desempenho escolar, familiar e social. Principalmente no amadurecimento dos sujeitos.

Através dessas mudanças, esses sujeitos passam a desempenhar um papel decisivo na história, dando sentido à sua vida, alterando o seu olhar sobre a sua participação social e a sua inserção na sociedade.

Essas conquistas passam por um processo de valorização de suas subjetividades e pelo acesso a um repertório sociocultural e sócio-educacional mais amplo, aspectos fundamentais para seu desenvolvimento e para que possam se tornar pessoas reconhecidas e valorizadas na família e na sociedade.

Esses sujeitos apreenderam o saber ser, o saber fazer, o saber conhecer e o saber viver juntos, valores até então desconhecidos para a maioria deles.

A intenção ao ressaltar esses resultados não é concluir que basta apenas resolver as questões subjetivas da família que os seus problemas serão solucionados. É evidente que uma família socialmente bem suprida consegue oferecer uma base segura mais eficaz se encontrar, nas políticas públicas e sociais, um aliado para intervir nas questões que a aflige.

Não estamos nos referindo a uma intervenção paternalista, autoritária, calcada na tutela e na visão dos indivíduos enquanto objetos de intervenção do poder público. As ações do Estado precisam prever no atendimento às famílias,

possibilidades concretas de acolhimento e escuta, de operacionalizar e sistematizar práticas direcionadas à construção da emancipação e autonomia dos sujeitos. Especialmente, empoderando-os na tomada de decisões e envolvendo-os nos processos de desconstrução de ações e movimentos caracterizados pela violação de seus direitos.

Queremos pontuar que o trabalho com famílias requer desmistificar seu espaço na rede de relações naturais e instintivas e direcionar a este espaço um olhar mais ampliado, onde se alcance as múltiplas contradições, conflitos e reproduções de relações sociais e determinantes históricos.

Não se trata apenas de reconhecer os múltiplos arranjos familiares assumidos na sociedade moderna, mas ao mesmo tempo, reconhecer que o espaço do afeto também pode ser o espaço da violência, dos conflitos e das contradições. Reconhecer e atuar, a partir destes preceitos é avançar no sentido da desconstrução da relação Estado/família calcada sob a ótica da penalização, dos indivíduos-problema, culpabilização, tutela e controle do primeiro para com o segundo. Caminhar da cultura assistencialista no âmbito da política e dos serviços direcionados às famílias e na desconstrução da família como sociedade natural e sujeito econômico de mercado, para novas atuações e práticas calcadas no modelo institucional de políticas públicas assentadas no princípio da

universalidade, objetivando a manutenção e extensão dos direitos. Estes em sintonia com as demandas e necessidades particulares. (Miotto, 2004)

As perspectivas indicadas são, sem dúvida, um desafio. Entretanto, em nossa prática profissional, entendemos que a atuação qualificada e não reprodutora de normas, burocracias e conceitos socialmente determinados sobre o que considerar no trabalho com famílias, mas principalmente rumo a outras óticas referenciais e ideológicas, que, de fato, sejam precursores de um novo fazer profissional e institucional pode contribuir para que esses desafios possam ser superados.

A experiência profissional mostrou as limitações que cercam essas famílias, mas evidenciou uma força interior ainda maior em resistirem, apesar de tudo, a qualquer tipo de dogma, alienações de diferentes naturezas, para construírem seus projetos futuros (Rodrigues, 2000), desde que nessa trajetória possam encontrar pessoas, instituições ou organizações que lhes dêem o apoio necessário, instrumentalizando-os para enfrentar esses desafios.

Durante o desenvolvimento deste estudo, o processo evidenciou que, apesar das subjetividades inerentes ao ser humano, não podemos pensar em uma distinção entre indivíduo e a sociedade. É uma abstração, um reducionismo que não podemos aceitar porque temos a sociedade dentro de nós. Nossos pensamentos, nossas idéias, nossas interações, nossa sobrevivência, nosso

contexto geral são, na realidade, uma representação particular e individual de como captamos o mundo de acordo com uma fórmula pessoal, de acordo com nossa história pessoal e de acordo com o modo pelo qual esse meio atua sobre nós e nós sobre ele. (Pichon, 2007)

Constatamos que, apesar dessas famílias estarem condicionadas aos aspectos externos, à medida que seus vínculos internos se fortalecem mais aptas elas ficam para enfrentar as circunstâncias externas que as angustia.

Pautados nesses valores, a AJAS investe na família e na força do vínculo afetivo familiar e social como especial estratégia para fortalecer a unidade familiar e assim, potencializá-la para o enfrentamento e superação dos conflitos internos e externos aos quais estão sujeitos. O programa que desenvolve é dividido em três momentos complementares: a fase inicial da acolhida, de fundamental importância para a permanência e adesão do adolescente ao programa; a fase de construção dos vínculos e desenvolvimento do ser e a fase final que prevê a integração social e elevação deste ser diante das novas perspectivas e projetos de vida por eles almejados.

Para concluir, seria preciso uma frase que permitisse encerrar dois anos de pesquisa que trouxesse á tona respostas definitivas para tais questões, mas como isso não foi possível, gostaríamos de deixar as ultimas palavras àqueles

que têm vivenciado esse processo diariamente nos fazendo acreditar que o sonho é possível, ainda mais se for partilhado com e para o coletivo.

“Eu aprendi muito aqui dentro e não gostaria que a Simone saísse, nem a gente... porque a gente aprende a mudar, os outros são loucos pra entrar, mas como eles não têm idade...” (Débora – mãe da Simone)

“Eu tenho um caçula de 11 anos e ele faz Fundhas, mas ele quer de todo jeito fazer os dois, ele é louco pra entrar no violão. Ele fica com ciúmes, porque ele fica ouvindo a Ana: - AJAS, AJAS, tudo AJAS. Agora a hora que eu fui sair ele: - Mãe posso ir com você?” (Eunice – mãe da Ana)

“Eu tinha um sonho de colocar eles na Fundhas, mas daí hoje eles falam: - Mãe, vê se a senhora coloca a gente na AJAS, aí nós não precisa entrar na Fundhas. (risos) Eu trouxe outro dia as meninas no Espaço Mulher (não tinha

com quem deixar) e agora quer vir toda vez.” (Nair) - (grifo nosso)

“Eu quero ficar cada vez mais aqui e eu quero que mais pessoas passem aqui e passa os momentos que a gente passa.” (Tatiana) - (grifo nosso)

“Eu espero que a AJAS melhore cada vez mais, porque igual a Tatiana falou, tudo que eu passei na AJAS foi bom, eu não passei nenhum momento ruim na AJAS e eu queria que outras pessoas passasse pelo que eu passei, os momentos de alegria, descontração, de carinho, de amor dos funcionários da AJAS. Enquanto eu puder ficar na AJAS... (...) A minha relação é de afeto, porque sempre que a gente precisa a AJAS cuida da gente. Quando tem que levar bronca a gente leva, quando tá com dificuldade a AJAS ajuda... é uma família.” (Ana)

“Quando completa dezoito anos é o ultimo ano? A minha expectativa é aproveitar o que me falta aqui. Mas como

quando fui convidado para ser voluntário na festa de Natal, quando eu terminar eu quero continuar ajudando, isso eu quero mesmo, e quero fazer uma quadra de Futsal pra AJAS. Pra mim aqui é como se fosse um segundo lar.”

(José)

“O que eu sinto pela AJAS é carinho... todo mundo trata o outro com carinho. Quando eu entrei eu achei diferente. Porque, às vezes, quando eu vou pra escola... tipo, eu falo que não vou...aí eu saio...não é sempre. Mas quando você vem pra AJAS é porque quer, porque gosta.” (Maria)

“A AJAS é legal, tipo assim... é uma ponte... amigos, família... quando você precisa de ajuda... o tempo que eu tive aqui eu adorei.” (Joana)

“A AJAS faz parte da minha história também... na verdade, o que eu acho daqui... é esse negócio da idade... mas o resto... se eu fosse dona daqui eu mexeria na idade. (risos)

la oferecer mais cursos, entendeu... faculdade, porque aí eu não precisava fazer fora..." (Paula)

"Eu acho que a AJAS é muito bom entendeu... de tudo... quando você chega no portão você já sente aquela alegria assim... Tô na AJAS... uhuhu!!!! É bom entendeu... eu não sei falar assim sabe... Depois que entra, aquilo passa a fazer parte de você, preciso da AJAS, se fica assim... um dia sem o seu curso e você pensa: - Nossa... no outro dia se vem, você sente saudades, dá saudades... é isso..." (Julia)

"Eu acho que a AJAS é uma vontade de Deus na vida de vocês, então eu não vejo nada pra reclamar, porque tudo que Deus faz é perfeito e foi Ele, é vontade dEle isso aqui." (Alice)

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marina Maciel. Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

ARRUDA, Isabel Campos de. O Cotidiano de um abrigo para crianças e adolescentes: Uma simplicidade complexa (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

ARREGUI, Carola Carbajal; WANDERLEY, Mariângela Belfiore (Orgs.). Colóquio de Animação Sociocultural. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2006.

ATAÍDE, M. A. de. Das múltiplas perdas sociais e familiares ao cometimento do ato infracional: a privação da liberdade e o árduo cotidiano da Fundação Casa (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BELFIORE, Mariângela; WANDERLEY, Lúcia Bógus; YAZBEK, Maria Carmelita (Orgs.). Desigualdade e a questão social. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: EDC, 2007.

BOWLBY, John. Apego. Martins Fontes, 1969.

_____. Cuidados Maternos e Saúde Mental. 2ª ed. Martins Fontes, 1998.

_____. Formação e rompimento dos laços afetivos. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego. Artes Médicas, PA, 1989.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

Centro de Estudos Metrópole. Mapa de Vulnerabilidade Social da Cidade de São Paulo. Secretaria Municipal de Assistência Social. São Paulo, 2004.

Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, D.F., 1988.

CURY, Augusto. Nunca desista de seus sonhos. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

CYRULNIK, Boris. Os alimentos do afeto. São Paulo: Editora Ática, 1995.

_____. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Sob o signo do afeto. São Paulo: Instituto Piaget, 1989.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8069, 1990.

FERNANDES, Rubens César. Privado Porém Público – O Terceiro Setor na América Latina. Rio de Janeiro: CIVICUS/ Relume Dumará, 1994.

FONTES, F. C. C. A força do afeto na família: uma possibilidade de interrupção da prática infracional de adolescentes em liberdade assistida (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Paz e Terra, 1998.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GENOFRE, R. M. “Família: uma leitura jurídica.” In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 1995.

HERKENHOFF, Maria Beatriz Lima. Entre a proteção, a educação e a emancipação: Ações complementares à escola. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes – Projeto UNESCO / MDS – 914BRA3026 – IFF: Prestação de serviços especializados de consultoria para o desenvolvimento de estudos e elaboração de proposta de classificação e

tipificação de serviços socioassistenciais no âmbito do Sistema Único de Assistência Social.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). Família Brasileira, a base de tudo. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2000.

LASCH, Cristopher. Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LOSACCO, Silvia. "O jovem e o contexto familiar." In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amalia Faller (Orgs.). Família: redes, laços e políticas públicas. 2ª ed. São Paulo: IEE-PUC /SP, 2005.

MARTINELLI, Maria Lúcia. "Os métodos na pesquisa. A pesquisa qualitativa." In: Temperalis. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília, ano V, nº 9, 2005.

MARTINS, José de Souza. O massacre dos Inocentes. A criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. A sociabilidade do Homem Simples. São Paulo: Hucitec, 2000.

MAZERA, Lucirley. O filtro da Vida: Um estudo sobre as modificações sociais no modo de vida dos pacientes renais crônicos em hemodiálise. (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MELLO, S.L. de. "Família: perspectiva teórica e observação factual." In: Carvalho, M.do C.B. de (org). A Família Contemporânea em Debate. SP. EDUC/Cortez, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 22ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MIOTO, R. C. T. Educação e família (Dissertação de Mestrado). Campinas, 1989.

_____. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, nº 55, ano XVIII, 1997.

_____. "Novas propostas e velhos princípios: a assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sociofamiliar." In: SALES, M.A.; MATOS, M.C. de S. Leal (Orgs.). Política Social, família e juventude: uma questão de direitos. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo.

2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

NOLTE, Dorothy Law; HARRIS, Rachel. As crianças aprendem o que vivenciam. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

PAUGAM, Serge. Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza. EDUC/Cortez, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. Teoria do Vínculo. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Brasília – DF, 2004.

RIZZINI, Irene (Coord.). Acolhendo crianças e adolescentes: experiências de promoção do direito à convivência familiar e comunitária no Brasil. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNICEF; CIESPI; Rio de Janeiro: PUC/RIO, 2006.

RODRIGUES, Joel Costa; BOSCO, Sérgio Marinho de Souza (Orgs.). Redescobrimo o adolescente na comunidade: uma outra visão da periferia. São Paulo: Cortez, Brasília: UNICEF, 2005.

RODRIGUES, Maria Lúcia. Caminhos da transdisciplinaridade: fugindo às injunções lineares. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, nº 64, ano XXI, 2000.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. “Famílias enredadas.” In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.). Família: redes, laços e políticas públicas. 2ª ed. São Paulo: IEE-PUC /SP, 2005.

_____. “O jovem na família: o outro necessário.” In: Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo (Orgs.). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAWAIA, Bader B. “Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético – política, perigos e oportunidades.” In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.). Família: redes, laços e políticas públicas. 2ª ed. São Paulo: IEE-PUC /SP, 2005.

SILVA, A. G. Direito Social. Poder Judiciário e Serviço Social: desafios na área da infância e juventude (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

SPOSATI, A. Cidade em pedaços. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SZYMANSKI, Heloíza. “Ser criança: um movimento do ser humano.” In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.). Família: redes, laços e políticas públicas. 2ª ed. São Paulo: IEE-PUC /SP, 2005.

_____. “Teorias e ‘Teorias’ de famílias.” In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Viver em família como experiência do cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. Serviço social e Sociedade. São Paulo: Cortez, n° 71, ano XXIII, 2002.

TAKASHIMA, Geney M. Karazawa. “O desafio da política de atendimento à família: dar vida às leis – uma questão de postura.” In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 1995.

VALENTE, Janete Aparecida Giorgetti. O Acolhimento Familiar como Garantia do Direito à Convivência Familiar e Comunitária. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

VICENTE, Cenise Monte. “O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo.” In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). Família Brasileira, a base de tudo. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2000.

VITALE, M. A. Faller. “Socialização e família: uma análise intergeracional”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 1995.

WALLON, Henri. Psicologia e Educação da Infância. Lisboa, 1975, Estampa.

WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Imago Editora LTDA, 1975.

YAZBEK, Maria Carmelita. "Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no capitalismo." In: Temperalis. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília, ano II, nº 3, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação e, se for o caso, se seu responsável, na Pesquisa Em busca do elo perdido, que tem como objetivo melhorar o atendimento na AJAS.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder quaisquer questões ou fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações neste ‘ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo

permanecerá arquivada com o Pesquisador do Programa de Pós Graduação do Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo responsável por esta Pesquisa."

São José dos Campos _____, de _____ de 2008.

Participante: _____

Endereço: _____

Como responsável pelo adolescente _____,

declaro meu consentimento para participação nesta pesquisa.

Responsável: _____

Endereço: _____

Assinatura do Pesquisador:

ANEXO 2 – ROTEIRO DE DEBATE DO GRUPO FOCAL DOS ADOLESCENTES

1º momento – Introdução (esclarecimentos sobre a pesquisa)

2º momento – AJAS

- Quando e como vocês descobriram a AJAS?
- Você e seus familiares percebem/sentem alguma mudança em você desde a sua entrada na AJAS?
- O que contribuiu para essa mudança?

- Qual foi o seu melhor momento na AJAS?
- Como é sua relação com os funcionários da AJAS?
- Você já precisou da AJAS por questões pessoais?

3º momento – Família / Escola

- Fale sobre a sua família.
- Com quem você se relaciona melhor?
- Qual a relação da sua família com a AJAS?
- Qual é a sua relação com a escola?

4º momento – Projetos / Sonhos

- Como você define sonhos?
- Quais são seus sonhos com relação: à família e ao futuro?
- A AJAS contribui para a realização desses sonhos?
- Como você vê o futuro do país?
- Como é sua relação com Deus?
- O que faria para melhorar a AJAS?

ANEXO 3 – ROTEIRO DE DEBATE DO GRUPO FOCAL DOS ADOLESCENTES

- Como descobriram a AJAS?
- Perceberam uma mudança no filho (a)?
- Você conhece os funcionários da AJAS?
- Fale sobre sua casa/família/relacionamentos.
- Já precisaram da AJAS para resolver questões pessoais?
- O que você sonha para o seu filho (a)?
- Você conhece o sonho do seu filho (a)?
- O que faria para melhorar a AJAS?

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL GRAVADO EM MÍDIA CD-R

Transcrição Grupo Focal – 11/10/08 - Adolescentes

Pesquisador – Apresentações:

José – Bom, o meu nome é José iniciei na AJAS com 14 anos e estou aqui há três anos e comecei no desenho (História em Quadrinho), depois fui pro futebol, deixei os dois e fui fazer informática, terminei e hoje faço inglês e Propulsor (Curso de Orientação Profissional). Conheço quatro pessoas desse grupo.

João – Meu nome é João, entrei na AJAS com 12 anos e estou aqui há três anos. Comecei fazendo Dança de Rua, faço até agora, mas passei pra informática e agora faço violão também. Nesse grupo eu conheço e já fiz atividade com 3 pessoas.

Maria – Eu tenho 16 anos e entrei na AJAS com 12 anos no hip hop, depois fui fazer dança de rua e agora estou na informática. Fiz durante um ano psicólogo também. Bom, aqui da turma eu conheço todo mundo e fiz atividade com, deixa eu ver... três pessoas.

Tatiana – Estou há três anos e meio, quando eu tinha 13 anos. Já fiz dança de rua, psicólogo, informática, propulsar e inglês que eu não terminei. Hoje tô na dança. Desse grupo eu conheço e já fiz atividade com cinco.

Pedro – Estou na AJAS há 3 anos e meio quando eu tinha 13 anos. Comecei fazendo hip hop, parei, fui pra dança de rua, informática e propulsor agora. Daqui eu conheço todo mundo.

Simone – Eu sou a Simone, o pessoal não me conhece bem porque eu fiquei um ano, saí e voltei. Eu fiz coral em 2006 com 13 anos e agora estou com 15 e faço dança de rua e teatro. Daqui eu faço atividade com 5 pessoas.

Ana – Eu tenho 15 anos, entrei na AJAS com 12 anos e fazia hip hop, agora dança de rua, informática avançada e já fiz informática básica.

Pesquisador – Como vocês chegaram na AJAS?

José – Eu fazia desenho na Casa da Cultura, aí o professor Vinícius, eu falei pra ele que queria aprender mais, que só uma vez por semana não dava, aí ele falou da AJAS e me trouxe aqui. Daí eu cheguei aqui, você veio me atender e disse: - Como assim entrar? E foi falar com o professor e ele confirmou. Aí eu entrei! Aí depois meus pais vieram, depois eu gostei. Eles vieram legalizar

minha situação no desenho e pras outras coisas, outros cursos quando eu fui pro futebol. Nunca tinha ouvido falar da AJAS.

Tatiana – Eu conheci a AJAS tava em construção ainda. Aí eu cheguei, vi escrito lá no lugar: Dança de rua, aí eu vim com minha mãe aqui, marcou tudo, aí eu comecei. Na época eu tava dando muito trabalho em casa, aí minha mãe achou bom.

Maria – A Paula viu a construção, aí depois de tudo pronto ela foi lá em casa e me convidou pra vir com ela. Aí eu entrei e já comecei no hip hop. Aí no começo, meus pais queriam saber se era isso mesmo que eu queria fazer, se era aqui que eu queria ficar. Aí depois, eu gostei, meus pais vieram aqui e conversaram tudo, conheceram o horário...

João – Eu comecei porque minha mãe achava que eu ficava em casa o dia inteiro, sem fazer nada, vagabundo, aí eu tô aqui. Foi minha mãe que veio, eu não conhecia, ela falou o que tinha e eu escolhi.

Ana – Eu sempre passava na frente e tinha vontade de entrar, e não tinha coragem. Aí eu falei pra minha mãe que falou pro técnico, o Chico, aí ele foi em casa, aí eu falei pra ele que eu queria fazer alguma coisa, aí como eu amo

dança eu entrei no hip hop, daí a minha mãe veio comigo pra ver se tinha vaga no hip hop, daí eu entrei e pronto.

Simone – Eu sempre quis fazer canto coral, só que não tinha onde fazer, aí minha tia falou pra minha mãe que aqui tinha coral. Minha mãe veio, fez minha inscrição e perguntou se eu queria mesmo. Aí eu fiz um ano de coral. Aí eu mudei de escola (período integral) e não sobrou horário pro coral e aí eu saí daqui. Depois mudei de escola, mudei de horário, aí como eu tava dando trabalho, minha mãe perguntou se eu queria voltar pra AJAS e eu falei que não, depois eu falei que queria e a opção era teatro e com o tempo eu fui pra dança de rua também. Essa minha tia participa e os filhos dela também.

Pedro – Eu tinha terminado de fazer o curso de bombeiro, aí eu completei a idade e ia ficar parado em casa e o tenente lá do bombeiro falou que tinha um curso, aí ele me mandou pra cá, eu conversei com o assistente social e entrei no hip hop. No começo foi difícil. Cheguei na aula de Hip Hop, ficava no meu canto, no primeiro dia, assim, fiquei só olhando todo mundo, aí o professor: - Não, vamos fazer aula! – Não, tô só olhando. Pra ver se eu gostava de fazer aula. Aí na terceira ou na quarta aula que teve lá, que me obrigaram a fazer, pegou e puxou e pôs eu no meio da dança. Aí depois disso, eu comecei a fazer a coreografia lá. Agora eu não tô mais tímido, eu conheço todo mundo, tenho amizade com todo mundo já.

Pesquisador – Pedro, você era um cara muito “fechado”, o que fez você mudar?

Pedro – Ah! Foi as pessoas, o professor, o pessoal da dança, aí eu comecei a me soltar mais. O festival de dança que eu participei (Fest Dança) foi diferente. Eu fiz um monte de amizade lá. Foi muito divertido. De lá pra cá, as coisas mudaram. Ah! Eu conheço mais gente agora, agora tá mais fácil de fazer novas amizades.

José – Quando eu cheguei aqui eu me senti meio... eu sentia mal, porque eu entrei aqui de um jeito diferente e eu não conhecia muito as pessoas e aos poucos eu fui conhecendo, eu conhecia o professor que me ajudava e eu comecei a conversar com o pessoal da história em quadrinhos. Aí no acampamento eu estava com uma bela fantasia e daí foi quando eu conheci mais gente, eu conheci todo mundo lá no acampamento. Agora sinto que eu tenho facilidade de falar com o público agora. Quando eu tô numa reunião, eu não tenho mais vergonha de falar. Eu tô falando mais.

Maria – Eu não sou a mesma. Quando eu entrei aqui eu não falava muito e entrei no hip hop, aí eu conversava só com a Bia. Era pouca gente que eu tinha contato, aí só depois que eu comecei a falar com todo mundo.

Tatiana – Nossa, quando eu entrei, era eu e a minha irmã, a gente fazia zona na aula de dança, assim... o professor me ajudou muito, as pessoas que eu conheci aqui... nossa... fazem parte da minha vida e vai continuar fazendo... as amizades que eu tive e tudo, e hoje eu tô bem.

Ana – Muita alteração. Eu era muito... eu respondia muito a minha mãe, eu era briguenta. Minha mãe vivia na escola, porque eu vivia brigando na escola e quando eu entrei na AJAS eu vi uma coisa que se eu quisesse continuar aqui dentro eu tinha que melhorar. Eu sentia isso. Aqui tem as regras e então tem que seguir as regras e eu gosto muito da AJAS, eu sempre gostei muito. No começo foi um pouco estranho quando eu entrei... tem que seguir regras, essas coisas, mas tipo, a AJAS é muito legal... e eu melhorei bastante, todo mundo fala.

Pesquisador – O que contribuiu para essa mudança?

Tatiana – Bom, o que contribuiu foi o tratamento, o jeito que vocês receberam a gente, a forma que vocês se preocupam com a gente, foi essas coisas.

José – Ah! Eu acho que foi o crescimento porque eu vi que aqui se alguém quiser ser alguém melhor, tem que fazer algo mais do que aquilo. Ficar só no desenho... aquilo era um passatempo pra mim... eu precisava evoluir mais...daí

eu fiz a informática e o inglês...eu tô fazendo o inglês e o propulsor também porque eu acho que vai ajudar muito no meu futuro.

Maria – Lembro que quando o assistente social me chamou pra conversar e disse que eu já estava com uma idade que eu tinha que me preocupar com um trabalho e me sugeriu entrar no projeto da Elaine (Propulsor) que ajudaria quanto a orientação de trabalho e curso. Como eu estava com os dias cheios, o assistente social me deu direito de escolher dizendo que eu teria que optar entre a dança de rua ou o projeto. Daí eu decidi fazer o projeto, porque eu quero crescer, eu quero evoluir, e se eu ficasse na dança de rua eu acho que era mais um passatempo. Aí a psicóloga também falou comigo. Eu sinto falta da dança, né! Porque quando eu cheguei na informática eu não conhecia ninguém, daí eu fui puxando conversa. Aí eu pensei: Ah, eu vou ficar aqui... ou faço amizade de qualquer jeito, ou fico aqui do nada... ou não agüento o curso... a professora é rígida... assim, ela é rígida e eu não vou conversar com ninguém ainda? E eu fiz amizade com todo mundo.

Pesquisador - Como é a relação de vocês com os funcionários?

Ana – Ah! Porque eu converso com todo mundo e no primeiro acampamento teve a Edileusa (educadora social) que ficou no meu quarto, então temos uma amizade muito forte, daí sempre que eu tô aí eu fico conversando com ela.

Tatiana – As pessoas aqui? Ah, além de um serviço social é como se fosse uma família, pelo jeito que tratam a gente, conversa, tudo.

Ana – Vocês cuidam da gente, se preocupa, sempre procurando fazer o melhor pra gente fazer o melhor, dá as opções corretas, se preocupa, às vezes dá bronca, dá colo.

João – Os funcionários da AJAS ajudam a gente a evoluir mais e crescer, como se fosse uma família mesmo.

Pedro – Olha, eu não tenho nenhuma crítica contra a AJAS, é super legal, são gentil com todo mundo.

Pesquisador - João, sua mãe freqüenta a AJAS?

João – Sim, antes ela era voluntária nos eventos, agora ela é funcionária, trabalha na cozinha. Meus pais e meus irmãos também freqüentam a AJAS, quando tem eventos meu pai ajuda e meus irmãos fazem atividade aqui, um faz futebol e desenho e a outra faz sapateado.

José – Meus pais não freqüentam, mas conhecem aqui e vem aqui todo vez que precisa pra inscrição ou reunião. Quando falo pro meu pai que eu vou pra AJAS, ele já fica bem já, porque eles sabem como é, e eles gostam daqui.

Maria – Meus pais não freqüentam a AJAS porque eles trabalham, aí o horário que eles têm, já ta fechado. Mas quando eles tem que assinar alguma coisa ou alguém tem que falar alguma coisa pra eles, eles sempre marcam um horário. Quando eu venho na AJAS, eles ficam mais sossegados. Acho que se eles pudessem eles faziam alguma coisa aqui. Meu pai e minha mãe eles gostam daqui, porque eles sabem que seu sou bem tratada, eu falo pra eles o que eu fiz, como foi, sabe? Tipo assim, igual no acampamento, eu nunca dormi fora de casa, minha mãe nunca deixou. Você viu como ela falou, né? Mas da segunda vez, ela nem se preocupou.

Pedro – A minha mãe conhece um pouco a AJAS. Ela vem aí quando precisa assinar autorizações para os passeios e outras coisas. Ela já conhece a AJAS, por isso não precisa vir muito aqui.

Tatiana – Eu entrei com a minha irmã, mas ela saiu, completou 18 anos, fez aula de dança e informática. Meu pai não vem muito, mas minha mãe tá sempre presente, né? Vem conversar com o assistente social, quando precisou

de advogado e sempre quando precisa , tipo, de uma orientação. Ela se sente bem quando sabe que eu tô aqui, ela fica tranqüila.

Simone – Minha mãe e meu padrasto vêm na AJAS. Minha mãe faz o grupo de mulheres e meu padrasto vem reclamar de mim e da minha mãe.

Ana – Minha mãe se pudesse vir todo dia ela vinha encher o saco do assistente social. Ela adora a AJAS. Ela faz o projeto mulher toda sexta-feira. Tem dia que ela faz cara feia e eu brigo com ela, porque se eu tenho que ir ela tem que vir também! Quando eu faço alguma coisa que ela não gosta, ela vem falar com o assistente social, pra ele puxar a minha orelha. Meu pai não vem muito, mas conhece a AJAS.

***Pesquisador** – Você precisou da AJAS por alguma situação particular?*

Tatiana – Já. Foi a separação dos meus pais. Fiquei totalmente desolada, aí eu vim procurar a psicóloga e o assistente social pra conversar e minha mãe também. Eu tive problemas lá com meu pai, daí minha mãe sempre tava aqui pedindo ajuda, orientação. Essa orientação durou quase um ano e mesmo assim continuei nas atividades e pegava mais firme.

Maria – Olha, foi uma vez que eu conversei com o assistente social que eu queria trabalhar, aí eu expliquei tudo. Aí ele falou que eu poderia fazer um curso que a AJAS oferecia de orientação profissional, o propulsor, que me auxiliaria nessas coisas de entrevista.

Tatiana – No começo eu não queria passar no psicólogo porque eu achava que psicólogo era coisa de louco, mas minha mãe queria colocar eu, mais depois eu fui gostando e a psicóloga me explicou que o atendimento psicológico estuda o comportamento, o sentimento e o pensamento e trabalha com isso. Hoje eu indicaria, se todo mundo pudesse fazer seria a melhor coisa.

Maria – Eu fazia psicólogo antes da AJAS, porque eu sou uma pessoa muito difícil, entende? Sou bem difícil! Aí a psicóloga, um dia, foi na aula de dança e conversou com a gente, explicou o seu trabalho e disse que estava a disposição. Aí eu pensei e fui marcar. Eu melhorei, não foi 100%, mas eu melhorei um pouco, antes eu era muito estressada sabe e xingava todo mundo. Eu acho que me ajudou bastante. Minha mãe achou bom. Minha mãe é assim, se eu achar que eu tenho que fazer, ela explica, ela não dá palpite, ela não achou ruim, ela achou até legal. Eu falei pra ela ver se não tinha vaga pra ela. (risos) Por eu ser filha única eu sou muito difícil, eu sou muito estressada. Minha mãe veio algumas vezes também.

Tatiana – Minha mãe veio também pra psicóloga explicar o que acontecia comigo.

João – Que eu me lembre eu não vim nenhuma vez, mas sei que se precisar vou ser bem atendido.

José – Eu já precisei um monte de vezes. A primeira vez foi pra arrumar meu RG que estava ruim e o assistente social me ajudou a plastificar, aí eu resolvi o problema, porque eu precisava apresentar para fazer minha inscrição no futsal, onde eu sou federado e a outra vez foi quando eu precisava fazer um trabalho de escola, e eu não tenho computador, daí o assistente social deixou e deu tudo certinho e quando eu precisava de um currículo o assistente social me ajudou a fazer.

Pedro – Até hoje não.

Ana – Ah! Quando a minha madrinha foi pro Japão e eu gostava muito dela e eu fiquei muito mal. Então eu vim falar com a psicóloga e fiquei horas chorando no colo e ela me explicando, daí minha mãe queria que eu fizesse psicóloga, mas eu achava que era coisa de louco, eu vim uma vez e nunca mais. Mas é que eu tinha medo de contar e ela contar pra minha mãe e ela brigar comigo.

Nesse ano que eu resolvi fazer não tinha mais. Mas eu faço propulsor que é muito bom.

Simone – Eu já precisei por problemas em casa, eu e a minha mãe, que eu brigo muito com a minha mãe por causa do meu padrasto porque eu não se dou bem com ele. Eu já saí de casa por causa disso. Vários motivos.

***Pesquisador** – Fale um pouco sobre a sua família.*

Pedro – Moro com a minha mãe, minha tia e meu avô, no mesmo terreno, só que eu e minha mãe numa casa que cortou no meio, metade é da minha tia e o meu avô num sobrado em cima. A gente passa algumas dificuldades. Minha mãe tem que pagar o telefone e ela falou pro meu pai que se ele não pagar a pensão até o dia 20, vão tirar o telefone. Meu vô, às vezes, ajuda, ele é aposentado. Ah! A água, a luz e o telefone é tudo junto. Todo mundo paga, mas o telefone só minha mãe paga pra falar a verdade. Teve uns fatos por causa do meu pai. Eu só ia pra lá pra fazer trabalho de escola, essas coisas assim, porque em casa não tem internet. Aí então eu tive uma discussão e com isso, meu pai falou que não ia pagar a pensão e minha mãe falou que a gente ia passar aperto com a alimentação e telefone. E eu tenho um meio irmão por parte de pai. A minha relação com a minha mãe é incrível. Posso contar tudo pra ela, não preciso esconder as coisas que eu faço, eu faço alguma coisa

errada eu falo pra ela, ela escuta, não briga comigo, às vezes! Tudo que eu preciso eu falo pra ela, eu pergunto pra ela: Mãe se eu fizer isso, isso ou isso, será que tá bom, será que tá certo? Eu não preciso esconder dela, eu posso contar com ela no futuro.

Tatiana – Eu tô morando com meu pai e meu irmão mais novo, aí como teve o problema comigo e com meu pai, a gente não se dá muito bem, eles vieram na AJAS mais uma vez e entraram num acordo da minha mãe ficar lá em casa no meio da semana. Ela vai na terça e fica em casa sempre por perto me ajudando. Eu tive uma briga feia com meu pai e assim, tipo que eu tava precisando da minha mãe de volta pra casa. Aí minha mãe veio aqui, conversou com o assistente social e tudo... e resolveram. Com o meu pai dificilmente a gente conversa, agora eu tô mais sossegada com a minha mãe assim... pra conversar... falar com ela tudo. Meu pai é autônomo, trabalha com uniforme e ele mesmo sustenta a casa, ele costura, tem uma confecção lá em casa e a minha mãe é pensionista e trabalha na feira, dia de domingo. Meu pai também monta a barraca lá vendendo uniforme de escola... sai pra fora também. Minha mãe tem a barraca dela... é um do lado do outro, mas ela tem a dela e ele tem a dele. Fica eu e meu irmão ajudando ele e minha irmã mais velha fica com a minha mãe. Não falta nada em casa, mais tipo... como meu pai tá com outra mulher agora, ele não põe tanta coisa dentro de casa, faz

compra e leva tudo pra lá. O que eu mais quero é parar de depender do meu pai, se eu arrumar uma coisa legal, um emprego legal, estudar fora...

João – Ah! Minha família é... não sei como explicar... Moro com meu pai, minha mãe e meus dois irmãos e a casa é nossa. Meus pais trabalham, meu pai na ELEB e faz trem de pouso e minha mãe aqui na AJAS. É uma relação bem família assim... eu me dou bem com meus irmãos.

Maria – Eu moro em casa própria com meu pai e minha mãe. Assim, a gente vive apertado, mas como eu falei pro assistente social, meu pai tem uma casa, mais ainda não tá terminada, então ele tirou tudo o que pode, telefone, internet, o que pode passar sem ele tirou pra conseguir arrumar, porque assim, meu pai no meio da semana, daí ele trabalha de segunda a sexta no serviço dele e depois do serviço dele ele vai direto pro Buffet e só chega no domingo à noite, sem dormir, sem nada. E por causa disso ele quer terminar a casa que só tem laje e quando chove pinga na luz, sabe? Ele vê aquilo e dá angústia nele. Daí ele vai juntar mais dinheiro pra continuar... mas é só isso que aperta. Quando eu quero alguma coisa eu não peço. Eu vejo que tá apertado, eu não vou pedir, por isso que eu quero trabalhar, por isso a minha mãe disse: se eu trabalhar eles não querem nada, eu pagando pra mim, tá bom, porque eu já dou um gasto danado em casa, com a escola, passe, roupa, essas coisas e se eu tiver pra mim aí tá bom... o convênio eu perdi, porque eu fiz 16 anos e eles pagam

separado... o convênio, o dentista, a fono e vai apertando. Tipo assim... roupa eu gosto de comprar, mas quando eu vejo que meu pai tá apertado eu não peço. Minha mãe não tá trabalhando, só meu pai. Ela faz uns “biquinhos” e paga algumas coisas, mas assim, tipo, eu dô gasto, porque eu uso aparelho, tem o dentista, a fono, o convênio pra pagar, a escola, pra fazer trabalho tem que ir na lan house, tem que imprimir, então eu dô bastante gasto... daí assim, o acordo que eu fiz com meu pai foi o seguinte: ele me dá 10 reais por mês pra gastar com os trabalhos da escola e o resto ele me dá... Meu pai gosta de comer bem, sabe? Ele não deixa faltar nada. Ele fala assim que quando era criança ele passou muita fome e agora pra gente não vai faltar.

Ana – Eu moro com minha mãe, meu pai e meus dois irmãos. Porque minha irmã morava em casa só que ela conseguiu bolsa numa faculdade em São Paulo e foi morar lá. Minha mãe teve que pagar tudo dela, o aluguel, água, luz, alimentação e ainda bem que a escola dela é pertinho e só atravessar a rua, mas teve que emprestar porque não tinha dinheiro. Lá (república) são oito pessoas, foi mais de 300 reais e eles dividiam tudo. É, foi muito difícil. A minha mãe e o meu pai teve que emprestar dinheiro e minha mãe não conseguiu pagar ainda porque são mais de 300 reais... só no 1º mês, e ela teve que pagar mais da bagagem porque era muita coisa... foi muito difícil. A minha mãe é pensionista, porque ela caiu no serviço dela e teve um problema na bacia, daí ela recebe. Mas um tempo atrás ela ficou quase seis meses sem receber. Meu

pai e meu irmão, eles trabalham. Meu irmão mais velho ele ajuda, porque ele trabalha de instalar alarme, daí ele ganha e ele ajuda em casa pra fazer compra. Meu pai trabalha na Câmara Municipal, ele é assessor do vereador, daí agora que meu pai e meu irmão decidiram comprar um carro, ficou mais apertado, mas não falta nada em casa. E tudo que eu quero eu peço na hora certa. Quando eu vejo que ele tem que gastar bastante, que a minha irmã precisa de dinheiro, daí ele tem que mandar dinheiro para minha irmã, daí eu não peço nada, mas quando eu vejo que tem dinheiro eu peço.

Pesquisador – Como é a relação com a família?

Maria – É tipo assim, eu e a minha mãe a gente tem uma relação próxima, mas eu sou mais com o meu pai. Meu pai me entende mais sabe? Tipo assim, minha mãe é muito estressada, a gente tem um gênio parecido. Ela é muito brava, muito estressada e eu sou muito estressada e ela é muito autoritária! Tudo do jeito dela tá certo e eu não acho certo daí eu quero corrigir e ela não aceita, daí... igual ontem, anti ontem, a minha casa tava muito suja porque tá tendo construção. Daí limpa toda hora e não dá muito certo, suja também. Daí ela fez do jeito dela, daí eu disse: Mãe deixa que eu faço por aqui e você vai passar pano lá, daí ela me xingou e eu apelei com ela e disse: O que eu fiz? Aí eu respondi de uma forma, mas não pra agredir, foi pra dizer que ela tava errada. O meu pai viu que eu tava certa e ele defende. Como eu falei no

propulsor, meu pai tá sempre no meio de nós duas, quando a gente briga, porque eu sou muito estressada, aí ele vai, fala comigo, não sei o quê... tipo assim, mas se eu trabalhar vai ajudar muito.

Tatiana – Me dou melhor com minha mãe. Eu tenho dificuldade de me abrir com meus pais. Com meu pai é só problema, só abre a boca pra brigar... agora com a minha mãe é mais tranquilo, mas não me abro com ela. Quando preciso me abrir eu procuro alguém... tem o Rogério também que eu conheci no acampamento da AJAS e assim...com o pessoal da AJAS, a Elaine... eu sempre procuro alguém.

Ana – Eu não me dou com nenhum dos dois. Eu não consigo falar com a minha mãe porque ela tem os problemas dela e eu não acho certo. Ela vive com problema na cabeça, na coluna e eu não consigo falar com ela e o meu pai não pára em casa e a única pessoa que eu converso é com a Patrícia, a mãe do Hernando (namorado). Eu falo com ela tudo que eu tenho que falar.

Pedro – É meio idiota falar isso, mas pra mim eu não tenho mais pai. Porque durante 16 anos ele não se preocupou comigo. Teve um tempo atrás que ele veio falar comigo lá: - Não faz isso, pára de namorar com ela! Com a Larissa, e começou a falar um monte: - Você é novo, fica namorando aí, larga dela, pega outra! Eu simplesmente falei: - Você não manda em mim, você não é meu pai!

Durante 16 anos ele não se preocupou comigo, agora fica falando pra mim, pra eu ficar com ele. Toda semana ele fala: - Vem pra cá, eu vou te dar isso... Ele quer fazer um jogo pra eu morar com ele... e eu sei que tudo isso é pra ele não pagar a pensão. Quando eu ia na casa do meu pai ele falava: - Ah! Que saudade, vem pra cá? Ah, ele tá com saudade de mim? Liga pra mim! Vai na minha casa! Mais não... Ele tem carro, tem telefone, tem internet. Ele fala: - Vai lá no shopping, compra tal roupa... Pô meu, eu preciso de dinheiro, não de roupa! Eu quero ajudar lá em casa. Lá em casa tem dificuldade, eu não quero dinheiro pra mim, eu quero ajudar em casa, eles pensam que eu... tipo assim... como o meu pai é o mais velho lá, então ele fica lá com a minha tia e tem que pagar aluguel pra minha vó que ele mora na casa dela lá... ele fala: - Tá difícil aqui... uma pá de coisa, mas ele gasta direto com brinquedo, roupa e comida pro filho dele...pô, eu também existo né? Então pra mim agora, eu não tenho mais pai! Porque ele não se preocupa comigo, ele se preocupa só com dinheiro, quer parar de pagar a pensão. Conversar com ele, eu converso, às vezes, e assim: - Oi tudo bem? E tchau! Só isso. No começo da separação eles não se davam bem, aí ele parou de pagar a pensão. Minha mãe ficou atrás dele pra ele pagar, né? Aí ele contratou uns advogado... Advogado ele contratou dois... três mil o advogado, então ele não tem dinheiro? Teve uns rolo lá, depois minha vó faleceu... aí ninguém da minha família se importou... aí, no velório lá... a família do meu pai foi lá e todo mundo em vez de falar: - Pô, faleceu, né? Ficou todo mundo cascando o bico lá... falta de respeito! Aí

passou um tempo, a prima do meu pai faleceu, passou um tempinho, ele foi pra casa e minha mãe se deu bem com ele lá. Ele quase dormiu em casa, ele tava mal pra caramba, a gente ficou lá com ele... Aí passou um tempinho de novo... ele vai, arma o maior joguinho, pára de pagar a pensão de novo... aí minha mãe percebeu que tava um joguinho, ficou nervosa e tudo lá... agora ela não fala mais com ele.

Simone – Eu moro com minha mãe, meu padrasto e meus irmãos. Seis irmão. Só que moram quatro comigo, porque dois não moram. Um tá preso e o outro tá casado. Mora eu e meus irmãos e minha mãe tá esperando um filho... Ah! Assim, a gente também passa por muitas dificuldades, porque só o meu padrasto trabalha lá. Ele trabalha a noite, só que minha mãe trabalha na feira domingo também. Agora meu irmão tá saindo da cadeia, vai ser mais uma boca né? Até meu irmão arrumar um serviço, mas é mais uma boca... eu sei não falta nada, mas é muita dificuldade. Às vezes, a gente quer alguma coisa, mas nem pode pedir porque não tem como... a minha mãe vende umas coisas na feira, mais não é sempre que ela consegue. E assim, as vezes, eu peço uma coisa pra minha mãe e ela não pode, mas ela faz o máximo possível pra me dar aquilo que eu pedi, porque, assim.. não é porque eu sou a única filha mulher que ela tem que me dar. Não! Eu peço, eu falo: Mãe, se a senhora puder a senhora me dá, se a senhora não puder tudo bem... aí depois... assim... é muito ruim pra ela pagar as contas dela, porque quando eu quero

uma coisa, as coisas que eu quero é muito cara, aí ela fala: - Simone, não dá! Aí eu acho que eu dou muito gasto porque eu quero as coisas e a minha mãe compra e fica com dificuldade pra pagar... então... Eu não conheço o meu pai. Eu não sei nada dele e eu não se dou com meu padrasto. A única lá dentro que eu me dô bem é com a minha mãe e meus irmãos. Com ele, ele é apenas o marido da minha mãe, pra mim, ele não é nada. Já conversei várias vezes aqui na AJAS só que não deu muito certo, porque tá dando muito rolo na minha casa e a questão é isso. Então eu conversei com o assistente social, e ele me disse que ia sentar nós três pra resolver esse problema, mas como eu não gosto do meu padrasto eu não tô querendo, mas o assistente social disse pra eu pensar e daí depois falar com ele.

José – A minha casa é própria, mas é da minha vó, minha vó já tinha e eu morava em São Sebastião, aí eu vim, quando eu vim pra São José eu tô morando com ela, mas a minha vó morreu. Agora quem cuida... mas quando minha vó era viva já era minha família que cuidava da casa mesmo. E agora que minha vó morreu, ficou eu, meu pai, minha mãe e minha tia. A gente tinha o terreno nosso que a gente pagava e acabou de pagar, mas agora o meu pai vendeu e comprou o caminhão dele. Eu fiquei com raiva, porque eu gostava do lugar que era o terreno... daí ele comprou o caminhão dele e parece que melhorou a situação um pouco, porque eu não escuto ele falar que tá com problema. Antes tava demais, só que agora não, a única coisa que ele fala é

que não tem dinheiro pra abastecer o caminhão de vez em quando, mais ele consegue. Ele sempre trabalhou com caminhão e ele gosta, ele sempre quis o caminhão dele... quando ele comprou, ele tá feliz agora. Eu recebo a Ação Jovem e as coisas que eu quero pra mim eu consigo. A única coisa que eu tenho pedido pra ele é um tênis novo de futsal. Ele fica enrolando eu, mas eu tô esperando até agora. Eu me dou bem com os dois, só que eu sou quieto, eu num sô de ficar toda hora lá, ficar falando... eu fico mais quieto, na minha. Eu não paro em casa, porque eu faço muita coisa, daí eu me dou bem com a minha mãe porque ela fica mais tempo em casa.

Pedro – Eu também tô no Ação Jovem. Me chamaram lá em casa, eu não tava aqui, me falaram. Melhorou as coisas de casa porque quando precisou ajudar e comprar as coisas pra minha mãe, eu pego o dinheiro e ajudo em casa, se precisava de comida, eu ia lá, ajudava comprar... e roupa pra mim, as vezes, se eu precisava, eu comprava.

Pesquisador – Vocês acham que tem amor na casa de vocês?

Maria – Tem.

Simone – Ah! Acho... não, não acho, não.

Tatiana – Não.

Ana – Da parte da minha mãe um pouco menos. Minha mãe gosta de mim, mais ela não demonstra. Ela não chega e fala, ela só fala o que eu faço de errado e acho que da parte da minha mãe... Agora, da parte do meu pai, ele conhece as coisas que eu faço, se eu faço alguma coisa certa, ele fala e se eu faço errado, ele explica. Minha mãe se eu faço errado, ela só vem me xingar.

Pedro – Às vezes... Minha mãe quando tá com dificuldade em casa, às vezes, ela, meu vô e minha tia se dão bem, aí quando tem dificuldade, minha tia não ajuda em casa, aí fica um xingando o outro. Ficam falando tudo pra mim. Minha tia: - Sua mãe é isso, seu avô é aquilo. Tá bom. Aí minha mãe: - Ah... sua tia e seu vô viu, sei lá... Aí o único que não fala nada é meu vô, porque ele é mais quietinho.

José – Eu acho que tem.

João – Tem, apesar das brigas, eu acho que tem.

***Pesquisador** – Qual foi o seu melhor momento na AJAS, aquele que você nunca esquece. Um momento legal dentro de tudo o que a AJAS já te proporcionou?*

Maria – Eu acho que pra mim, aqui é tudo legal, só que eu acho que foi a parte, quando eu comecei a conversar mais, quando eu fiz mais amizade, porque foi daí que... tipo, agora eu não paro de falar mais, mas quando eu entrei, eu não falava muito, acho que a melhor parte foi quando eu comecei a falar mais e quando eu comecei a mudar. Ah! No acampamento também foi legal! E um momento que a gente tem pra, além de se divertir, conhecer pessoas novas. Eu acho que no 1º acampamento o que eu mais gostei foi a parte da fogueira, todo mundo se reuniu, conversou e do 2º foi a parte que rolou no salão, de conversa assim. Eu nunca tinha dormido fora. Eu já viajei com a escola, mas não de dormir fora, tanto que quando a minha mãe veio para a reunião do 1º acampamento, minha mãe disse: - Olha, eu vou deixar, mas olha lá, cuidado lá, aí eu falei: - Ai meu Deus....vergonha! Mas no 2º acampamento ela nem perguntou muito.

Simone – Ainda não teve um momento que eu posso dizer que vai ficar, mas... ah... eu saí com a AJAS num lugar que foi legal... assim... foi num lugar que eu nunca tinha conhecido e eu conheci e nesse dia eu fiquei tão boba... Sério! Esse dia vai ficar marcado, eu fui junto com as meninas grávidas. (shopping e cinema)

Tatiana – São vários, os acampamento, as Baladas Teen que a gente fazia, apresentação de dança também, ai... assim ficou tudo marcado, eu vou

guardar pra sempre. Eu nunca tinha saído assim pra dormir fora, nada, nossa! Foi demais! Meu pai não queria deixar, mas aí minha mãe veio aqui, conversou, ficou sabendo de tudo, aí ela deixou. Ah! Eu fui no Fest Dança que teve e foi bem legal. Era diferente, era muito bom! Fora a apresentação, foi o acampamento, o último que teve com as pessoas lá que tão fazendo parte da minha vida.

Ana – Eu participei do 1º acampamento, do 2º eu não participei não. Eu só tinha dormido com a minha madrinha, mas teve uma vez que eu fui na casa de uma amiga, mas meu pai foi me buscar. Era 2h da manhã, ele não deixou eu dormir lá e eu já era grandinha. Eu já tinha entrado na AJAS, tinha 12 pra 13 anos, não era mais criança. No 2º acampamento eu não fui porque eu fiz uma coisa muito errada, que eu me arrependo, daí eu não tava muito bem psicologicamente pra ir e minha mãe não deixou eu ir porque eu tava de castigo. O momento inesquecível pra mim foi no 1º acampamento... eu tava na fila do café da manhã e eu tava na fila e o assistente social veio e me deu um abraço e um beijo na testa e tipo... ele nunca tinha feito isso. Eu via o assistente social como “O poderoso”, que não fazia nada, tipo abraçava, não beijava, e tipo, foi muito legal! Daí eu comecei a ver quem realmente era o assistente social.

Pedro – Balada Teen...

José – Foi quando eu vesti aquela bela fantasia no acampamento e todo mundo começou a tirar foto de mim. Todo mundo lá no 2º andar. Era a fantasia do Super Man. Eu não fui no 1º porque eu avisei meu pai na véspera. Aí ele falou: - Você tinha que ter falado antes, por isso eu não vou deixar você ir... mas no 2º minha mãe participou da reunião, viu como ia ser e ficou sossegada.

João – Foi o Fest dança, porque eu nunca tinha apresentado pra um público grande, eu fiquei nervoso, foi uma coisa diferente. Eu fui no 1º acampamento, no 2º não deu pra eu ir, porque eu tava doente. Nunca tinha saído pra dormir fora não! Só na casa da minha vó, da minha tia... Minha mãe queria me deixar morar lá...

***Pesquisador** - Vamos falar da relação de vocês com a escola.*

Ana – Ah! É meio estranho. Lá é muito estranho a escola. Tem muitas pessoas que não são do bem e tentam te influenciar pra fazer coisa errada... tipo que eu não gostei muito. Eu não falei pra minha mãe, mas eu pretendo mudar de escola o ano que vem, porque se eu quero uma coisa eu tenho que ir num lugar que me dê apoio, não que me deixe pra baixo. Todo mundo fala que é a melhor do bairro, mas eu não quero ser a melhor do bairro, eu quero ser muito melhor. Então... tipo, eu quero aprender... não quero só passar o tempo.

Alguns professores são melhores, eu consigo conversar, tem a minha professora de matemática que quando eu tenho um problema eu chego lá e converso com ela e ela me aconselha, mais tem professor que não ta nem aí... fala bom dia, dá aula e sai. Eu tenho 10 professores, só 2 conversam. Não tenho nenhum carinho pela escola.

João – Minha relação com a escola é boa. Não é tão boa porque esse ano mudou de professores e ficou meio difícil, mas tem um pouco de relação com os professores. Eu gosto da escola.

Simone – Minha relação com a escola... como eu entrei esse ano, tem pouco tempo naquela escola, eu não conheço muito dali, eu não sei o ritmo dali, como é entendeu? Eu estudei muito tempo no Moabe. Quando eu entrei no Grupão, já deu pra ver como é aquela escola. É um pé de guerra, é copo pra cá e pra lá, tem muita gente querendo arrumar briga... eu não tenho muita amizade... só com algumas pessoas, contando no dedo e olhe lá ainda... eu tenho mais amizade com meu primo que estuda lá também. Quando eu entrei naquela escola eu já queria ir embora dali.

Maria – É boa, tipo todo mundo se respeita. A minha sala é dividida, cada um com seu grupinho, mas no geral ela é bem unida, sabe? Tem uns professores que dá vontade de enforcar, eu juro por Deus! Mas no geral eu tenho carinho

sim. É que tem professor que estressa a gente, porque não explica direito... porque ele é professor acha que tem sempre razão. Ontem, teve um que perdeu a caderneta e queria fazer um B.O. contra a escola. Que culpa a gente tem? Aí ele acusou todo mundo, foi a maior confusão.

Tatiana – Minha relação é tranqüila, eu estudo de noite lá, se tiver que fazer bagunça eu faço, mas assim...lá eu converso com o pessoal, de boa. Tipo que por ser a noite eles não tem muita atenção pra você direito na matéria assim... aí eu fico com aquela dificuldade de tirar dúvida, eu não vou e peço ajuda, aí eu pergunto pros colegas.Pela escola eu não tenho carinho, eu tenho mais pelas amizades que eu tenho lá.

José – Eu gosto da minha escola sim, apesar que eu não tô na mesma escola que eu tava na 8ª série.

Pedro – Mais ou menos. A escola lá... eu conheço todo mundo lá... só que tem uns amigos que são de verdade. Pelo fato de eu tá doente... eu passei mal na escola... e depois disso todo mundo na escola me conhece... a diretora agora... eu não conhecia a diretora, mas depois que eu passei mal a diretora... eu tô organizando umas coisas pra diretora lá... palestras agora... 8ª série, 1º, 2º e 3º ano todo mundo eu converso, conheço e eu tenho um carinho pela escola sim.

Pesquisador - Ana e do Pedro, vocês namoram há quanto tempo? Como aconteceu esse namoro?

Ana – Faz um ano. A gente se conheceu aqui dentro da AJAS e o meu pai não gostou, ele disse: na AJAS é lugar de aprender ou de namorar? Eu posso conhecer alguém legal em qualquer lugar, a AJAS é um lugar que eu gosto muito e conhecer uma pessoa legal aqui dentro é melhor pra mim. A AJAS dá uma força pra gente e quando tem que chamar pra falar alguma coisa, chama! E a gente tá sempre conversando com o assistente social ou com a psicóloga.

Pedro – A AJAS conversou com a gente, eu não peguei mal... se a gente começou aqui, logicamente que o assistente social tinha que ver isso.

Pesquisador – Qual a sua relação com o futuro/sonhos?

João – Eu quero ter um lugar meu pra eu poder fazer o que eu quero. Eu penso em terminar os estudos e depois casar, eu tava querendo estudar pra área de informática e eletrônica. Eu gosto de dançar, eu gosto de informática assim... eu gosto de mexer com eletrônica, eu acho legal.

José – Olha eu posso falar outra palavra? Pra mim sonho eu gosto de chamar de objetivo. Qual é o meu objetivo? Muita gente vai achar que é idiotice, mas desde criança eu sonho em ser jogador profissional de futsal. Esse é meu

objetivo, é o que eu mais quero na vida. É o que eu mais gosto de fazer. Objetivo é uma coisa que você tá chegando, é o alvo pra você, é chegar e agarrar! Sonho... no projeto propulsor a Elaine falou que tem sonho e desejo... e o sonho é o objetivo e o desejo é aquela coisa na mente. O sonho pra mim acontece quando você tá dormindo. Objetivo é quando você tá acordado na vida real. Eu treino, eu sou federado e no ano que vem, se Deus quiser, eu vou pro sub 20 e se eu chegar no sub 20, as chances aumentam mais. O goleiro da seleção, o Tiago, é uma referência pra mim, por causa que ele começou pequenininho, foi crescendo e chegou na seleção e agora ele é titular na seleção e tá tendo a Copa do Mundo e eu tava olhando no site dele que ele teve um problema psicológico e ele treinou tanto que ficou estressado, chama over training , como o treino é muito puxado, ele começou a ficar com cansaço mental e físico e ele pensava em desistir de tudo, só que ele pensou bem e 4 meses depois, ele agora é titular da seleção na Copa do mundo. Isso daí me deu ânimo, motivação.

Pesquisador – João, quem é referência na sua vida?

João – Olha, assim , no meio artístico eu não tenho ninguém. Se fosse para colocar uma referência, diria meus pais.

José – Minha mãe também, porque ela pode até tá desanimada que ela consegue passar por cima e ficar animada, outro é... quando eu tava na 7 série, eu tinha meu professor de Educação Física, um senhorzinho de idade só que ele pedalava quilômetros por dia... aquele ânimo... eu achava muito legal dele.

Pesquisador - Pedro, qual sua relação com o futuro, o que pensa em fazer, o que você sonha ser?

Pedro – Ah... eu não pensava muito em ser alguém na vida assim...mas depois eu parei pra pensar e eu quero ser a profissão do meu pai que é marceneiro, montador de móveis. Aí eu percebi que eu gosto de matemática, eu gosto de números, aí eu já gostei pra montar um móvel assim, é isso que eu queria, porque meu pai ganha assim... por trabalho feito ali de mil a mil quinhentos, então eu já tô preocupado em saber como é pra eu ser montador de móvel mesmo. Já o sonho... ser alguém na vida... tipo a minha mãe...ela com 16 anos casou com meu pai, ela teve eu, batalhô e teve dificuldade porque ela não teve apoio da mãe dela, nem da minha vó, nem do meu avô, ninguém ficou do lado dela quando ela precisava, depois ela se divorciou do meu pai...correu atrás de emprego, teve dias ela ficava até sem comer pra da pra mim o almoço dela, sempre dando pra mim o melhor. Ela mostra pra mim o que é certo e o que é errado, ela é uma guerreira. Agora... eu não posso falar que eu sou alguém na

vida agora, eu não tenho nada ainda...Quando eu crescer e amadurecer, aí eu vou ser alguém.

Pesquisador - A AJAS favorece isso na sua vida?

Pedro – Sim, com os cursos. O Propulsor, com a informática, com a aula de dança...o professor falou de dança que ele trabalhou muito pra chegar ali e outro professor, o Osmar, que batalhê, ele cresceu sendo professor de dança, que ele mesmo falou que a dança não dá muito dinheiro que é difícil crescer na parte da dança. Pra crescer tem que ser muito bom, excelente profissional, então esses três assim...

José – Sim, mas eu tenho um segundo caminho, porque eu faço curso técnico em mecânica. Quando eu começo a ficar desanimado e perder o foco, vocês me ajudam a animar, a Elaine mesmo, fala umas coisas que ajuda demais.

Ana – O futuro é muito assustador. A gente não sabe o que vai fazer, não sabe se o que você quer é a coisa certa e vai dar certo. Eu pretendo fazer fotografia, porque eu acho muito legal e eu sempre vou na biblioteca e pego uns livros de fotógrafos muito famosos e tipo.. que eu me apaixonei, quando eu vi o primeiro livrinho, foi muito legal. E a minha referência é o Osmar, porque ele batalhou muito pra tá onde ele tá. Ele não era só professor, ele era pai e mãe, irmão, tio, primo, o que você precisava ele era. Se você tivesse um problema, podia ir lá na casa dele e se ele não tivesse, ele ia depois na sua casa conversar com você. Ele me ensinou muita coisa. E tem outro, pode parecer meio estranho, mas é o Pelé, porque ele passou fome e foi o maior jogador de futebol do mundo e ele não saiu do Brasil. Ele é muito humilde e ele correu atrás do que ele queria, mesmo todo mundo falando que não ia dar certo...ele conseguiu e eu quero ser fotógrafa. Quero arrumar a minha casa pra minha mãe morar quando eu sair fora... tipo eu deixar tudo arrumadinho pra ela ficar lá.

Tatiana – O futuro... uma coisa eu sei, eu não quero ter medo, eu quero arriscar mesmo, eu planejo fazer faculdade, tipo...eu vou correr atrás porque é uma

coisa que eu quero e eu quero uma família estruturada, uma boa família. Uma família onde não haja problema... Ah! Não sei explicar... sei que depende da gente. Porque se você quer fazer uma mudança, tem que fazer por você mesmo. Ah! Minha mãe é uma referência. Uma mulher que me ajuda em tudo mesmo. Ela é minha referência.

Simone – Eu não pensei ainda no futuro...

Maria – Eu quero fazer ferramentaria, eu vou fazer! E eu vou seguir essa carreira e assim... meu pai trabalhou na Wolks e eu queria saber como é trabalhar numa empresa grande né? E ele me disse que se você quiser ser chefe de alguma coisa, tem que ter ensino superior. Daí eu falei pro meu pai que eu vou fazer ferramentaria, porque isso não tem faculdade, é só curso técnico. Daí eu já fiz inscrição no Senai e vai ser durante três anos, daí depois que eu fizer o Senai e conseguir entrar numa empresa, aí eu vou fazer uma faculdade de administração e vou seguir! Meu sonho é ajudar os outros... então quantas faculdades eu puder, eu vou fazer...sonho é mais pra frente, agora eu vou correr atrás...e sonho é uma família boa...assim ...se eu tiver uma família como a minha já tá de bom tamanho, porque eu vou na casa das minhas amigas e eu olho assim: - Puts, o que é isso?

Pesquisador - Você tem namorado. Esse namoro é da vontade de sua mãe e a AJAS falou algo?

Maria – Sim, minha mãe deixa e a Elaine falou pra eu ter juízo, o que eu quiser fazer não é por namorado que eu vou deixar de fazer e eu tenho que seguir minha vida e se ele gostar de mim mesmo, ele vai me respeitar.

Pesquisador - Última pergunta, quais são suas expectativas quanto a AJAS?

Maria – Olha, eu tenho mais dois anos pela frente e o que eu puder fazer.. .porque a AJAS tá me ajudando muito, na informática, no propulsor...se eu conseguir eu vou fazer informática avançada e o inglês e isso vai me ajudar no futuro.

Simone – Eu pretendo poder fazer outras atividades.

Tatiana – Eu tenho outro ano pela frente e enquanto eu puder fazer alguma coisa aqui eu vou fazer... eu quero ficar cada vez mais aqui e eu quero que mais pessoas passem aqui e passa os momentos que a gente passa.

Ana – Eu espero que a AJAS melhore cada vez mais, porque igual a Tatiana falou, tudo que eu passei na AJAS foi bom, eu não passei nenhum momento

ruim na AJAS e eu queria que outras pessoas passasse pelo que eu passei, os momentos de alegria, descontração, de carinho, de amor dos funcionários da AJAS. Enquanto eu puder ficar na AJAS...

Pedro – Continuar mais dois anos e fazer mais cursos.

José – Quando completa dezoito anos é o ultimo ano? (risos) A minha expectativa é aproveitar o que me falta aqui. Mas como quando fui convidado para ser voluntário na festa de Natal, quando eu terminar eu quero continuar ajudando, isso eu quero mesmo, e quero fazer uma quadra de Futsal pra AJAS. (palmas)

João – Eu quero ficar aqui até quando der... uns três anos.

Pesquisador - Que vínculo você tem com a AJAS?

João – Afeto... carinho...

Maria – Carinho... todo mundo trata o outro com carinho. Quando eu entrei eu achei diferente. Porque, às vezes, quando eu vou pra escola... tipo, eu falo que não vou...aí eu saio...não é sempre. Mas quando você vem pra AJAS é porque quer, porque gosta.

Pedro – Amizade!

Ana – De afeto, porque sempre que a gente precisa a AJAS cuida da gente. Quando tem que levar bronca a gente leva, quando tá com dificuldade a AJAS ajuda... é uma família.

Simone – Amizade e carinho.

Tatiana – Amor, carinho, amizade, uma coisa bem forte...

José – Pra mim é como se fosse um segundo lar.

Transcrição Grupo Focal – 18/10/08 - Adolescentes

Pesquisador – Apresentações:

Paula – Sou a Paula, tenho 17 anos, estou na AJAS há três anos, já fiz aula de dança, psicologia, informática, atualmente faço curso de inglês e técnico em administração fora da AJAS.

Lúcia – Eu sou a Lúcia, tenho 15 anos.

Júlia – Tenho 15 anos, estou há três anos na AJAS, faço teatro, terminei informática ontem, o curso avançado.

Alice – Tenho 17 anos.

Joana – Meu nome é Joana, tenho 16 anos.

Juliana - Tenho 16 anos, completei a um mês atrás e ninguém lembrou, né? Só a professora de teatro, mas tudo bem. Faço teatro, teclado, terminei informática avançado, não sei se passei pro inglês.

Sueli – Tenho 17 anos.

Pesquisador – *Quando e como vocês descobriram a AJAS?*

Paula – Descobri a AJAS porque passei em frente e tinha um “baner” das aulas que iria ter aí me interessei pelas aulas de dança, aí entrei, me informei como era as vagas, essas coisas assim, aí eu me interessei e chamei um monte de amigos.

Lúcia – Fiquei sabendo pela minha mãe, ela passou aqui viu e me colocou aqui. Comecei fazendo violão, fui pro teatro, depois fui pra dança e fiz atendimento com a Elaine (psicóloga) que era vontade da minha mãe.

Júlia – Eu vim pra AJAS por causa da Sueli e da Amanda, porque eu vi elas ensaiando, eu achei interessante, entrei no meio da peça, daí depois eu vim assistir uma aula como convidada, aí o professor gostou e pediu pra eu conversar com o assistente social, aí eu falei pra minha mãe, ela veio aqui, daí deu problema, ela brigou, falou um monte de coisa e fui impedida de entrar e eu como sou intrometida de novo, briguei, porque eu queria fica e tô no teatro ainda.

Alice – Acho que estou na AJAS há três anos e comecei fazendo aula de canto, achei que era legal, cheguei aqui e desencantei, aí eu tava passando por problemas em casa e a Maria falou que tinha uma Elaine (psicóloga) aqui que resolvia os problemas, aí eu vim, fiquei, vinha toda semana, aí eu comecei a fazer informática básica, terminei e agora continuo com o inglês e com a Elaine no atendimento psicológico e o propulsor.

Joana – Comecei na AJAS com a dança, saí, fiz informática básica e avançada, fiz teclado e agora saí porque consegui um estágio e os horários não batiam, aí eu tive que sair.

Juliana - Conheci a AJAS porque minha mãe trouxe meu irmão, aí tava tendo canto coral e ela queria porque queria que eu fizesse, aí eu não quis, aí depois eu falava pra ela que eu queria entrar no teatro, aí eu entrei.

Sueli – Conheci a AJAS pela Amanda que viu e falou. Faço inglês, teatro e informática e o projeto da Elaine (Propulsor).

Pesquisador – Vocês sentem alteração na vida de vocês depois que entraram aqui?

Júlia – É assim, em casa a minha mãe não conversa comigo, ela só briga comigo, maior parte do tempo, aí quando eu venho pra cá, você me dá atenção sabe, não que eu quero toda atenção sabe, quando eu tô falando assim, escuta eu pelo menos né? Eu sei que não é tão importante, mas me escuta. Eu não tinha muita amizade, agora eu converso com todo mundo, entendeu? Eu sou meio cara de pau e acho que a AJAS ajudou bastante. (risos) Na escola eu já converso com todo mundo, entendeu? Antes eu olhava praquela menina e

falava: Ela é nojenta, e nem conversava com a menina, entendeu? Daí depois eu fui conversando, aí na minha sala tinha muitas meninas e meninos que eu falava mal e eu não sabia que eles eram legais assim e hoje eles são os meus melhores amigos da sala.

Alice – Acho que depois que eu entrei na AJAS o diálogo na minha família mudou bastante, porque eu acho que a AJAS interfere bastante na família, é como faz parte da família, e em mim na escola eu tudo achava que não conseguia e não conseguia mesmo, aí chegou aqui e diziam não, não é assim! Vai que você consegue, sabe, motivação, me ajudou bastante, já faz parte de mim. Eu já não consigo ficar mais sem a AJAS, porque faz parte de mim assim, passa uma semana sem vir já faz falta, sabe? Não gosto de faltar, gosto de conversar com a Elaine. Meus irmãos também participavam, mas minha mãe começou a trabalhar e a menina que cuida deles não quer trazer porque mora longe e dá muito trabalho, sabe?

Juliana – Bom, pra começar minha família inteira é da AJAS né... meus irmãos, minhas primas, meus tios, nossa... todos, mas mudou bastante sim (comportamento) como a Júlia disse, aqui todo mundo ouve sabe? E lá em casa não, a gente conversa assim um pouco, porque a gente vai falar com a mãe, com o pai e já começa a gritaria e aqui não, o assistente social conversa,

dá conselhos, assim... forma a nossa família aqui da AJAS também, faz mais amizades, eu ainda sou meio acanhada, mudou sim, fez muita diferença sim.

Paula – Bom, tipo assim, antes de entrar na AJAS, eu conhecia outras instituições sabe, como a casa de cultura, mas a AJAS é totalmente diferente das outras coisas que eu participo, porque como elas falaram, a AJAS aqui é como uma família mesmo. Todo mundo dá atenção, quando tá com problemas em casa vocês tá de braços abertos pra atender a gente. Às vezes eu tô saindo da linha, aí minha mãe conversa, aí eu penso em vocês, porque eu sei que se um dia eu vacilar, vocês vai ficar triste, porque vocês convive comigo e então vocês sabe como é né?! Em casa, por exemplo, minha mãe me ouve mais, meu pai sabe, tá mais perto de mim agora, sabe, a Elaine também me ajudou, ela me ajudou a ter bastante visão das coisas assim sabe, tinha vez que eu achava que era incapaz sabe, de conseguir certas coisas, hoje eu penso totalmente diferente. Hoje eu vejo as pessoas passando por dificuldades e a primeira coisa que eu penso assim é na AJAS porque eu sei que a AJAS vai ajudar.

Sueli – Eu era meio tímida antes de fazer o teatro e me ajudou bastante. Até pra falar dentro de casa, tirou minha timidez, na escola agora pedem pra eu ficar quieta.

Lúcia – Eu era, meio bicho do mato assim sabe? Eu não gostava de abraçar ninguém e vivia só no meu canto, aí aqui eu aprendi a conviver com as pessoas mesmo e por causa da AJAS, assim eu tenho uma amiga, uma irmã, foi por causa da AJAS.

Joana – Então né... eu entrei aqui porque eu tinha muito problema com meu pai em casa, hoje ainda tenho. Dá raiva só de falar disso. (começou a chorar) Porque eu ficava muito parada dentro de casa, não fazia nada e tal e vinha pra cá pra ocupar o tempo e me sentia bem. Até que sair daqui pra mim, foi tipo uma guerra, porque eu não queria sair, porque foi bom pra mim ter convivido aqui dentro. Igual o assistente social falou, você entra aqui de um jeito, de cabeça baixa, igual na escola, você passa por muita coisa. Levei muita dura, mas sabe, não é aquela dura de você falar: - Pôxa que chato. Mas aquela dura que era preciso levar. Porque às vezes, a gente tem que levar uns puxões de orelha pra crescer. Foi por isso, porque antes eu pensei, vou lá passar o tempo, tal, tal, tal, mas depois eu fui conhecendo eu fui gostando, por isso eu fiquei aqui entendeu? Eu ia ficar aqui até completar 18 anos e ia ficar enchendo o saco, mas daí eu tive que sair. Então, digamos que aqui foi meio que tipo a minha casa, e é isso.

Pesquisador – *Qual foi seu melhor momento na AJAS?*

Paula – Olha, eu acho que foi duas coisas assim que me tocou bastante, sabe, quando a gente vai lá no Rancho (acampamento) aí falava sobre Deus, tipo assim, lá também era outra família, tipo assim, tinha o pessoal da AJAS e juntava com o pessoal de lá, a gente chorava, se abraçava. Tem outra vez que eu vim na AJAS, o assistente social tinha conseguido aqueles quadrinhos (decoreção), porque a AJAS não tinha essas coisas antigamente, era praticamente vazia, aí com o tempo eu vejo o assistente social, tipo quando ele consegue alguma coisa pra AJAS, ele fala pra gente com aquela alegria e eu fico feliz por isso, porque eu vejo o crescimento e o assistente social alegre. Meu melhor momento foi no acampamento também e eu nunca tinha dormido fora, mas com a AJAS ela (mãe) deixa. Quando eu falo a palavra AJAS e tudo que envolve aqui dentro, minha mãe não tem nenhuma preocupação e foi minha primeira vez que eu dormi fora porque era com a AJAS.

Júlia – Eu acho que foi duas coisas que aconteceu... primeiro quando o assistente social não quis deixar eu entrar aqui entendeu, daí eu conversei com ele e falei que não era igual a minha mãe, que eu não era ignorante e tudo, ele entendeu falou que ia me dar uma chance, daí eu fiquei assim sabe... foi bom. A segunda foi no acampamento quando o cara lá falou que era pra dar um abraço forte na pessoa que você mais gostava (comoveu-se e começou a chorar) e daí eu peguei e dei um abraço na Sueli... (a amiga estava ao lado dela) Eu achei que foi um abraço verdadeiro sabe... É isso que eu senti...

(chorou novamente) Eu falei pra minha mãe que queria ir no acampamento, aí ela conversou com a Telma, mãe da Sueli, o que que tinha nesse tal de acampamento, porque ela desconfiava, porque ela nunca deixou eu ir pra nenhum lugar, mas aí a Telma falou , ela entregou os documentos (autorização) e eu fui, mas nunca tinha saído assim.

Alice – Pra mim foi o acampamento de 2007, aquilo lá pra mim foi um “corta tudo” sabe... pára com briga, pára com tudo sabe, nunca tinha saído, minha mãe não queria deixar, aí ela conversou aí eu fui, mas aquilo juntou tudo e vamo sabe, aqui é um só, sabe, não é? Foi muito bom.

Juliana - Foram duas coisas, o acampamento né que... eu não vou falar porque eu vou acabar chorando também, foi tipo, eu conheci uma outra família lá... A gente se sente mais querida, mais... sabe... acompanhada e os eventos que tem quando a gente tem que se apresentar, sabe, porque é a única vez que eu vejo a minha família tão reunida pra me ver sabe... (choro) vem minha vó, que eu não vejo há muito tempo, minha mãe, meus irmãos... me vê no palco... Quando eu tenho que apresentar no desfile que eu gosto muito de desfilar... aí eu falei pra minha mãe, ela falou que não ia... aí eu comecei a desfilar e nem procurava ela , mas aí eu olhei assim e vi ela na porta, lá no último porque tava muito cheio, aí eu fiquei muito contente sabe, só por causa dela ter aparecido.

Lá em casa quando a gente fala que é com a AJAS, aí pode ir, nem com a minha vó ela deixa.

Lúcia – Foi meu primeiro acampamento, foi lá que eu vi a Andresa. (melhor amiga e monitora voluntária) Eu nunca tinha dormido fora.

Joana – Eu não tenho um momento sabe, porque meu pai é muito chato (padrasto) e ele fala pra minha mãe e não deixa eu sair, eu não participo muito dos eventos, sabe, mas todo dia que eu estive aqui foi muito bom, tem sempre uma coisa diferente.

***Pesquisador** – Como é a relação com os funcionários da AJAS?*

Sueli – É gostosa, como se não tivesse chefe, ninguém melhor do que ninguém.

Alice – É gostosa, não tem diferença da D. Dita (faxineira), pro Marco (coordenador), ou outra pessoa, não tem diferença nenhuma, são todos do mesmo jeito.

Paula – Ah... Eu amo todo mundo aqui. Quando eu chego eu grito pra D. Dita: Oi Tia! Aí ela responde: - Oi fia!!! A Edileusa também eu amo, quando a gente

se vê parece irmã... a Elaine vê e já vem me dá um beijo no rosto e vai se abraçando, e o assistente social, a gente briga bastante, sabe (risos), mas eu gosto dele. E o James (ex-educador) eu sinto muita falta, eu gostava bastante dele.

Júlia – Ah, é legal entendeu, tem... trata a gente com carinho entendeu, ah, é gostosa entendeu, você chega aqui na AJAS já fala oi, que não sei o quê, já vem com um sorriso, entendeu? Ah, é isso...

***Pesquisador** – Você já precisou da AJAS por algum problema pessoal?*

Sueli – Eu já, minha mãe trouxe um problema de namoro e a AJAS conversou comigo com relação ao meu namoro se tava complicado e minha mãe tava com dificuldades e eu gostei porque me ajudou.

Júlia – O meu problema com a minha mãe tipo... melhora quando o assistente social conversa comigo, porque ela nunca vem.

Alice – A AJAS me ajudou. Eu tive um problema de separação dos meus pais e só ajudou. Ainda não resolveu, mas me ajudou.

Lúcia – Ah, eu não me lembro...

Joana – Me ajudou, com a minha família, no namoro, sempre tenho procurado quando eu não tava legal, me ajudou...

Pesquisador – Fale sobre sua casa e família.

Sueli – Bom, a casa eu não sei como que é não, mas sei que é da Caixa. Mora eu, meu irmão e meu padrasto, tem também os meus cachorros. Eu conheço o meu pai e vejo ele toda semana, mas eu prefiro o meu padrasto do que o meu pai. Estou com ele há treze anos e chamo ele de pai. Eu não passo dificuldades, não comparado ao que eu vejo, eu não passo. Da parte do meu pai eu tenho mais quatro irmãos, mas não vejo eles como irmãos, é como se fosse primos. Com relação a condição financeira eu tô no Ação Jovem e isso é legal, foi a AJAS que me pôs.

Joana – Eu moro com meu padrasto, minha mãe, meu irmão. Minha vida é tranqüila, não tenho dificuldades, as vezes eu cruzo com uns mendigos no meio da rua, coisa de louco, tem um que eu até converso....meu padrasto eu tenho problema com ele, qualquer coisa a gente discute. Faz dez anos que ele mora com a gente. A gente sempre briga todo dia, porque ele é muito ignorante, não deixa eu falar, não deixa eu comentar, que eu tô errada, tudo eu tô errada... mas é assim. Convivo com isso diariamente... (choro) Não poso mudar por enquanto, então.. o fato de eu estar trabalhando tá ajudando mais

ou menos, eu fico um pouco afastada, mas chega o final de semana começa tudo de novo... todo final de semana. Quando eu disse que ia fazer uma prova pra estágio, ele disse que eu não ia passar porque eu não tinha capacidade suficiente... ele, no dia chegou a sair com meu irmão pra passear, eu não falei nada, fiquei quieta... quem ajudou eu e me levou lá foi meu vô.. por ele ter falado isso e eu fiquei pra baixo, não tem como não ficar... ele veio e jogou na minha cara: você não vai conseguir... Demorou um pouco, aí eu consegui (choro), mas agora ele não fala mais nada, porque ele viu que eu consegui entendeu? Já a relação com a minha mãe é legal, em vez dela brigar ela conversa assim, ela senta, fala, não é assim... é maravilhosa, adoro a minha mãe. (choro)

Paula – Em casa mora eu, meu pai, minha irmã e minha mãe. Em falar de condições financeiras sabe, dá pra levar a vida. Meu pai trabalha muito, ele não pára, agora ele operou, ele pára mais tempo em casa, agora tá mais legal, e a gente fica o dia inteiro rindo. Agora a minha mãe quando ela fica nervosa ela fala muita coisa que não deve e essas coisas muitas vezes me magoam e muitas coisas que ela falou de pequena e eu lembro até hoje.. eu me dou bem com a minha mãe, a minha mãe é assim, ao mesmo tempo que ela tá sendo minha amiga, ao mesmo tempo ela tá brigando, xingando...entendeu? Às vezes eu não entendo, ela passa o dia inteiro nervosa, mas quando ela tá mais calma eu falo pra ela que ela falou tal e tal coisa assim pra mim, aí ela pede

desculpas, mas depois ela faz tudo a mesma coisa. Também sabe, eu faço parte de um programa aqui na AJAS, é o... Ação Jovem, aí esse dinheiro me ajuda. Outra coisa, eu namorei um ano e meu namorado era muito possessivo sabe, aí nós terminamos faz um mês, teve o meu aniversário, deu uma briga tão chata sabe, aí aconteceu essa história da televisão da menina (Eloá) que foi seqüestrada pelo namorado sabe, aí minha mãe fica falando: - Olha a televisão, vê se presta atenção... Aí em vez dela me dar força, fica jogando na minha cara sabe ... (choro) Ele não é assim... é que ele não tem atenção na casa dele e ele me trata tipo mãe assim, sabe, aí eu falo pra ele que eu não sou mãe dele, aí minha mãe fica implicando, jogando na cara.

Juliana – Ai, eu te falei que eu tô namorando? (risos e espanto) É tipo assim, é que faz desde anti ontem, como que você quer que eu fale...

Júlia – Eu moro com a minha mãe, meu padrasto e meu irmão e ele é filho do meu padrasto com a minha mãe e minha mãe é separada do meu pai faz bastante tempo... Eu tinha uns nove anos quando eles se separaram, daí meu pai teve várias mulheres sabe e isso dificultava de conversar com ele e daí ele tá com uma aí que ele aquietou um pouco, ele tem uma menina de cinco meses só que eu não converso com eles porque eu fui conversar com ele na casa dele sobre pensão e ela começou a gritar comigo e eu tava com uma amiga minha e minha amiga começou a ficar com medo dela e ela tava

nervosa e eu fiquei falando: - Calma, eu vim só conversar, nem sei que. E ela começou a gritar. Aí eu peguei e fui embora, daí depois de uma semana eu fui conversar com meu pai, ele se afastou, não queria falar comigo, procurei ele, mas ele me trata frio. Eu gosto muito da minha vó, mas eu evito ir na casa dela por causa dele, ele não conversa comigo, fica fazendo ciúme sabe, com a menina, eu acho que a menininha não tem nada a ver com isso entendeu? Ela é bonita e eu queria ver ela, mas a mulher dele não deixou eu ver ela, esconde a menina quando eu passo ela tampa, acha que eu vou tacar “olho gordo” na menina... Eu só vi o neném de longe porque minha vó mostrou escondido e ela só tinha seis meses, ela deve ter 6 ou 7 meses e eu não vi mais...E é isso. Em casa minha mãe conversa comigo pra me xingar e eu converso mais com meu padrasto, ele me dá mais atenção, porque quando ele sai de manhã é um saco, porque ele só chega às 4 horas da tarde. Eu fico contando as horas pra ver ele chegar pra eu poder ficar perto dele, porque minha mãe não briga comigo quando eu tô perto dele, ela me trata com carinho...acho que é isso. Gosto mais do meu padrasto do que do meu pai. Meu pai... em julho foi meu aniversário, tá certo que ele não conversa comigo, mas ele não ligou nem nada, eu passo na frente dele é como se eu não significasse nada sabe, é desse jeito. Eu cuido muito do meu irmão, porque minha mãe não tem paciência. Eu também não tenho paciência com ele, mas ele é pequeno assim, dá dó entende? Então eu cuido muito do meu irmão, eu prefiro dormir com ele que deixar ela dormir com ele, porque eu tenho medo dela machucar meu

irmão assim... Daí meu padrasto fala assim: - Nossa amor, ela parece mãe do moleque... e ele me chama de mãe, aí ela fala assim: - Tenho uma menina desse tamanho pra ajudar mesmo. Só que eu ajudo ela, só que eu não quero criar o meu irmão entendeu? O meu padrasto fala pra ela ter paciência comigo. Às vezes eu falo pra ela deixar eu sair, as vezes ela fala assim: - Ah, vai, nem sei quê. Só que ela não tá interessada em saber pra onde eu vou, com quem eu vou, entendeu? Meu padrasto já pergunta, eu falo pra ele e ele já não fica mais preocupado...

Alice – Eu moro com minha mãe, meus dois irmãos e os dois filhos do ex-marido da minha mãe. Ele se separou da minha mãe no começo do ano, deixou a casa bem assim no ar sabe... ele largou e não quis saber como que ficou. Ele não vai ver meus irmãos. O Luan e a Luana sofrem bastante com isso, choram, às vezes reclamam e ah... sei lá, a relação dele comigo assim, depois que eu... porque eu vi ele traindo a minha mãe, eu e a minha mãe vimos, a gente foi atrás dele e pegou ele com a amante dele, no fim, nem tá com ela, depois que ele largou a minha mãe ele já apresentou três como esposa sabe, não decidiu com quem ele quer ficar, aí com essa ele apareceu com uma criança sabe, que a gente não sabe se é dele ou não, uma confusão. A minha relação com ele, a minha mãe insiste muito pra eu falar com ele, mas eu não quero. Meu pai mesmo ele largou minha mãe quando ela tava grávida de mim de sete meses. Eu não conheci meu pai, conheci meus irmãos no mês

passado, três irmãos sabe, foi muito legal conhecer eles assim, adorei conhecer eles, foi muito bom, mas o meu padrasto eu nem procuro saber nada dele, eu só tô sentindo por causa dos meus irmãos sabe, porque eles sofrem bastante com isso... A minha mãe votou a trabalhar por causa da separação. Ficou muito difícil no começo. Todo mundo ficou com depressão em casa, e eu só comia, engordei bastante depois, sabe, a minha mãe gritava muito, acho que o stress dela... ela batia muito nos meus irmãos por causa disso. A situação financeira ficou bem difícil porque ele não levava ajuda pros dois né, aí ficou difícil mesmo. Tinha dia que eu tomava banho na minha tia, e eu cascava o bico por causa disso, mas não tinha jeito mesmo, aí minha mãe começou a trabalhar e nisso que ele foi embora a minha mãe ficava só com a minha pensão do meu pai que morreu, mas só nós quatro não dava certo, aí ficou bem difícil, mas aí foi amenizando...

Eu nunca tinha passado por isso antes, a minha família virou um caos, um terremoto lá em casa. Agora ele tá morando no Interlagos (bairro próximo) e de vez em quando ele vai lá vê meus irmãos e ele faz questão de mostrar a nova esposa dele e isso faz minha mãe sofrer muito, porque eu acho que ela gosta dele, ela chora, daí minha irmã também não gosta, aí ela chegou nele e falou: - Você é um irresponsável, sabia? E falou bem sério e meu pai achou que a minha mãe que mandou ela falar. Ainda bem que não foi, porque a minha irmã fala mesmo. – Olha essa criança, olha isso! Porque ele leva uma criança de três anos junto, mas acho que não é dele. Aí quando a gente pegou ele

(traindo) pela primeira vez no começo do ano, ela (amante) até me agrediu sabe, aí minha mãe chegou a ir na delegacia e não conseguimos fazer um B.O. pois fomos, dois dias seguidos, aí eu machuquei a barriga, machuquei o pé...foi um barracão mesmo. Aí depois disso eu não falei mais com ele... Acho que sou mais apegada com o meu namorado do que com a minha mãe. Depois que meu padrasto foi embora eu fui obrigada a ser mais amiga dela, precisou muito de mim, aí eu fui amolecendo mais, mas é bem básico, mais por causa dos meus irmãos. No começo do meu namoro a Elaine falou que era pra eu prestar atenção, se era isso mesmo que eu queria... meu namoro vai fazer três anos já ano que vem...

Lúcia – Faz quase três semanas que eu perdi minha mãe... é a maior barra pra mim porque eu tenho as minhas irmãs que são muito pequenas... mas... meu relacionamento com meu pai é bom né... agora, assim... essa última semana , minha mãe recebeu alta do hospital e foi bom porque eu tive a oportunidade de conviver com minha mãe. A gente tinha um bom relacionamento e eu pude dizer coisas pra minha mãe que... a tempos assim eu queria falar... Mas naquele momento que ela tava doente eu pude falar tudo assim, sabe... tá sendo difícil. Eu sei que ela foi porque ela tava sofrendo aqui e é isso. A Elaine me ajudou. Eu tinha sentimentos pela minha mãe, só que eu guardava pra mim, eu chorava e não fazia nada, mas a Elaine conversando comigo assim, deu pra me ajudar a falar pra ela. Foi meio que Deus que trouxe minha mãe pra

casa depois de tanto tempo internada pra passar a última semana comigo. Porque eu pego muito bem com ela, por mais que a gente brigava, por mais que fosse o último momento, eu tava ali sabe... porque eu larguei mão de uma monte de coisa sabe... pra tá ali com ela... até da AJAS.

Juliana – Eu moro com a minha mãe, meu padrasto, meu irmão, meu cachorrinho, meus gatos, tenho dois galos... (risos) Tenho uma relação mais ou menos... Eu conheço o meu pai, a minha relação com ele não é muito boa não porque, antes quando ele tava morando perto da minha vó, de 15 em 15 dias eu ia pra casa da minha vó, aí ela me levava lá, só que ele mora com a mulher dele e eu não gosto dela, maior complicada a mulher, aí ele... eu via ele, ele chegava e falava: - Oi filha, tudo bem? E eu: - Oi, tudo pai. Aí em vez dele sentar pra me perguntar como eu vou na escola, se eu tava namorando, não, ele ia pro bar beber. Aí eu falava: -Vó, quero ir embora. Agora eu não vejo mais ele. Agora que ele tá se preocupando comigo, da onde ele tá também, né'? Bem feito e... agora que ele tá preso ele se preocupa comigo e fala pro meu irmão se eu tiver precisando de alguma coisa ele dá um jeito... (risos) Não sei como... (risos) Minha vó disse que ele vai sair... Eu não vou ver ele porque...essa hora! Minha mãe fala pra mim que eu pareço demais com meu pai. Quando a gente briga ela fala: - Você é igualzinha seu pai. Toda vez ela põe o meu pai no meio... mas minha relação com a minha mãe é legal... quando eu tô chorando ela faz umas coisas loucas pra me fazer sorrir... parece

criança. Eu me dou mais com meu padrasto mesmo, que eu brigo quase todo dia, mas tá bom. Ele e minha mãe estão juntos desde quando eu era pequenininha.

Pesquisador – Fale dos seus projetos e sonhos...

Júlia – Sonho pra mim é sonho... sonhar. (risos) Ah! Eu não sei, eu tenho muitos sonhos entendeu? Eu tenho sonho de ser alguém na vida, alguém importante, né? Entendeu? Eu tenho um sonho de... ah... tipo eu gosto muito da minha mãe, mas eu queria esquecer ela sabe? Mas eu não consigo, quando eu venho aqui pra AJAS eu esqueço dela, mas quando eu acabo, quando eu tô descendo o morro lá de casa, aí eu já começo, já vem sabe, antes de eu chegar em casa eu já penso nela, já fica me perturbando, eu queria assim, tirar ela da minha mente sabe... ela não perturbar mais o meu pensamento, assim... eu tenho um sonho de sair de casa né.. eu tenho que ter tipo assim.. uma condição financeira pra eu me virar sozinha e eu sei que no meu tempo não é fácil e... tenho um sonho também de fazer faculdade... pedagogia e queria uma de hotelaria que eu acho bem legal. Tipo, eu falo isso pro meu padrasto ele me dá a maior força, minha mãe fica: - Ai, pedagogia... sei lá... Porque eu gosto sabe... Gosto de ajudar as crianças entendeu? Muito, muito, muito... o meu irmão sabe.. eu tenho ele como filho sabe... quando eu casar eu vou levar ele comigo, minha mãe fala: - Vai pensando! Mas eu queria, porque eu não gosto

de ver minha mãe brigando com ele... eu tenho ciúme dele.. é que eu cuido dele e às vezes eu acho que ele é meu. Ele tem um olho grande, uma carão grande tipo assim, igual o meu, "Traquinas". Não interessa o que ela falar entendeu? Meu padrasto dá a maior força. Eu tenho um sonho assim de parar de ligar pro meu pai entendeu? Porque eu acho assim... quando ele precisou, eu tava do lado dele, tipo, quando ele se separou da minha mãe, ele ficou com muita mulher, aí depois, ele ficava com uma lá e começou a se envolver com droga, nossa. A minha vó vivia mais no Paraná e eu era a única pessoa que conversava com ele quando ele tava drogado. Sabendo que ele tava drogado eu andava com ele na rua, eu morrendo de medo, minha vontade era chegar logo em casa, levar ele pra casa da minha vó e deixar ele lá.. eu tinha medo, no mesmo momento que eu queria ficar com meu pai, primeiro que eu não ia proteger ele né... (risos) Eu queria tipo assim, sabe, eu ficava com medo, porque a pessoa drogada não sabe o que ela tá fazendo né... Nossa, eu fiz de tudo pro meu pai se recuperar, tudo sabe... Aí quando ele conseguiu, ele esqueceu de mim... acho que ele falou assim: - Ah! A Júlia não tem mais, não tem nada mais nada... e baixou uma mulher entendeu, nossa, eu nem briguei com a mulher dele, mas vai saber o que ela falou né? Várias vezes ele gritou comigo por causa da mulher dele, já chegou de querer bater em mim no meio da rua por causa de uma mulher, entendeu? E é isso! Eu vou conseguir ser alguém importante. Alguém tipo, que passe alguém e diga: - Nossa! Eu me orgulho de você! Assim sabe... Porque eu não tenho orgulho da minha mãe.

Pra mim ela é minha mãe porque deu a luz pra mim e eu não tenho culpa... Eu considero mais a mãe da Sueli como minha mãe do que ela. O que eu tenho que falar eu falo mais pra mãe da Sueli do que ela. Eu tento conversar com minha mãe assim... sabe, se eu conseguir realizar um sonho, tipo fazer pedagogia assim, tipo dar valor no meu trabalho, ser reconhecido. Falta muito pra eu ser alguém ainda, eu sou muito boba ainda, eu tento falar sério, mas daqui a pouco eu já vou dando risada, eu não consigo ficar séria... E é isso, eu quero amadurecer. Tem que acreditar! Eu sei que eu posso! Tem que ter vontade!

Paula – Sonho é você acreditar no que você sente, pra mim é isso. Então, eu tenho um sonho em fazer faculdade sabe, de conseguir ter minha loja de roupas... (risos) desenhar minhas próprias roupas, sabe... consultora de modas... eu pego muito bem. Ter minha casa também sabe... ter uma vida estável como todo mundo. Quero arrumar um trabalho, terminar os estudos e passar de ano, aí em 2010 um intercâmbio, ir pros Estados Unidos, mas com a crise econômica, não tem como ir, mas eu quero ir pra Inglaterra, mas aí tem que ter dinheiro, então assim, aí eu volto e faço uma faculdade ou lá, ou aqui, depende do dinheiro, termino a faculdade... com meus 28,30 anos, vou tá comprando o meu terreno, tá com meu carro, uma vida estável.

Juliana – Meu sonho, parece brincadeira sabe.. querer ir pra passarela, nossa, eu me sinto tão importante quando eu tô em cima de uma palco. (risos) Meu sonho é viver num mundo artístico, música, passarela, teatro... só que pra tudo tem um pequeno defeito: Passarela, eu sou baixa demais; Música, minha voz é grossa demais; teatro, eu tenho síndrome do pânico... (risos) Fora isso, é ver um dia, não vai ser tão fácil, eu vê a minha família, por parte de mãe, parte de pai, toda junta, nem que seja só no Natal, só no Ano Novo, só pra uma foto. Nem no sonho eu consigo sonhar com isso. Mas se isso acontecer, vai ser uma confusão. Sonho com uma festa de aniversário, mas sei que não vai ter. Minha mãe falou o que eu achava se toda família tivesse, eu falei que ia ser legal, mas ela falou que não vai dar certo. Vai dar briga. Agora, profissional, ou ter uma academia de dança, me formar em educação física ou psicologia. Ter minha casa grande, de preferência com empregada, porque eu não vou querer limpar. Cuidar da minha mãe que eu já preciso e o meu carro com meu irmão junto. É ele que vai dirigir porque ele tem vontade de dirigir pros outro. Agora que a minha mãe tá realizando um sonho dela, que é passar a casa pro nosso nome, né... porque ela é muito doente e o medo dela é perder a vida e a gente ficar sem casa, um lugar pra morar sabe.

Alice – Acho que é você querer alguma coisa e acreditar que vai adquirir né... eu acredito que o meu sonho é fazer faculdade de administração e tem uma pessoa sabe que eu admiro muito o trabalho dela (psicóloga) e queria ser igual,

sabe, assim... fazer a mesma coisa. Sonho em ser mãe. Nossa, já tenho até o nome do meu filho. Sabe... vontade de.. não sei porquê fiquei com vontade de chorar... Vou ser igual a minha mãe no sentido de dar o melhor sabe. Deixar de dar pra mim, mas dar pra ele. Não seria pessimista como ela é, isso eu não levaria pra mim.

Joana – Quero fazer faculdade de secretariado, porque eu já sou secretária, sabe, e tenho vontade de fazer pedagogia também... Então, uma dessas duas faculdades e terminando o curso eu quero fazer Ciências da Computação, porque essa é muito cara e eu não vou ter dinheiro pra pagar. Pra eu fazer isso, tenho duas opções, ou eu continuo no estágio e tento a bolsa na escola da família ou prestar uma federal o ano que vem. Terminou a faculdade, tenho vontade de ter uma casa, vou comprar uma moto agora. Não agora, quando eu fizer 18 anos comprar. Agora, um sonho um pouquinho mais bobo é que eu canto, eu morro de vontade de montar banda e é isso. Eu tenho definido, eu risco, eu escrevo, entendeu? Tá no papel, eu planejo demais, é isso que eu penso. Outra coisa, eu morro de vontade de montar um tipo esse (AJAS) pra todo mundo. (risos)

Lúcia – Meu sonho assim... é fazer uma faculdade de música, mas eu penso em fazer o que a minha mãe pediu que era administração né... aí eu até... mas meu sonho é música.

Sueli – Meu sonho é fazer faculdade. Que mais... queria fazer serviço social e medicina, só que eu sei que é muito difícil... mas talvez eu faça enfermagem... minha mãe falou que eu não tenho cara, meu padrasto falou que se eu quiser fazer eu faço.

***Pesquisador** – Como vocês vêem o futuro do país?*

Júlia – Eu acho que a cada dia que passa tá piorando... tipo, cada dia que passa é um caso novo na TV.. Você não vê, tipo assim, uma matéria falando: Um cara ajuda uma instituição de uns velhinhos.. Você vê o cara que matou, não sei o quê, mata pai, sabe, é um absurdo... se continuar desse jeito nunca a gente vai viver contente, a gente vai ter mais nada, a gente... passa em frente, aonde tem árvore, você vê cada árvore mal tratada, a gente passa e arranca folha sabe... um monte de coisa, a árvore não fez nada, porque você vai lá e faz isso? A Sueli briga muito comigo porque eu tô comendo as coisas e joga o papel na rua e ela fala: - Espera pra jogar num lixo... eu acho que... esse negócio de aquecimento global também... acho que ninguém dá muita importância, mas ninguém sabe o que tá acontecendo de verdade. Ninguém se preocupa... tipo assim, tem gente que fala: - Ah, o mundo vai acabar... Falam isso desde quando eu era pequena... mas ele pode acabar.. e do jeito que tá indo..

Paula – O mundo tá bem diferente do que a minha mãe antigamente falava... hoje meninas de 15 anos já são mães né? Isso também, a violência aumenta cada dia mais... as vezes eu fico... nossa senhora.. acho que vai mudar, mas acho que não muda mais não, acho que só vai piorar.

Alice – Eu acho que a tendência é piorar, antes falava que ia acabar a água em 2050, depois 2025, daqui a pouco é pro ano que vem não tem mais nada... as pessoas não tão nem aí com o que tá acontecendo...

***Pesquisador** – Como é sua relação com Deus?*

Sueli – De vez em quando é boa... ah, quando a gente precisa é que acaba procurando mais... antes eu não ia na igreja agora eu vou todo semana. Eu não sei como explicar assim... eu vejo Deus, mas eu não... eu não sinto...

Lúcia – Então, eu acho que... todo mundo tinha que ir (igreja)... eu vou agora sempre, eu tô mais perto... eu conheci pessoas no acampamento e passei a sentir Deus a partir de lá.. mas as pessoas me ajudaram.. eu e a Tatiana (aluna da AJAS) somos muito amigas por causa disso...

Joana – Eu vejo um pouco distante, antes eu ia na igreja no domingo, no sábado... mesmo assim não era muito próxima.. aí um dia eu fui convidada pra ir numa reunião de amigos, onde eles se reuniam pra ler a bíblia e discutir e

convidaram a gente pra ir na igreja.. aí eu comecei a ler e eles falaram que é pra você perguntar pra Deus de tudo que tá ali dentro é verdadeiro e um dia.. eu nunca botava muita fé... eu nem ligava... aí um dia eu perguntei e sabe quando dá uma sensação boa de paz assim sabe... me deu.. tipo, não sei como explicar, arrepiou o corpo inteiro, aí eu percebi que Ele tá perto de mim... eu não tô freqüentando, mas eu sei que eu levo ele comigo , ajuda...

Juliana – Apesar de não ir na missa todo domingo eu acho que é boa... pelo menos quando eu tô sozinha eu fico conversando com Ele como se fosse um amigo. Minha amiga acha que eu sou louca...É Ele, Maria e o meu Anjo. Aí tipo parece que eu vejo, fico conversando na hora de dormir... eu me vejo deitando no colo de Deus, Maria me cobrindo e meu Anjo do lado.

Pesquisador – Qual é a sua relação com a AJAS?

Alice – De pai, porque eu acho assim, se um dia eu fizer alguma coisa errada vai ter gente que vai olhar por mim e se eu fizer certo vai ter gente que vai me apoiar... de pai... Pai é todo mundo, é a AJAS. Eu acho que a AJAS é uma vontade de Deus na vida de vocês, então eu não vejo nada pra reclamar, porque tudo que Deus faz é perfeito e foi Ele, é vontade dEle isso aqui.

Joana – A AJAS é legal, tipo assim... é uma ponte... amigos, família... quando você precisa de ajuda... o tempo que eu tive aqui eu adorei.

Paula – A AJAS faz parte da minha história também... na verdade, o que eu acho daqui... é esse negócio da idade... mas o resto... se eu fosse dona daqui eu mexeria na idade.. (risos) ia oferecer mais cursos, entendeu... faculdade, porque aí eu não precisava fazer fora...

Lúcia – Como se fosse família mesmo... digamos que fez parte da minha adolescência né... é isso!

Paula – Ai... que bonitinho... (risos)

Júlia - Eu acho que a AJAS é muito bom entendeu... de tudo.. quando você chega no portão você já sente aquela alegria assim... Tô na AJAS... uhuhu!!!! É bom entendeu... eu não sei falar assim sabe... Depois que entra, aquilo passa a fazer parte de você, preciso da AJAS, se fica assim... um dia sem o seu curso e você pensa: - Nossa... no outro dia se vem, você sente saudades, dá saudades... é isso...

Sueli – Eu gosto, faz parte de mim, assim... quando tá de férias sente a maior falta. Às vezes quando você vem pra cá dá preguiça sabe... mas quando tá aqui você não quer ir embora.

Juliana – Eu gosto muito, muito... quando eu entrei aqui, eu só ficava grudada com a minha mãe, cabeça baixa, eu só conhecia a Júlia, depois de um tempo, o pessoal foi fazendo parte, foi juntando... agora eu virei uma matraca sabe... Reclamar eu reclamaria da idade porque minha mãe é louca pra entrar... Tem a Edileusa... ela parece nossa prima assim, sabe... ela trata a gente muito bem, ela liga pra saber por que a gente não veio, isso é legal.

Paula – É mesmo a Edileusa é legal.

Juliana – Uma vez o assistente social fez um trabalho (dinâmica) e eu chorei muito e contei muita coisa e minha mãe não achou bom... mas aí eu falei que foi bom o que ele fez porque eu falei tudo o que aconteceu comigo e eu não tinha nem percebido que tinha passado tudo aquilo... mas é bom chorar pra desabafar um pouco... você fica prendendo aquela raiva e aí... nesse dia eu passei a gostar de você Paula... (risos) Juro por Deus, eu não gostava de você, mas depois daquele grupo... hoje eu sou um grude com a Camila (aluna da AJAS) sabe... quando você ouve a história da pessoa, sabe... você vê que a história dela é quase parecida com a nossa e tem coisa em comum.

Transcrição Grupo Focal – 2510/08 – mães

Pesquisador – Apresentações:

Carmem – Eu sou a Carmem, minha filha é a Gilciara que tá aqui, meus dois filhos entraram, mas saíram né... e minha filha adora isso aqui, o sonho dela... Por ela não teria idade pra sair daqui e ela só saiu porque conseguiu um emprego.

Débora – Meu nome é Débora, a Simone minha filha tá aqui e ela gosta muito disso aqui. Se ela puder não sair daqui... porque ela adora isso aqui. E eu faço parte do Espaço Mulher e não é nenhum sacrifício estar aqui. Mudo até o horário do médico se for possível pra estar aqui na sexta.

Raquel – Eu me chamo Ana Maria e meu filho é José de Oliveira. Está com 17 anos. E ele gosta muito e se espelha no assistente social... qualquer coisa ele fala: Vamo lá conversar, mãe! E eu apoio ele. Me surpreende que ele é muito fechado comigo e com o pai dele.

Lia – Eu me chamo Lia, minha filha já tá aqui a 3 anos, tem sido muito bom, tem ajudado muito... eu também andei freqüentando o Espaço Mulher, infelizmente não tô podendo, quando eu pude vir eu vim e foi muito bom, eu ganhei muito no período que eu participei. Hoje eu não posso vir porque eu trabalho. Uma das ajudas muito importantes pra minha filha é a Elaine (psicóloga) que vem acompanhando ela já há algum tempo e tem... ela não grita assim: - Socorro mãe! Ela grita: - Socorro Elaine! E ela comenta muito que conversa com o Assistente Social, assim quando ela tem uma oportunidade.. aliás, pra resumir, aqui na AJAS sabem muito mais da minha filha do que eu ... (risos) Mas assim, não tem sido só pra ela... tem sido pra mim.. o que eu não tenho conseguido suprir na parte... até no carinho mesmo é... todos nós temos as nossas dificuldades né? E eu tenho que ser pai e mãe dos meus filhos... eu tenho três filhos... a Luana e o Luan que têm sete anos estavam fazendo atividades, hoje eles não tão devido ao trabalho e eu não posso tá trazendo e não tenho parentes... é só eu e meus três filhos... não tem quem fica trazendo eles no horário que eu tô trabalhando... mas é uma crítica lá em casa, uma briga... - Eu quero fazer ballet, eu não acho justo me tirar do ballet! Eu já ouvi muito viu... o Bê-à-bá então... deu choro porque é muito importante pra eles... infelizmente eu tive que tirar... eu moro longe (3km) e não tem como deixar eles virem sozinhos. Resumindo é uma pena eu não ter mais tempo pra eles aqui, pra trazer eles, porque eles (AJAS) me ajudam em todas as áreas, na

educação dos meus filhos, o que eu não posso suprir como pai e mãe, eles conseguem apoio vindo aqui.

Márcia – Eu me chamo Márcia, a Maria tá aqui há mais de três anos... desde quando abriu... então... já faz bastante tempo e... eu não tenho o que falar... a AJAS é tudo pra ela.. é difícil... ela é fechada, ela é na dela sabe, ela não gosta de se abrir nada comigo... então fica difícil.. eu sou chata... eu pego no pé... mas é pro bem dela... mas quando é pra conversar é com o assistente social e com a Elaine... até que um dia eu falei: - Então vai morar com o assistente social e com a Elaine! (risos) Depois eu pedi desculpas pra ela. O problema agora é que ela tá se preocupando demais em ter que trabalhar... ela quer que corte o convênio porque ta dando muito custo, ela falou isso. O pai dela tá trabalhando dia e noite, noite e dia pra dar pra ela o que ela quer... ela pede pra cortar os gastos com ela e o pai fala que não vai cortar aí ela tá sofrendo com isso. Mas é bobeira dela... não tá faltando nada pra ela. Sacrifício tem que fazer mesmo, ela é nossa filha, a gente tem que lutar por ela... Cada dia que passa ela sofre mais. Hoje mesmo ela falou pra mim: - Mãe, o pai foi trabalhar, ele volta que horas? Mãe o pai vai trabalhar de novo? Tudo pra ela é o pai sabe... Daí ela arrumou um emprego numa padaria, daí eu olhei pra ela e o pai dela olhou e falou assim: - Oh, eu quero que você pare e pense: - Você acha que um serviço na padaria é melhor que a AJAS? Ela olhou e não respondeu, aí falou que não ia porque queria terminar a AJAS. Ela não pede nada pro pai

com medo dele não ter e ficar chateado, ela pede pra mim e fala pra eu não falar pra ele.

Lia – A minha filha conheceu a AJAS através da filha dela, a Maria.

Márcia – Então, as únicas amigas que ela tem é a Alice e a Paula e todas são da AJAS. Ela não tá dormindo direito, ela fica acordada esperando o pai, preocupada com ele.

Eunice – Meu nome é Eunice, eu sou do Espaço Mulher e tenho uma filha aqui há dois anos e meio já e ela faz aula de dança, informática e um curso com a Elaine (propulsor) e se falar mal da AJAS apanha em casa. (risos)

Telma – Eu nunca cheguei a perguntar pra minha filha... ela falar: - Mãe eu não vou pra AJAS. Não, ela fala: - Mãe eu tô indo... então ela ama aqui... ela tá aqui desde o começo... foi uma amiguinha que chamou ela e ela ficou... gente... e ele ama, ela não trabalhou mais com o pai, no meio da semana pra ela é a AJAS e disse que só ajuda o pai se for no final de semana. Não pode nem falar que é o último ano dela... se falar o olho dela enche de lágrima... chora... (risos)
Não sei... mas acho que eu protegi ela demais... acho que não cresceu... eu não deixei.

Márcia – A minha filha chegou um dia lá em casa e falou: - Pai, preciso conversar uma coisa com você. Tem copo lá onde você trabalha? Traz umas duas “fitas” de copos pra eu levar pra AJAS porque lá tá faltando. Aí o pai explicou pra ela : - Agora filha, o pai ta meio apertado porque gastou todo o dinheiro na casa e tem umas dívidas pra pagar né, mas se você esperar um pouco... E ela falou: - Tudo bem então pai. É porque lá não tem copo e eu já falei pro assistente social. É todo dia pai! Aí o pai falou: - Filha, você não pode fazer isso! E ela: - Posso sim! Eu quero ajudar né pai, eu tô lá todo dia. Se ela vai na casa da Aline e vê alguma coisa lá ela chega em casa e pede pro pai pra ajudar a amiga. É assim...

Laura – O meu nome é Laura, tenho dois filhos na AJAS, tenho um que nunca saiu. Um saiu, depois voltou e eles fazem futebol e desenho em quadrinhos. E eu tive problemas com o mais velho de 16 anos que ele era assim muito fechado... Ele não aceitava o irmão... tudo pra ele era eu e o pai dele... ele é acompanhado pela psicóloga também, a Elaine... e tudo pra ele era eu e o pai dele, aí o tempo passou e agora quando o irmão vai dormir na casa do coleguinha pra ficar jogando vídeo game, ele fala: - Mãe, e agora? Meu pai deixou o meu irmão ir dormir na casa do coleguinha e eu como fico? Vou ter que dormir sozinho? Não deixa ele dormir na casa dos outros! Aí ele pega as coisas dele e o colchão e vai dormir lá no nosso quarto. Eu faço parte do Espaço Mulher... me ajudou bastante, eles gostam muito daqui, não gostam de

chegar atrasado, quando fala o nome do assistente social parece que tá falando da... sabe... tenho problema com o de 14 anos na escola, mas não tenho problema na AJAS. Ele não quer que eu fale na escola que ele é da AJAS pra professora não vir falar aqui reclamar dele entendeu? Se a gente falar da AJAS lá na escola ele reclama. Lá na AJAS ele (assistente social) conhece como a gente é mãe, ele conhece um de cada um de nós, ele sabe problemas nosso e aqui na escola a professora nem liga, nem sabe. E agora matou nós mesmo! Porque eu também só vivia no grito com ele... agora ele fala: - Mãe pra que gritar? Fala mais baixo. (risos) Nossa!!! Matou a gente. Outro dia a AJAS (Espaço Mulher) chamou a atenção nossa que matou: - Como vocês cobram dos seus filhos se vocês são mais sem educação do que eles? (risos) Aí eu virei pro Mário (marido): - Viu? Você levou junto comigo, porque você também é sem educação. (risos) Agora nós se corrige: - Viu né, olha a sem educação, hein! Sabe, eu sou irmã dela. (Izabel, presente no grupo) Eu não conseguia sentar aqui sabe. Eu não conseguia dar muito espaço não sabe. Eu não gostava de falar nada e não se dava com ninguém também... Foi aonde eu comecei a freqüentar o grupo do Espaço e onde eu comecei a aprender, a me conhecer também, sabe, mas nossa... O meu problema era chorar, chorar e ficar trancada... hoje eu já consigo chegar aqui na porta rindo, conversar com todo mundo.

Cecília – Meu nome é Cecília, tenho uma filha aqui há três anos... Faz informática e não lembro mais o que ela faz... ela faz tanta coisa que nem sei... ela é toda feliz de vir pra cá, nem preciso falar do horário, ela já vem por conta própria.

Débora – A minha já tava brava porque segunda e terça não tem AJAS, aí eu falei: - O que eu posso fazer? Eu não tenho culpa. Porque é o dia dela vir. (Imita a filha – Hoje não tem AJAS) (risos)

Cecília – Eu falo pra minha filha que ela não fica mais em casa só pra fugir do serviço de casa né... (risos) Quando ela entrou aqui ela melhorou bastante... porque ela era meio assim... como eu posso explicar... invocada! Tudo pra ela é... ela é superior! Só que ela tá diminuindo um pouco, tá ouvindo mais. É difícil ela ouvir, ela tem ciúme do irmão, tudo ela reclama que só ela limpa a casa. Mas ele é homem... eu ensino ele também... só que... ele não obedece. Ela obedece mais. Xingando, mas obedece, mas faz... Mas ela melhorou bastante... eu nem queria vir porque ela falou que chorou muito e como eu também sou chorona... (risos)

Nair – Meu nome é Nair, o Hamilton já tá desde o começo também né... Só que como ele faz futebol, não tem tanto contato aqui dentro da AJAS. Agora no ano que vem que ele vai começar a fazer curso aqui... eu faço parte do Espaço

Mulher. Foi muito bom pra mim... não foi assim muito bom... foi excelente! Eu não tava sabendo lidar com meus filhos. Eu tenho 5 filhos e o meu mais velho faz futebol e tem 15 anos, então, tive passando algumas fases com ele e eu conversei com o assistente social e a conversa foi excelente, mudou muito, mas.. é isso. Depois que o assistente social conversou com ele mudou muita coisa. Até o carinho que eu falei que ele não tava tendo comigo, agora ele tá, entendeu? Oficializou o namoro dele porque o assistente social falou que era importante, ele chamou eu e a mãe e o pai dela e oficializou. Já o Espaço pra mim tá sendo essencial sabe. Tá me ensinando muito. Eu não tinha paciência, eu só gritava, só berrava, eu criticava, então eu tô sabendo como lidar com ele.

Pesquisador – Como você descobriu a AJAS?

Márcia – Não foi eu, foi a Maria. Ela chegou e falou pra mim se eu ia fazer a inscrição dela né, e eu acabei vindo com ela. Ela descobriu através da Paula, a Paula que... ela começou a desabafar umas coisas com a Paula e a Paula falou: - Ah, então vamos na AJAS... e trouxe ela. (risos)

Cecília – Porque me falaram do futebol. Aí eu pus o Guilherme e depois a Juliana, porque eu vi que era bom pra ela. Tem a educação... e como ela tem o gênio muito difícil, eu vou ter que pôr ela ali, vou ter que dar um jeito pra ver se ela melhorava. Falaram que aqui ia ser uma fundação tipo a FUNDHAS

(Fundação Hélio Augusto de Sousa) e como eu sou louca pra ela aprender mais coisas né... e eu sei que tem educadores, essas coisas, né... aí eu consegui.

Telma – Minha filha que descobriu... junto com a Amanda sabe... então a Amanda convidou ela pra ir lá num “negócio” lá, aí a Jéssica falou: - Mãe posso ir visitar lá? Aí eu falei que podia... aí ela gostou e não quer sair... (risos)

Carmem – Primeiro fui eu. Eu procurei, olhei, falei: - Bom! Aí eu tava conversando com ela, falei pra Pâmela que é amiga dela e veio com ela. A minha filha é muito fechadona sabe. Nunca quis fazer dança sabe... aí ela veio com a Pâmela, assistiu, gostou, entrou na dança e dali foi... aí ela ficou, adorou, até agora ela fala da AJAS... Eu fui no shopping ver uma apresentação de dança dela no festival de dança, foi muito bonito. Até hoje ela comenta... Os meninos não puderam continuar, tava no futebol, mas também tão num bom caminho... um tá na Fundhas.

Raquel – O José fazia História em Quadrinho na Casa da Cultura, aí o professor indicou pra ele vir pra cá também. Aí eu vim fazer a matrícula dele.

Nair – Foi através de um amigo do meu marido que falou. A escola queria que procurasse alguma coisa pra ocupar o tempo dele, porque eles falavam que ele

era muito hiperativo e ele já passava na psicóloga pela prefeitura, aí o amigo do meu marido falou do Chico (treinador de futebol) aí ele começou.

Lia – Conversando com a Maria... porque a Alice tava assim... a gente tava se enfrentando e... conversando com a Maria, ela falou que passava no psicólogo e aí conversou com a Elaine, aí eu marquei, aí a Alice também quis né... e nisso eu falei que a Maria freqüentava e que era bom, aí ela veio e se apaixonou e ficou.

Eunice – Eu descobri através do meu marido... ele ajudava o treinador né... o Chico, antes de vir a instituição, era só o futebol.

Laura – Foi através do esporte também né... começaram a namorar o prédio quando começou a arrumar. Ficava vigiando o prédio, o Chico falou que ia abrir aí a gente ficou esperando a inauguração.

Cecília – O Chico avisou né, falou que ia ser bom pras crianças... educação... mais pra frente informática né... aí as crianças ficaram tudo feliz né...

Laura – O meu marido. Quando abriu aqui foi aí que ele conheceu o assistente social e chegou falando: - Óia Laura, o rapaz lá que vai tomar conta... ele é muito bom viu, muito educado. Aí eu falei: - Então é isso mesmo. Aqui a gente

precisa de rapaz educado. Eu era muito ruim sabe. Eu achava porque meus pais me batiam e gritavam comigo, eu tinha que fazer com eles, e eles (filhos) vivem me culpando: - Só porque a mãe passou fome, ela acha que a gente tem que passar também... vai regular as coisas, então tá bom. Quanto tempo faz isso mãe, mas não tem problema, então vamos passar a fome zero. A senhora não pode pensar assim.

Pesquisador – Quantos funcionários da AJAS você conhece?

Débora – A Elaine, a Dita, a Edileusa, a Márcia. As meninas lá da frente, a gente conversa mas eu esqueci o nome. A Edileusa a gente chama até de lindinha... é o jeito que ela trata a gente... ela trata a gente muito bem. As meninas conversam com a gente enquanto a gente fica esperando. (recepção)

Cecília – Antes eu freqüentava muito a recepção, eu ficava trazendo os filhos pra cá, levava e voltava, agora eu arrumei uma faxina e não dá mais certo.

Laura – Eu chego na porta e já pergunto: - O assistente social tá aí? Se ele tá eu já vou embora... senão ele briga! (Querem passar o dia conversando)

Telma – Você vê, não é só os adolescentes que gostam daqui, a gente também gosta.

Cecília – Ele (assistente social) cuida dos adolescentes, mas na verdade, quando as mães precisam de ajuda ele cuida mais das mães né... Num certo momento, ele dá um puxão de orelha que serve pra gente também, vê que a gente também tá errada.

Débora – A Dita (auxiliar de serviços gerais) a gente gosta muito dela porque ela frequenta o Espaço Mulher e ela é igual todo mundo. Não é diferente né. A gente gosta dela.

Cecília – As crianças gostam também e eles levam pra casa e a gente fica feliz.

***Pesquisador** – Você já trouxe algum problema pessoal pra AJAS? Não precisa entra em detalhes se não quiser.*

Débora – Eu já trouxe e me ajudou muito.

Carmem – Já trouxe e resolveu.

Nair – Já trouxe e foi muito bom.

Telma – Eu trouxe. A minha filha namorava e o menino era um amor sabe... família. Namorou dois anos, aí começou a entrar no mundo das drogas... aí foi difícil né... pra mim sozinha... conversar com ela né... era eu falar e ela querer

ficar com ele... Aí eu vim aqui conversei com o assistente social pra conversar com ela. Foi muito difícil pra nós duas... ele ficava ameaçando ela... a gente tentou ajudar ele, mas ele não deu bola, não aceitou ajuda né... até hoje , graças a Deus tá livre!

Cecília – Sim, eu conversei com o assistente social sobre a Juliana, ela é muito complicada... a gente quase não conversa sobre isso.

Eunice – Eu trouxe! Quando a Larissa tentou suicídio por causa de um namoro que nós proibimos... aí a gente resolveu. Graças a Deus já tem um ano que ela tá namorando e tá bem. Ela namora um garoto da AJAS e eles fazem aula de dança de informática também.

Pesquisador – Qual é o sonho que você tem para o seu filho?

Carmem – Quero que ela seja muito mais do que realmente eu pareço pra ela entendeu? Porque eu sou mãe e entendo muito bem entendeu? Dou todo apoio, se nós puder fazer a gente faz. Várias vezes eu venho aqui e procurei o assistente social pra ouvir das coisas que eu não sabia como fazer. Eu vinha aqui e perguntava, e assim... eu quero o melhor. O sonho dela é ter uma casa própria. Ela falou que não quer saber de casar não. Ela quer ter a vida dela, é o que ela comenta. Ela disse que no trabalho falaram que ela podia pôr uma

pessoa no... convênio. Ela falou pra mim que colocaria o pai dela por causa da idade dele. Deu um problema na perna lá e ela quer colocar ele. Ela é muito preocupada com ele e se tá faltando algo em casa.

Débora – Eu sonho que ela seja uma pessoa melhor do que ela é hoje né!... Apesar dela ter melhorado muito... mudar o jeito dela. Ela precisa de muita ajuda... ela é uma pessoa muito difícil... mas... o sonho dela é ser advogada porque ela quer melhorar mais.

Márcia – Eu sonho que ela tenha um futuro, faz curso... que ela tenha um serviço bom né! Eu não entendo os sonhos dela. Cada hora ela tem um... Agora ela quer fazer SENAI, entrar numa empresa grande, mas acho que é só por causa do pai, não por opção dela... então é isso, por causa do pai!

Eunice – O sonho da Ana é ser jornalista fotográfica e eu espero que ela consiga. Eu sonho que ela consiga realizar esse sonho. Eu vejo que vai depender muito dela. Ela quer namorar, trabalhar e eu falei que vai depender dela fazer faculdade e conseguir uma bolsa... se ela conseguir uma bolsa... se ela conseguir como a irmã conseguiu... porque essa que tá fazendo faculdade em São Paulo conseguiu. Mas foi dois meses depois e isso deixou a gente apertado.

Laura – O Alessandro tem um sonho pra mim. Ele falou que da faculdade vai demorar, mas ele falou que tem certeza que vai conseguir passar no futebol, que ele vai ser profissional, vai comprar uma casa com campo de futebol só pra mim ficar vendo, cuidando dele... (risos) Depois que ele entrou aqui sabe, porque o Chico cobra muito dos meninos sabe, então ele mesmo lava o uniforme preocupado se não tiver pro próximo jogo e vai que alguém vai lá (empresário) e ele tá com a roupa suja e ele escolhe alguém. Porque sempre tem alguém que aparece pra ver e levar eles (contratar). Ele fica bravo quando perde. Ele chora. Comprei uma camisa pra ele na pechincha, ele nem deixou eu lavar... foi logo colocando e saindo pela rua... ela nem era profissional (oficial).

Márcia – Outro dia a minha filha Maria falou: - O pai (ela só fala pai, sabe), eu fui privilegiada sabe. Porque o assistente social falou que ia deixar pra mim escolher, daí eu escolhi a computação. Depois que eu fiz a escolha, o assistente social falou que eu tava de parabéns. Aí ela falou toda cheia né... Daí eu falei: - É filha, dança de rua depois você pode fazer. Ela tem um só probleminha sabe... se não explicar ela fica em cima... mas explicando ela entende.

Márcia – Outro dia tinha visita em casa aí eu pus a margarina na mesa e a Maria: - Mãe, que margarina é essa? Aí eu falei que era a que deu pra comprar

porque o pai dela tava apertado e ela não entendeu porque economizar na margarina, na frente da visita. (risos)

Laura – Já o meu foi numa festa. Nós tudo tava conversando lá , aí apareceu os refrigerante e ele foi lá pegar e perguntou qual eu queria e falei que fosse qualquer um. Aí ele falou: - Credo mãe, pega Coca-cola porque lá em casa nunca tem mesmo. (risos) Às vezes minha irmã Izabel ganha e ele tá na casa dela aí ele fala: - Ôh mãe! De quem é esse guaraná bem aqui? Pode tomá?

Cecília – Ela tem tantos... tem hora que ela quer dançar, quer ser professora de dança... quer ser modelo... quer se cantora... eu não sei. O que eu quero é que ela faça faculdade. Agora que ela sabe que os sonhos dela são impossíveis né, ela quer fazer... psicóloga. Modelo ela sempre quis, só se for pra televisão. Quando a minha filha desfilou aqui, eu tava trabalhando e falei que não daria tempo, mas ela insistiu tanto. Deu tempo pra pegar o finalzinho e eu vi ela... eu sempre venho, só quando não dá mesmo. O Guilherme quando cantava no coralzinho eu quase chorei... Ele tava com um febrão, mas quis ir cantar no shopping sabe, eu não ia deixar, mas aí quando ele começou a cantar... (comoção)

Nair – O sonho do meu filho é ser jogador de futebol. Futebol é tudo! O Chico vê que ele dá a vida por um jogo. É tanto que eu gostaria que ele conseguisse o sonho dele. Ele vê aqueles jogadores que começaram da favela sabe. Quer

vê a casa da gente terminada. Ele quer ter o quarto dele... e trabalhar. O que o Chico pode fazer por ele, ele faz. O conselho que o Chico dá é melhor do que o do pai que ele não tem um relacionamento. A gente chama ele de “papai Chico”. Ele não pede as coisas, ele tem vergonha, o pai dele desempregado, eu não tenho como trabalhar... tenho que levar meus filhos na escola e assim sabe... pra ele eu falo que ele tem que se esforçar. O assistente social falou que no ano que vem põe ele na computação... e eu falo pra ele ser mais do que eu e o pai dele... principalmente mais que o pai... (silêncio)

Telma – Minha filha quer ser assistente social, espelhada no assistente social da AJAS ou médica, que é pediatria, ela adora criança e dançar né... jazz. Agora ela resolveu trabalhar no sábado e juntar dinheiro pra ela.

***Pesquisador** – A última pergunta é: O que você diria pra AJAS?*

Laura – Eu tenho que agradecer né, o que seria de nós?

Cecília – Eu poria mais coisas.

Débora – Eu também.

Eunice – Não devia acabar com 18 anos, deveria ter mais coisas, pra sempre.

Cecília – Eu aumentaria e colocaria mais gente.

Débora – Eu aprendi muito aqui dentro e não gostaria que a Simone saísse, nem a gente... porque a gente aprende a mudar, os outros são loucos pra entrar, mas como eles não têm idade...

Eunice – Eu tenho um caçula de 11 anos e ele faz Fundhas, mas ele quer de todo jeito fazer os dois, ele é louco pra entrar no violão. Ele fica com ciúmes, porque ele fica ouvindo a Larissa: - AJAS, AJAS, tudo AJAS. Agora a hora que eu fui sair ele: - Mãe posso ir com você? (risos)

Débora – Lá em casa também.

Nair – Meus filhos também. Eu tinha um sonho de colocar eles na Fundhas, mas daí hoje eles falam: - Mãe, vê se a senhora coloca a gente na AJAS, aí nós não precisa entrar na Fundhas. (risos) Eu trouxe outro dia as meninas no Espaço Mulher (não tinha com quem deixar) e agora quer vir toda vez.

Telma – A Carol mesmo (aluna do teatro AJAS, amiga da Jéssica) depois que entrou lá (Fundhas) sabe, tá com uns costumes, começou com gíria, sabe, mudou muito.

Eunice – É que lá tem tudo isso.

Cecília – Eu também queria colocar lá sabe, mas depois que eu fiz a inscrição ligaram pra mim e falaram: - Tem pai? Ele tá preso? Ele morreu? Aí eu vi que pra você ir, você tem que ter um monte de coisa ruim na sua vida pra depois ir lá, aí eu falei no telefone: - Pôxa vida, eu preciso que meu marido morra pra ela entrar aí? Muito obrigada!

Telma – A Carol só entrou porque a mãe dela é amiga de uma moça que trabalha lá dentro.

Carmem – Se eu fosse falar alguma coisa pra AJAS... eu acho que isso aqui é muito bom. Meus filhos falam em vir pra cá de novo, porque eles sabem, eles falam...

Cecília – Tinha que ter coisas pra nós.

Eunice – Mas tem, o Espaço Mulher, tem culinária, tem passeio...

Débora – Passeio no Parque da Cidade foi ótimo, a gente se distrai, vai em lugar diferente... psicóloga... e tudo!